

Edith Moniz  
Paolo D'Aprile

**BEM AQUI**



MACOND  LIBRI

Edith Moniz  
Paolo D'Aprile

**BEM AQUI**

MACONDO  LIBRI

2018



<http://www.macondo.it>

Agradecemos  
Laura e Enzo... pelo apoio incondicional  
Eneida... por tudo  
e todos os amigos de sempre

À Marta, Pedro Henrique e Gabriel  
para que nunca parem de fazer perguntas

*...não se pode deitar a cabeça no travesseiro e dormir em  
paz até que alguém, criança ou idoso, for despojado da sua  
dignidade de pessoa humana.*  
(Maria)

## **Brasileiros Brasil**

Nós  
os enterrados vivos  
sem força  
sem voz  
esquecidos  
mãos atadas  
pés acorrentados no lodo da vergonha  
na escravidão duma vida sem sentido  
A esperança é um luxo proibido  
Os nossos gritos perdidos no vazio  
buscam  
a luz que não consegue iluminar  
a escuridão do nosso medo  
Bando de vagabundos  
canibais em busca da próxima refeição  
Mortos agonizantes na espera do golpe de misericórdia  
espectadores inermes de um jogo que não é nosso  
cuja regras não fomos nós que as escrevemos  
Extraviados  
iludidos  
despojados  
rasgados  
defraudados  
esculachados  
humilhados e ofendidos  
Somos todos personagens de Jorge Amado  
num livro escrito por Dostoievski

vivendo o pesadelo de Kafka

Brasil meu Brasil brasileiro  
Gente em toda parte  
na solidão da alma  
espera vã  
nos desertos das metrópoles  
nos sertões invadidos por promessas e mais promessas  
sem rumo  
sem destino  
sem passado  
a procurar memórias do paraíso nunca existido  
esquecendo a construção dos mitos  
ao gosto de reis e rainhas de outras terras e outras gentes

Nós, o bom selvagem  
na Terra de Vera Cruz  
gente de mão estendida  
que implora: o espelhinho ontem, a tecnologia hoje  
Mas Nós, quem somos Nós?  
Nus sem pecado  
Povo novo em fazimento  
maravilha work in progress  
povo in ser  
construindo duramente o seu destino

Nós, o sorriso das crianças  
Nós, os sinceros abraços de amizade  
Nós, a palavra “saudade”

Nós, a palavra “desejo”  
Nós, a alegria sempre  
Nós, o direito reconquistado  
Nós, o sonhar acordado  
Nós, o delírio de uma noite de Carnaval

Nós, gente do mundo inteiro  
múltiplos rostos únicos  
debaixo do sol tropical  
da mais linda província da Terra  
plasmando um mundo novo

Temos voz e anseios  
Temos olhos para enxergar o caminho  
o caminho das mudanças  
da infinita possibilidade de escolhas  
o caminho das diferentes verdades  
Temos pés para percorrê-lo  
mãos para puxar quem não conseguir  
e coragem de não voltar atrás

Nós, sem nada  
Nós, braços abertos  
Nós, acostumados com a sobra  
queremos agora  
participar  
assim  
do jeito que nós somos

Levaram-nos a harpa embora

ficamos com a música

## **CENTRO**



## **Meninos de rua?**

Meninos de rua. Nunca me conformarei com esta definição: “meninos de rua”.

Nunca.

Toda vez que escuto, leio, ou pronuncio esta locução, percebo que está tudo errado.

E não somente de um ponto de vista semântico. Tudo errado significa exatamente isto: tudo errado.

E então pergunto: como é possível catalogar um cidadão brasileiro, menor de idade, criança, assim desta forma, com um apelido tão infame quanto este: “menino de rua”? Como se não tivesse ou nunca tivesse tido um pai ou uma mãe, quatro paredes e um teto, um irmão, um tio, uma família, uma casa, um lar...

Estamos tão acostumados a convivência com situações extremas, que aceitamos calmamente olhar para as nossas crianças e, sem pestanejar sequer, logo definir a espécie ou subespécie humana a qual pertencem: filhos da classe média que frequentam clube e shopping... meninos que trabalham na rua vendendo balas e chicletes para ajudar em casa (“muito bem: trabalhar nunca fez mal à ninguém, não está roubando, não está matando, melhor trabalhar que usar drogas”)... meninos de rua, moleques, pivetes, trombadinhas, marginais...

E assim vai... e assim começa a catalogação do ser humano... e assim continuamos aceitando tudo o que vemos como a coisa mais natural do mundo.

Quantos “pequenos cidadãos brasileiros menores de idade aos quais foi tirada a possibilidade de um desenvolvimento

saudável” aparecem em quinze minutos, quando simplesmente me ponho sentada nos degraus da Ladeira da Memória ou nos bancos da praça Dom Gaspar? Dez, quinze, cinquenta, mil?

Não adianta que mais uma vez passe a descrever a forma de como vivem milhares das nossas crianças: o mundo inteiro já sabe, nós brasileiros já sabemos, já o vimos dezenas de vezes na TV, nos jornais, nos faróis, nas ruas do centro... o que não sabemos é tirar a máscara da hipocrisia e começar o trabalho de resgate da dignidade nossa e das nossas crianças. Nossa, sim senhor, porque até quando permitirmos a existência de situações extremas, é também a nossa dignidade a ser tragada pelo esgoto que serve de abrigo para as crianças...

“Vem, hoje está frio, vem comigo, vamos na casa de abrigo, onde poderá comer, tomar banho e dormir numa cama quentinha. Vem que hoje vai esfriar muito...”

“Tia, o chão é a minha cama, o céu e as estrelas são os meus cobertores...”

Não, não é uma frase de São Francisco de Assis, estas são palavras de uma menina de onze anos ao recusar-se de ir para uma casa de abrigo em uma noite de inverno, em que a temperatura baixou até cinco graus...

Casas de abrigo... cama quentinha... sopa... banho...

é isto que sabemos ou que podemos oferecer a esta menina? Nós, o Brasil, O BRASIL, gigante pela própria natureza, nós que sentimos um nó na garganta ao ver a seleção de futebol cantando o hino nacional. É isto?

Penso aos meus filhos... quantas pessoas se ocuparam deles, quantos adultos tiveram por perto para ajudá-los no

desenvolvimento, quantas atenções receberam para que pudessem tornar-se adultos responsáveis?

Vamos fazer as contas: um pai e uma mãe, constantemente ao lado; dois avós paternos e dois maternos; quatro tios. Saindo do círculo familiar devo computar todos os outros adultos que me auxiliaram: duas professoras na escola, dois na escolinha de futebol, o padre na paróquia... Perdi a conta, perdi a conta! Quanta gente, quanta gente em volta dos meus filhos: todos prontos para ajudá-los, para ensinar, para passar experiência de vida, conhecimento, informação, educação...

E nós, sociedade brasileira, podemos oferecer... casa de abrigo, sopa, cama quentinha, banho?

Está tudo errado. Tudo.

“O que você faz?”, me perguntariam agora, quase com tom de sarcasmo.

Eu... por enquanto posso fazer muito pouco, mesmo assim faz mais de um ano que me encontro na rua para conquistar a confiança de cada “pequeno cidadão brasileiro”. Uso a minha experiência de pedagoga, de professora, de mãe para que cada um encontre em mim alguém em quem confiar.

Então começo simplesmente tirando do meu rosto aquela cara de medo ameaçador, de medo de ser roubada, de medo de ser “contaminada”, em vez de me encolher para proteger a bolsa, abro braços e sorriso...

Escrita assim parece a maior bobagem do século. Mas é assim mesmo.

Afinal, o que uma criança quer de um adulto?

Uma vez feita a primeira aproximação, e isto pode durar semanas inteiras, quero começar pelas coisas mais urgentes,

quero que todos usufruam do direito sagrado a saúde. E então começo os contatos com os postos de saúde, os hospitais, as clínicas especializadas...

Muitas crianças se encontram drogadas, doentes, com febre, infecções, doenças venéreas..., nada mais justo então de levá-las onde possam ser cuidadas.

Este é o primeiro passo que encontrei para conseguir ser aceita por elas: me interessar aos problemas específicos de cada uma.

Conhecer cada uma pelo nome, procurar a família ou o que restou dela, convencer os responsáveis da importância da escola, ir junto fazer a inscrição na escola, ir junto ao hospital, ir junto, estar junto. Mas não me contento em compartilhar momentos, alegria e tristezas, não. Seria trabalho de santa e eu não sou santa, sou cidadã brasileira com direitos e deveres perante a sociedade.

E é isto que quero, que cada um desses “pequenos menores de idade que nunca tiveram a possibilidade de um desenvolvimento saudável” retome o que é seu.

Mas aprendi que o poder público com os mais fracos é sempre cruel e impiedoso:

podia enumerar dezenas de casos de espancamento e tortura perpetrados por parte da autoridade policial contra crianças de dez, onze anos; poderia contar as dezenas de vezes que vi crianças impedidas de entrar nos abrigos noturnos por estar sem sapatos ou expulsas dos mesmos por ter feito um pouco de bagunça... Poderia denunciar, escrever, gritar, esperar... nada serviria, já foi feito por pessoas mais importante que eu, e o meu grito não seria ouvido.

Escolhi assim o caminho do trabalho silencioso, usando os meios que tenho (as minhas mãos, e os meus conhecimentos) para conquistar junto às crianças o direito que lhes pertence: a dignidade.

E como a dignidade não pode ser privilégio de alguns em detrimentos de outros, aqui vai o meu apelo à consciência de cada cidadão brasileiro, de todos nós:

o futuro começa hoje e começa para todos.

## Não

Como sempre se poderia dizer que a vida é assim, que precisa ter também um pouco de sorte, mas desta vez parece que este ditado popular seja mais cruel do que nunca.

Tem doze anos e o corpo de mulher, mulata de olhos verdes: um estereótipo vivente quando se pensa nas belezas da nossa terra, quando se olham distraidamente aquelas fotos que comovem e nada mais.

Uma noite na praça, aparece de repente por detrás de um banco junto aos degraus da praça que serve de esconderijo. Sentados, esparramados, um grupo de *manos*, drogados há anos, folgados e *espaçosos*, não mais crianças. Abaixando-se para não bater contra o concreto, aparece por trás, o seu sorriso deslumbrante, luminoso e cativante. É alta como eu, uma menina crescida e desmamada na rua, agora uma mulher, para quem a vida não esconde mais nada. Está frio, interrompe a conversa e implora para ser levada embora dali “levem-me embora agora, já.”. Começa assim uma longa caminhada até a mais próxima casa de acolhida para meninos de rua, o frio acorda-a, ri abobalhada pelos efeitos da droga e da cola de *baforar*. Após a primeira fuga, a encontramos muitas outras vezes, até que decide não mais desgrudar de nós, nos procura, nos telefona, encontramos-lhe uma outra casa, mais linda, mais acolhedora e mais organizada. Em poucos meses acontece a transformação, abandona a droga e a cola em favor da escola e das atividades recreativas, porém não esquece dos amigos. Aconselha-nos aonde ir para *tirar da toca* como ela diz, um e outro, tragam-me o meu irmão, pede. Trazemos-lhe-o.

É ele a sua cópia xérox, porém ao contrário. Pequeno, magro, doente,... macilento, permanentemente resfriado, sujo, esfarrapado. Tem uns dez anos e vive em uma outra área da cidade, frequenta a região do crack. Mora num *mocó*, um buraco no cimento nas frestas de um viaduto, entre o asfalto e a terra nua. Não quer saber.

Vem conosco algumas vezes. Quando nos verá se afastará xingando, corre.

Certo dia quer me vender crack, me insulta e me cospe, puxa a faca de longe, foge mais uma vez,

A ela a vida começou a sorrir: foi adotada, agora tem uma família verdadeira, a rua abandonada há poucos meses não pertence mais ao seu universo, esperamos que seja só uma lembrança longínqua.

A ele, o irmão que não conseguimos levar-lhe, a vida fechou definitivamente a porta na cara.

E o fez na pior das formas.

Encontraram-no morto, no meio fio de uma rua do centro, uma daquelas ruas de grande trânsito, uma avenida de doze faixas, onde se passa e não se olha, onde não se tem nem tempo nem vontade de perceber que aquela coisa cambaleando na frente do carro é uma criança, e então passa-se por cima, e deixa-se morrer de noite, com o corpo despedaçado pelas rodas, no meio fio da rua.

Como um cão.

## Buon Natale

Verdadeiramente hoje não deveria nem levantar da cama, chove e estou com os pés sangrando.

Escuto dentro de mim a voz daquele meu grande amigo que quando fazemos algo de difícil ou cansativo, diz em tom de gozação: “*sei contenta di essere volontaria?*”...

Os pés estão sangrando porque ontem caminhei o dia inteiro com os sapatos novos. Nessa eu caio sempre, compro um par novo e logo o ponho, ando com ele por horas a fio para depois me arrepender no dia seguinte. É que os outros sapatos estavam estourados, literalmente. Faz mais de um mês que ando das cinco da manhã até a noite. Começo indo debaixo do viaduto para acordar os garotos. Os acordo sempre muito cedo, porque temos hora marcada com o médico as sete. E temos que ir a pé. Não posso me permitir pagar ônibus ou metrô, andamos a pé que também é uma forma de acordar para sair daquela sensação de torpor absurdo que o sono e a droga produzem.

Sempre pensei que precisa dar dignidade a essas crianças, algumas muito pequenas, menininhos de sete, oito anos, outros um pouco maiores que convivem debaixo das pontes entre droga, prostituição, violências de todos os tipos e indiferença absoluta de todas as autoridades. Sim, digo todas as autoridades e se vocês quiserem volto a repetir: todas as autoridades. E com este nome indico seja o Estado, presente só como Força de Segurança Pública; seja a Prefeitura, com os seus mirabolantes projetos de “bem-estar social”; seja (e digo isto com o coração em prantos) a Igreja, que chega até



o ponto de expulsar fisicamente os meninos quando querem entrar para assistir à missa.

Portanto, se deles ninguém se importa, que pelo menos eu mostre que lhes quero bem, lhes quero bem e só, mesmo se estão sujos, mesmo que durmam no meio de ratos, mesmo se de vez em quando roubam, mesmo se usam drogas. Lhes quero bem e é por isso que procuro fazê-los entender que a vida pode ser diferente e pode ser muito mais linda, sem droga, sem violência. Depois, pensando bem e sem falsa modéstia, posso dizer que tenho uma grande experiência: sou mãe de três filhos, professora, depois diretora e para concluir pedagoga: resumindo, de crianças e garotos manjo bem. Por isso decidi arregaçar as mangas e me pôr a trabalhar.

Tenho um objetivo muito simples: tirar todas as crianças da rua. Quero que o meu País não seja mais conhecido como a pátria dos “meninos de rua”, quero que estes “meninos” voltem aos lares de origem e principalmente quero que se criem as situações para que ninguém fuja de casa ou seja abandonado à mercê da rua.

Parece um sonho de megalômano, mas quando me disseram que Ernesto Olivero começou a sua aventura com o intento de erradicar a fome do mundo, me convenci que o meu objetivo talvez fosse mais simples. Por isso faz meses que me encontro na rua procurando conquistar a confiança de cada um deles, mas não me dou por satisfeita somente em compartilhar momentos recreativos ou educativos e por isso, cada dia, desde outubro, os carrego comigo um por um para levá-los ao médico: quero começar pelas coisas mais

urgentes, quero que também eles possam usufruir do direito à saúde, não quero mais vê-los doentes, com feridas abertas, com febre alta...

Os levo um por um no Posto de Saúde que os meus amigos do Arsenal me indicaram como um dos melhores, onde até hoje fomos tratados muito bem. As assistentes sociais se desdobraram para ajudar-me, os médicos, os enfermeiros e todos os funcionários entenderam e colaboraram procurando facilitar as situações e, principalmente, tratando os meus meninos com o respeito que merecem.

As realidades que encontro são duríssimas: uma garotinha grávida, drogada e com sífilis; um outro com problemas de pele; um pequeno ferido que nunca foi vacinado... e poderia continuar até amanhã. Depois volto à praça onde outros estão a minha espera para fazer exame de sangue; depois tenho uma reunião com a assistente social de um centro de recuperação... e assim os meus pés me puxam de um lado a outro da cidade.

E sempre vale a pena, principalmente agora que T. e G. me pediram expressamente que as tire da rua, me pediram ajuda. E então recomeço com novas reuniões e mil telefonemas: um meu amigo italiano, Padre G. está disposto a acolhê-las na sua comunidade por algum tempo na espera da internação definitiva numa casa especializada para recuperação. Esta é uma grande fazenda onde os garotos, além de estarem em um ambiente aconchegante, podem estudar e aprender um ofício. Porém, se esperasse que se mexam o Estado, a prefeitura ou a Igreja, passariam anos e nada aconteceria.

Não sei como é na Itália, mas aqui o jogo do empurra-empurra das responsabilidades, impera desde sempre junto com aquele não menos sujo da corrupção: me dê uma cervejinha aí, que a gente resolve, dando mais, negócio fechado.

A Igreja...fazer o que, a Igreja às vezes tem alentos de verdadeira santa, outras vezes se vira como pode. Ela também é feita pelo homem e o homem às vezes complica a situação. Mas eu acredito na Igreja militante, na Igreja que acolhe, na Igreja que vi tantas vezes no Arsenal, na Igreja frente de batalha, na Igreja peregrina feita por homens e mulheres de boa vontade, na Igreja feita de indivíduos como você e eu que querem mostrar ao mundo como é o vulto do Senhor.

E então eis me aqui, com os meus pés sangrando.

Não sou uma mártir, mas pelo menos até segunda feira, até eu deixar T. e G. nas mãos da comunidade de padre G., continuarei a caminhar. Agora levanto e saio, chove, tenho o guarda-chuva.

Daqui a alguns dias é Natal, é Natal em todo o mundo. Penso a vocês, amigos italianos, agora congelando no frio; penso a nós no nosso calor tropical; penso em nossos “meninos” que passarão a noite de Natal debaixo da ponte. Com certeza saberão que é Natal, pois eu direi, os levarei comigo à missa. Quero que este ano sinalize o início da mudança, quero levá-los comigo, um por um, em frente ao presépio e rezar para “i bambini italiani”, iguais a eles,

iguais a todas as crianças do mundo, iguais àquele pequeno que nasceu pobre, começou, desde cedo dar à mãe muitas dores de cabeça até deixá-la verdadeiramente preocupada: foi embora de casa, começou a girar o mundo dizendo coisas inacreditáveis, morreu só, como um cão, mas que no fim ressuscitou para dizer que a morte se vence com a vida e com o amor, ressuscitou para mim no Brasil, para você na Itália e para os nossos “meninos” debaixo da ponte.  
Buon Natale a tutti voi, a tutti noi.

## Coro

Acompanho minha filha ao Shopping Higienópolis, onde com o coral da escola se cantarão músicas natalinas sob a gigantesca árvore, entre luzes e cores impossíveis, entre vitrines e senhoras emperiquitadas e empacotadas que se gabam pela beleza do filho cantor. Estranhamente está frio, em pleno verão uma tempestade que esfria o ar dos quarenta graus de anteontem aos quinze de hoje. Chove e está ventando.

A grande praça ainda está cheia daquela gente apressada que corre ao metrô, mas os grandes degraus atrás do chafariz como sempre estão desertos.

Não é verdade. Alguém está ali. Está parado apoiado na mureta, na espera.

Aproximo-me e cumprimento como sempre faço quando quero começar um contato. Em resposta tenta me seduzir com uma piscadela. Pequeno, gordinho, mulato, cabelo à Ronaldo. Bem arrumado, se aproxima e se oferece por uns trocados ou pelo guarda-chuva: é isto mesmo, o guarda-chuva.

Oferece-se deste jeito para ganhar o guarda-chuva, pode vendê-lo por dez reais e comprar dez saquinhos de cola para baforar ou dez pedrinhas de crack.

Paulo, o seu nome, e é esta a deixa para fazê-lo sorrir, me abraça, é meu xará, e me cumprimenta com o típico gesto das mãos que batem uma na outra, abertas, fechadas a punho, para se reabrir e se apertar com força. É o gesto de quem pertence ao mesmo grupo, à mesma gangue. Diz que “trabalha” sempre ali, mas eu nunca o vi. Falamos. Tem

doze anos, fala como um grande, é inteligente, pergunta quem eu sou e o que faço, se sou policial. Abre-se. Diz que está com muita dor de barriga, é a droga, respondo. Resolve que sou médico quando vê o meu aparelho de pressão na bolsa. Quase consigo convencê-lo a ir comigo, o teria levado à casa onde sempre levamos as crianças como ele.

Tento: “poderá comer, tomar um banho, dormir numa cama limpa e não debaixo do banco da praça, brincar com outras crianças como ele, vai ter música e festa. Poderá comer.”

“Comer? O quê?” Começo a lista do menu, parece gostar. Não me batem? Pergunta. Está para ceder, o jantar é um grande chamariz, chega um casal de adultos que estavam observando a cena há um tempo. Podem ir eles também? Pergunta com insistência. “Eles” são aqueles que o exploram depois do “trabalho”. Chegamos a um acordo. Virá amanhã. Combinamos para as sete da noite. Acompanha-me por um minuto de repente para e me abraça: devo ir trabalhar, mas nós veremos amanhã, vai vir, tio? Claro, que sim, venho, me espera Paulinho que virei...

No Shopping Higienópolis o concerto de Natal deveria ir muito bem, penso.

Luzes indizíveis, papais Noel de plásticos e senhoras empacotadas. Minha filha canta bem, gosta, ensaiou o ano inteiro e hoje é o grande dia, ainda bem que a sua mãe foi, porque senão ficaria triste. Pela primeira vez cantarão a duas vozes, bravo. Tão pequenos e já sabem cantar a duas vozes.

Chego ao Anhangabaú, são as nove da noite. Vinte garotos estão sentados no chão, um em cima do outro. Os menorzinhos levantam e me abraçam, antes um por um, depois todo mundo junto. São muitos, muitos pequenos,

muita droga, muito frio. Vejo caras novas, existe uma constante reposição, crescem e desaparecem, morrem ou vão presos, mas chegam uns novos, sempre. Hoje estão alucinados como raramente os vi, se batem, gritam, correm. Uma garotinha me olha fixo nos olhos, o olhar embaçado por um véu de dor e as pupilas que começam a se distanciar, tem um espasmo, vomita e cai. Tio, tio, conta como é a Itália. Sentamos no chão em círculo, alguns escutam outros se batem, com paus. Levanto e vou embora. Quem quiser vir comigo que venha. Vêm cinco. No caminho fico com dois me dando a mão, pequenos, nove anos um e dez o outro. Os outros três nos seguem à distância. Sabem que não poderão entrar na casa de acolhida, são grandes, mas vêm mesmo assim. Seguem de perto, continuam a cheirar cola e fazer bagunça. Reprendo-os com energia., os transeuntes me olham estranhando: tenho um pequeno nas costas, os outros na mão e chamo atenção de três garotos que poderiam me fazer em pedaços. Obedecem por três minutos, despedem-se e vão embora. Aquele que está nas minhas costas rouba de um camelô um doce e o põe na minha boca passando com a mão por cima da minha cabeça, sinto o cheiro nauseante da cola, e mando jogar fora. Para e decide que não vem mais. Ficou um só, o menor de todos, Vanderson. A longa caminhada o acorda. As ruas do centro estão todas iluminadas. Tio, Tio, papai Noel virá para mim também? Pego ele no colo porque não sei o que responder. Chegamos. A casa está cheia, quarenta vagas ocupadas, são dez e meia da noite, mas a cozinha se abre para Vanderson que está com fome.

O concerto no Shopping Higienópolis numa hora desta já

terá terminado e minha filha estará em casa a dormir feliz.  
Está na hora de ir.

Tchau Vanderson.

Tio, tio vem também amanhã?

Chego na praça, nenhum sinal de Paulo, o menino que se prostitui por dez reais. Sigo o caminho de sempre entre as ruas do centro. Três meninos, atrás da banca de jornal estão apanhando de cassetetes de um policial fardado, estavam cheirando cola. E a polícia tem a ordem de reprimi-los a qualquer custo. Reconhecem-me e se aproximam, o policial grita, os levo embora. Venham comigo, mas comportem-se: durante o caminho me seguem às vezes de longe, às vezes segurando a minha mão, roubam dois camelôs, puxam a bolsa de uma velhinha, batem num outro menino encontrado por acaso. Naturalmente devo intervir nos casos de roubo, mas quando estão entre eles fumando, cheirando ou se batendo, me afasto: se quiserem me seguir, muito bem, senão, paciência. Somente um deles não conhece a casa de acolhida, o convenço a vir com a promessa de que ninguém encostará a mão nele e que ninguém roubará o seu yo-yô.

Chegamos, tomam banho, trocam de roupa e jantam. No momento de ir para a cama os procuro sem encontrá-los, fugiram pela janela do andar térreo e pularam o portão. A droga fala mais alto que a cama. A noite na casa de acolhida passou em alegria, cantavam-se as músicas natalinas, faziam-se dramatizações sobre a vida de rua, apresentações nas quais encenam-se a dura realidade, mas também episódios divertidos da vida do dia-a-dia.

Dois pequenos me adotam como companheiro de



encenação: eu serei a prostituta e eles os policiais, inútil dizer o resultado da comédia. No momento dos cânticos de Natal um filhote magrinho de olhos fundos e as mãos longas e calosas retira-se num canto da sala, com a cabeça apoiada na parede chora em silêncio. “Por que fica neste canto, de castigo sozinho?”. Porque é o que mereço, fugi de casa sem precisão.

Mas por quê?

Me batiam.

Sobe no meu colo e continua a chorar. As músicas de Natal fazem muitos chorar, pelo menos seis não conseguem mais se conter. Está na hora de ir para a cama, quarenta meninos são muitos, o mais velho tem quinze anos, o mais novo cinco. Os meus dois colegas de teatro querem que eu fique com eles enquanto dormem: tio, tio, como seria bom se estivesse alguém que ficasse com a gente todos os dias.

Como seria bom

**E se...**

Hoje a Minha Terra é feliz. Eu sei que na Itália um dia como hoje significa pouco ou nada, mas aqui é o dia mais esperado do ano, é festa nacional: o Carnaval.

Todo o País festeja, dança, brinca, em uma euforia popular cheia de energia, um hino à vida, uma poesia de amor em que um povo inteiro expressa a sua alegria de viver, um dia especial em que a nossa gente pode olhar a si mesma e não se envergonhar perante o mundo da sua pobreza e do seu subdesenvolvimento, um dia em que finalmente se revela a grandeza épica de um povo em formação, o meu.

Talvez seja difícil entender isso para quem fica do outro lado do mundo, olhando para nós com olhos críticos, mas hoje é a festa do meu povo, da nossa gente e eu, que sou do povo, eu que trabalho com a nossa gente, quero também festejar e comemorar.

Chego na Praça e o normal vai e vem é hoje substituído por uma espécie de deserto irreal: ninguém, não vejo ninguém. Nos feriados as pessoas abandonam as ruas comerciais do centro que se transformam assim em terra de ninguém. Sento no chão e começo o meu trabalho, estou sozinha, mas é só começar a pegar o material que as primeiras crianças brotam num de repente que, se não estivesse acostumada, me assustaria.

Que alegria vejo em cada rosto, que sorriso, que felicidade! Sentados no chão, recortando máscaras de papel, pintando enfeites e brincando o Carnaval, sem nada, sem desfile de luxo, sem televisão, sem atrizes famosas... A música somos nós que a cantamos com as nossas vozes, na mais pura

alegria das marchinhas típicas. Observo e constato que tantos sorrisos e tanta participação são proporcionados também pela total ausência da maldita cola: hoje não vejo os traficantes, vejo finalmente, após muito tempo, a verdadeira carinha das minhas crianças, vejo finalmente os olhos sorrindo felizes sem aquela camada de ausência e delírio que a droga provoca, vejo mil mãos rápidas e espertas cortando e pintando as máscaras, vejo pulos de alegrias, abraços e beijos.

Que lindo dia hoje, numa praça do centro com quarenta crianças brincando, por um momento livres da dor, livres do medo, livres da droga, que lindo dia.

Quero trabalhar sempre assim, para ver as minhas crianças como as vi hoje, quero que a vida delas possa ser feliz como foi hoje, quero...

Percebo que quero tantas coisas que preencheria páginas e mais páginas, decido então de querer uma coisa só e trabalhar para isso: o resgate da dignidade de cada uma das minhas crianças.

Há uma poesia que diz “tristeza não tem fim, felicidade sim”. Num dia como o de hoje, eu li no rosto de todos o pedido a mim e ao mundo para que tudo seja diferente, para que nenhuma criança possa mais sentir a dor da tristeza causada pelo abandono à vida na rua. Eu, com as minhas brincadeiras tentei dizer a elas que poderão sempre contar comigo para que a felicidade do carnaval não evapore numa brincadeira de poucas horas, mas que se transforme em sentimento duradouro e verdadeiro.

E se o meu povo percebesse como é fácil um pequeno gesto de amor...

E se o meu povo aprendesse a se aproximar das minhas crianças com os braços abertos para o abraço e não com a expressão do medo ameaçador...

E se o meu povo entendesse aquela frase do Ernesto: as crianças de rua não são o problema, mas a solução do problema...

E se o meu povo compreendesse o valor da solidariedade gratuita...

E se o meu povo...

então esta Minha Terra abençoada seria realmente Feliz.

## Esse

S., para indicar o meu verdadeiro nome é suficiente uma simples letra, tanto faz, não interessa a ninguém como me chamo, e depois aqui na rua todos usam um nome inventado, um apelido ou um nome de guerra ou também se usa o nome que se gostaria de ter. Também a minha idade... não digo a vocês, não digo nunca quantos anos eu tenho, assim eu posso sempre inventar e quando precisar, aumentar ou diminuir: se me para a polícia digo sempre que tenho dois menos e depois... e depois... eu... sou livre, vou onde eu quero, faço o que quero, durmo onde quero. Hoje moro aqui neste caixote, cabemos em quatro, cinco com o meu cachorro e uma vela para enxergar no escuro, porque de noite está escuro e frio. Amanhã se os guardas queimar a minha barraca vou em outro lugar. Quatro tábuas e dois pedaços de papelão, arrumo em qualquer lugar. Hoje está frio e estou com dor de barriga. Me disseram que é a cola de baforar... não, não pode ser porque não uso mais, é o crack agora. Porém tenho enjoo e a barriga cresce, olhem só como cresce, parece uma bola, um gordão...tem dentro um menino. Mas como entrou um menino aqui? Como fez? Tem um menino, é verdade a barriga se mexe e às vezes me chuta, vai se chamar Ronaldo. Entrou aquela noite quando estava com G ou com P ou com Z ou com o alfabeto inteiro, não me lembro. Mas como eu gosto de G, então quer dizer que entrou aquela noite que estava com G. Ele tem quatorze anos, dois a menos que eu, o conheço faz muito tempo. Hoje estou enorme, disseram que vão abrir a barriga e arrancam o menino para fora. Agora que olho bem não parece com Ronaldo coisa nenhuma. No hospital ouvi que diziam os

nossos nomes mais três letras do alfabeto: HIV, o nome soa melhor e também me chamaram assim: S HIV. É pesado e não sei como fazer para segurá-lo com a mão esquerda pra mamar enquanto com a outra mão me preparo o crack. Trabalhei o dia inteiro, pés descalços, o menino no colo, ainda bem que chorava muito, assim me davam mais dinheiro, porque quando se pede esmola pra ganhar mais dinheiro, os outros tem que ter pena de você, ainda bem que o menino chorava. A dose de crack está garantida. E o pequeno, porém continua chorando, talvez queira fumar também. Está muito frio, mas a minha cama é a terra nua e as estrelas são o meu cobertor. Nos abrigos não me querem porque tenho mais de quinze anos (viu porque às vezes invento a idade?) e depois agora tenho um menino e para ele não tem vaga. E depois não quero ir no abrigo, a última vez tinha um cara que se fazia chamar de “tio”, trabalhava como educador... grande merda, não fez outra coisa senão passar a mão em mim a noite toda. Em mim e em F que é um menino, enfiava a mão por baixo dos cobertores, acompanhava a gente ao banheiro... Não vou ao abrigo. Agora se me faço tocar por alguém pelo menos cobro, mas é difícil que alguém queira. Quando me aproximo de um homem que vem até aqui para mexer ou se fazer tocar por alguém, este se afasta com cara de nojo. Talvez porque não tomo banho ou porque me faltam dois dentes ou porque tenho o menino no colo. Pronto, deste pequeno peso não quero mais saber... vou deixar ele com aquela velha do cortiço. Vou pedir para ficar com ele um tempinho e vou me mandar. E assim está feito. Livre, de novo livre. Não tenho mais leite... tenho uma dívida de dez reais com o traficante...

outro dia mataram R a facadas... não havia pago... no abrigo não vou... e nem no meu caixote vou mais... dez anos, estou aqui há dez anos... e no bolso tenho um punhado de crack e uma dívida de dez reais...

Vou fumá-la também.

Quer um pouco?

### **Vem ver...**

Hoje fiquei na rua, pedi dinheiro, alguns davam outro não, os que não davam tinha vontade de sair correndo e pegar, mas eu sou muito pequeno tenho medo que eles me enforcem. Sabe onde eu moro? sabe onde eu durmo? sabe onde eu me escondo da polícia? vem ver, mas cuidado, olha se não vai pisar em alguma coisa estranha, porque aqui todo mundo faz tudo: xixi, cocô, vomito, tem de tudo, aqui eu durmo, olha olha que rato enorme. Mas eu não durmo onde sai o rato eu durmo aqui, desse outro lado, aqui não tem rato grande, vem ver, minhas roupas estão aqui, as coisas que eu ganho, que eu pego está tudo aqui. Ali na frente neste barulho dormem os outros pequenos, o meu espaço não gosto de dividir com ninguém, aqui é só meu. Às vezes deixo minha irmã dormir comigo, mas ela não gosta muito não, ela dorme com os grandes.

Aqui cada um tem os seus amigos, meu grande amigo é o tio que me dá a cola para baforar e também para vender, aí eu ganho um dinheirinho que depois dou de volta pra ele, mas ele não me abraça como as minhas tias... A cola é legal, me passa a fome, me faz ficar mais esperto, às vezes me dá tonteira mas é bom, eu gosto muito, não só da cola, gosto do crack, do baseado do tynner do cigarro normal que todos usam. E é muito fácil achar o dinheiro pra comprar, é só pedir que as pessoas dão, elas dão logo, eu chego perto e elas dão um real pra mim, eu vejo que estão com pressa, ninguém para, ninguém me diz nada, eles dão rapidinho porque acho que estão com medo de mim, mas eu nunca roubo, às vezes pego e corro, mas com arma não. Mas a coisa mais legal é quando brinco. Eu gosto de desenhar de



jogar dama e pular corda. Tem as minhas tias que vem aqui na praça pra ficar com a gente e brincar e eu gosto porque elas são legais e cheirosas... Às vezes digo que estou com frio assim elas me abraçam e eu gosto. Também faço de conta de estar triste para elas vir me consolar, porque é bom quando me abraçam. E não gosto quando elas abraçam as outras crianças, não quero, eu queria que elas ficassem só comigo, as minhas tias. Porque na minha casa a minha mãe só me espancava, a toda hora me espancava com o cabo de vassoura e então eu vim na rua e gosto quando ninguém me espanca, gosto quando me abraçam como as minhas tias na rua. Mas agora está muito perigoso porque os pequenos estão se vendendo para comprar a droga e logo logo vão pegar aids. Eles até me convidaram, mas eu não, tenho medo de pegar aids. As meninas estão indo para a Praça da República para se vender, mas eu não vou porque lá me disseram de não ir nunca mais que ia me matar porque o homem da barraquinha de cachorro quente... é que um dia peguei um e fugi ele disse que eu ia morrer, por isso não fui mais dormir lá no ventinho, onde sai o ar quente do bueiro e vim aqui no túnel, por isso, ele vai me matar e eu não vou, porque ele quebrou o braço e o queixo do menino que ia lá e o menino está com o braço quebrado ainda hoje. Eu também um dia quebrei a perna, mas não era verdade, dizia que estava com a perna quebrada assim o tio que veio com a tia me carregava no ombro, ele acreditava que eu estava com a perna quebrada e me pegou no ombro, me levou até a casa de abrigo no ombro, de vez em quando parava para descansar e eu dizia pra ele andar mais rápido que estava doendo e ele ia e brincava de cavalinho e era bem legal. Era

perto do Natal e as ruas da cidade estavam cheias de luzes e era lindo, aí eu perguntei para o tio se o Papai Noel chegava para mim também, ele me olhou e disse que sim mas eu sabia que não era verdade porque vi que os olhos do tio se encheram de lágrimas e então para não deixa-lo triste dei pra ele um presente: enfiei no bolso dele o lenço que eu uso quando cheiro o tynner...

Ih...

... Sujou, me deixa ir...

...Tio me dá um real?

## **Ficou legal**

Hoje eu sou eu. Nunca me senti tão eu como agora. Estou aqui no meu RG, na minha mão: este aqui da foto sou eu. Tenho vontade de gritar de felicidade, de mostrar pra todo mundo: eu, o meu RG, o meu nome assinado em baixo, fui eu que assinei sem pôr o dedão e este aqui sou eu.

Está escrito aqui que tenho vinte e dois anos.

Eu me lembro daquele dia que tinha nove, foi a primeira vez que o meu tio me trouxe pra cá, pra rua.

Não parei mais. Foi logo depois daquela noite do incêndio, quando tive que fugir às pressas pra não queimar inteiro, o fogo engolia o barraco e a favela ficou iluminada como se fosse dia e todo mundo gritava, eu também. Nunca mais parei de vir. O meu tio me dava tudo, a maconha, o baseado, o crack, tudo. Eu gostava de estar aqui o dia inteiro e fumar. Pra ter dinheiro roubava e corria, me escondia no buraco e depois pedia e todos me davam rapidinho pra se ver livres de mim. Gostava daqui mais do que ir na escola, lá me chamavam de burro e de orelhudo e nunca mais fui. Burro, porque repetia todo ano a primeira série e nunca aprendia a ler nem a escrever. Orelhudo por causa da cicatriz. Não a cicatriz do fogo. Esta fica de baixo da roupa não dá pra ver: vai do ombro até a barriga, parece o Freddy Krueger, mas não mostro para ninguém. Orelhudo é porque tenho a orelha toda machucada: é, eu sei que não é legal de se ver, mas fazer o que? Foi o rato que roeu, eu era pequeno, dormia no barraco, a minha mãe estava caída de bêbada e o rato veio e comeu a minha orelha. Orelhudo e Burro, assim me chamavam e eu vim pra cá. Quando comecei a mexer com droga, fiquei devendo e os traficantes me juraram de morte.

Faz cinco anos que não volto lá no meu pedaço. Cinco anos que não vejo minha mãe. Mas ela nunca ligou pra mim. Ela gosta é de cachaça.

Mas hoje é diferente, agora estou aqui em cores na foto do RG, nem dá pra ver a orelha, ficou legal. Os pequenos da praça dizem que querem um igual, mas eles vão perder na hora, eu não. Eu sei cuidar das minhas coisas, deixo tudo no teto da banca de jornal e enrolo tudo num cobertor. Ninguém pega nada, todo mundo me conhece e me respeita. Os pequenos quando acontece alguma coisa me chamam como se fosse o pai deles. E eu não deixo que aconteça nada de mal a eles. E se a polícia chegar posso mostrar pros homens que agora não sou vagabundo não, tenho o meu RG aqui, olha. Foi a minha tia que fez comigo. Ela foi lá no meu pedaço onde eu nem posso aparecer se não me matam, ela foi lá na minha escola, atravessou a cidade. Foi primeiro num cartório onde eu achava que tinha a minha certidão de nascimento, mas não tinha não, era engano. Então a tia foi na minha escola onde fiz a primeira série por quatro vezes e pegou a certidão. Que legal, a secretária lembrava de mim e mandou um abraço, a tia disse que todo mundo se lembrava e que eu era muito querido, que legal, tenho saudade da secretária, mas na escola não vou mais, agora é a minha tia que me ensina a ler e escrever. Ela, a minha tia, vem sempre aqui e me ensina a escrever. Por isso que assinei no RG, ela diz que eu não podia mais pôr o dedão, então começou a sentar comigo aqui, na mureta da praça e me ensinou a escrever. Demorei mas aprendi e agora estou com vontade de estudar e quero que a minha tia me ensine. Se eu aprendi os outros também podem e quando aprenderem podem tirar

eles também os documentos, como eu.

Está vendo isto aqui, olha a minha foto: está tudo aqui: este sou eu e este é o meu nome. Ficou bonito né?

## Normalidade

Hoje estou confusa, gostaria que fosse um dia normal, mas o que significa esta palavra “normal” para quem, como os “meus” meninos a normalidade é esta vida de desamparo? O que significa “normal” pra mim?

Enquanto penso já estou na Praça da Sé, o centro, a Catedral e os jardins formam uma belíssima imagem da nossa cidade... e as dezenas de crianças que ali vivem... também. Porque elas são lindas, alegres, vivas, desafortunadas... ladras, violentas, drogadas, delinquentes... simpáticas, risonhas, inocentes, ingênuas... prostitutas... As ruas e as praças da nossa cidade nunca poderão ter um dia “normal” e nem eu. O trabalho, as atividades fluem, hoje todos participam, parece que a droga ainda não conseguiu devastar as mentes e os corpos.

Saio da praça e vou em direção ao Vale do Anhangabaú.

As crianças vivem em grupos de quinze, vinte pessoas, cada grupo ocupa uma área específica do centro e raramente ultrapassa o território. Entre eles são rivais e não raramente chegam as vias de fato. Eu tenho livre acesso a todos, sou respeitada e acolhida por todos com grande alegria, em mim podem confiar.

Escuto uma voz que me chama, pelo nome me chama, no centro, perto do Teatro Municipal. É uma voz sutil, fina, uma criança. Eu no Vale, escuto a voz vir de cima, do Viaduto do Chá. Reconheço-a, é Johnny, um menino loirinho, careca como o ídolo Ronaldo, dez anos, olhos claros, uma cicatriz marcada do lado direito da testa. Johnny

me chama, grita, chora, no centro de São Paulo.

Percebo pelos gritos que o problema é sério. Subo as escadas com o coração a mil e a cena que me se apresenta é o que nunca queria ver: um grupo grande de transeuntes rodeando dois policiais militares que seguram com força o pequeno e perigoso bandido Johnny. Ele chora desesperado enquanto os policiais o puxam sem muita delicadeza em direção a delegacia móvel. Eu, abrindo-me caminho entre as alas dos curiosos, começo tentando acalmar os policiais: um está torcendo o braço do Johnny atrás das costas enquanto o outro belisca-lhe com força o peito. Johnny implora chorando “Me tira daqui, eles vão me dar choque, já me deram outra vez, olha aqui a minha...” mostrando a queimadura enorme na pequena mão. Os policiais não desmentem a afirmação, ao contrário, continuam maltratando com mais veemência. Os presentes anuindo. O Johnny não para de dizer que não é verdade que estava roubando, “Eu estava pegando tia, estava pegando”.

Na linguagem da rua Roubar significa assaltar a mão armada, Pegar é simplesmente pegar e correr, nada de violência ou ameaças, uma espécie de empréstimo compulsório. Se pega principalmente relógios e celulares de pessoas desprevenidas ou que fazem mostras excessiva dos objetos. Se pega pra revender na hora ao receptor, para ter o trocado que alimenta o vício. Pegar é simples, qualquer um pode fazer, até o pequeno Johnny.

O roubo implica muita organização, coragem e o uso de armas.

Johnny estava pegando. Minhas palavras conseguem acalmar a situação, os policiais fazem mil perguntas ao meu

respeito, como se não me conhecessem, no começo arredios e irônicos... “O seu trabalho não serve pra nada, olha aqui o resultado”... depois um pouco mais calmos. A conversa assume assim um outro tom, não mais sarcástico ou hostil, agora parece até conversa de pessoas de bem.

Chegam enfim a soltar o pequeno pegador com a minha solene promessa de acompanhá-lo na casa de acolhida noturna. É exatamente o que eu faço.

Chegamos, jantamos.

Está na hora de dormir, ao me abraçar Johnny jura em prantos que nunca roubou nada. Conversamos, quero acalmá-lo, falamos da sua mãe, “Ela diz que tenho nove anos, mas eu tenho dez, é verdade tia?” ...

A normalidade do meu trabalho hoje foi esta, evitar que um pequeno ladrãozinho caísse nas mãos da polícia para ser de novo torturado, acompanhá-lo na casa de abrigo, me certificar que nos próximos dias fique aos cuidados dos assistentes sociais.

Pelo menos esta noite as ruas do centro se livraram de um perigoso bandido...  
de dez anos.



## **Manhã de domingo**

Tia, me leva para missa?... com esta pergunta inusitada, outro dia fui recebida pelas crianças de sempre no lugar de sempre. Era domingo. O dia em que todos deveríamos parar um pouco para refletir e apesar de tudo agradecer a Deus.

Vamos, a minha resposta.

E logo me encaminho em direção a igreja de São Francisco. É uma das mais antigas da cidade, simples, singela, respeitando assim o estilo e a mensagem deste que é o santo da alegria: *il Giullare di Dio*.

Nada melhor então que levar as crianças... sujas, famintas, sem sapato, algumas ainda sob o efeito da droga, porém ... crianças.

Um pedido desse, ir à Missa, pode parecer absurdo mas a voz de Deus fala através dos pequenos, dos mais fracos, dos que não tem voz, das crianças.

Mesmo assim nunca elas conseguem sequer se aproximar da igreja.

Escrevi igreja assim, minúsculo, de propósito, entendendo por igreja o edifício, aquilo que deveria ser fisicamente a casa de Deus e que por isso deveria merecer ser escrito assim: Igreja. Porém aqui em São Paulo, as grandes igrejas são guardadas dia e noite por seguranças, como se fossem um banco, um edifício público ou um condomínio de luxo. Eu sei muito bem que ocorreram vários assaltos aos fiéis seja dentro que nas proximidades... com tudo guardar a porta do Templo, da casa de Deus, da minha, da nossa casa com homens uniformizados...

Imagino Jesus quando expulsou os mercadores do templo...

e eram mercadores!

Agora os Templos estão guardados por seguranças, com o poder de barrar aqueles que lhe parecem indignos de ali entrar... isto é demais.

Imaginem então se crianças como as “minhas” que vivem na rua, alguma vez puderam entrar numa igreja para rezar ou para simplesmente se abrigar no silêncio acolhedor do Templo. Um pedido como esse: tia me leva a missa, não se pode deixar de lado.

Há quanto tempo não entravam numa igreja? Não sei.

Mas que participação fervorosa, que atenção, que demonstração de fé...

Observava os rostos sujos e a expressão compenetrada...

Geralmente as atividades na rua duram minutos, a droga e a precariedade da situação os deixam agressivos e inquietos, com muita dificuldade de concentração e de raciocínio abstrato. Mas aqui, no Templo, sentados, tentando seguir compenetrados as palavras do padre oficiante... Nunca tinha visto tanta concentração por parte deles, nunca.

De repente percebo que chegou o momento no qual, para participar conscientemente, a Igreja pede uma preparação específica: a Comunhão.

Como podia saber quem estava ou não apto?

O que deveria fazer? Eles levantaram e pediram para mim se podiam. Eu reverti a minha resposta em pergunta, era eu que perguntava, meio agitada, se eles podiam... Sim me responderam.

Todos fizemos a Comunhão. Eu os acompanhei até o altar: os paramentos reluzentes do padre, o candor das toalhas do altar... os pés descalços e imundos, as roupas velhas e

rasgadas das crianças... E se alguém nunca antes tinha feito a Primeira Comunhão, a fez naquele momento. Estou certa que seja São Francisco que o próprio Jesus, estenderam a mão na cabeça deles e os acompanhara até o altar.

No silêncio ouvi: que bom.

Ao fim da Missa, O celebrante convidou os fieis a se aproximar do altar caso quisessem ou precisassem de uma bênção especial: Vamos tia, nós precisamos

Peguei no colo o menor de todos e fomos. Todos os presentes participaram a nossa bênção especial: quem abraçava uma criança, quem passava a mão carinhosamente na cabeça... Parecia que o medo das pessoas em relação as crianças tivessem evaporado. Não, não evaporou, neste momento é a igreja que readquire o direito de ser chamada Igreja, maiúsculo.

Mas as “minhas” continuam sendo crianças, ingênuas, alegres e irreverentes, mesmo dentro da Igreja e na presença do Padre que acaba de abençoá-las: Tio, me dá um real?

Risada geral.

Na saída a outra inevitável pergunta: Tia, me comportei direitinho?

...E tudo pra ganhar mais um dos meus abraços.

## Uma noitada... grã fina

Tomei a decisão de ir ao teatro pelo menos uma vez por mês. Para manter viva uma certa disciplina intelectual: uma hora de música me ajuda a entender que o mundo pode tornar-se melhor.

*Crackolândia* significa Terra do Crack... Chama-se assim um dos bairros mais perigosos da cidade.

O crack é a droga dos pobres, vendida a preços irrisórios, uns trocados são suficientes para comprar a quantia certa para manter o vício.

Os *meninos de rua* às vezes preferem-no às baforadas de cola pelo seu efeito devastador. O tráfico é escancarado e o crack vem consumido na hora, de dia zumbi humanos perambulam pelas ruas em busca da próxima dose, de noite prostitutas e travestis contendem-se a socos e facadas os poucos transeuntes. Muitas destas são menores, adolescentes que parecem mulheres maduras, às vezes tão acabadas, tão drogadas, que os poucos transeuntes desistem na primeira olhada.

Nos bares os chefões do tráfico, os soldados do crime.

É sabido que na realidade os verdadeiros chefes são, muitas vezes, policiais com poder de determinar vida e morte no quadrilátero do inferno. Dos vinte homicídios diários que acontecem né cidade, pelo menos cinco acontecem nestas ruas.

Temos em São Paulo uma nova e belíssima sala de concerto: uma antiga estação ferroviária restaurada com pompas e circunstância foi transformada em grande auditório. Os mais famosos solistas e as mais importantes orquestras do mundo

tocam ali. É a menina dos olhos da administração pública que com ênfase declara a intenção de “revitalizar o centro” através da cultura.

Na realidade a belíssima sala se encontra em plena crackolândia: é uma espécie de *bunkuer* de luxo cercado por dezenas de policias; chega-se de carro, estaciona-se no subterrâneo e por meio de um sistema de túneis se chega diretamente no foyer do teatro.

É inútil dizer que as pessoas do bairro nunca terão acesso à sala: o preço de um concerto é o equivalente a meio salário mínimo. Depois não é nem uma questão de dinheiro, o interior da sala e o bairro circunstante estão separados por um abismo intransponível que separa dois mundos inconciliáveis.

Saio do teatro, atravesso a rua, enquanto a música de Brahms ainda ecoa em mim.

Decido voltar pra casa a pé. É tarde mas penso que naquelas mesmas ruas poderia encontrar alguma das minhas crianças. Não poderia com certeza deixá-la dormir ali, a levaria na hora para a casa de acolhida. E então me adentro no bairro. Hoje não tem ninguém. Escuto me chamar: um grupo de garotinhas me convida a entrar e divertir-me com elas, digo quem sou e o que estou fazendo ali naquela hora, me abraçam e mandam trazer uma colega, a mais jovem, linda e cansada, diz que não pode vir comigo porque o Tio não quer (o Tio é o cafetão). Encontro uma série de Tios apoiados ao muro do boteco, me fazem o gesto de “tudo bem”, mas não vão me dar a garota, ao contrário, sinto que se continuo vivo o devo exclusivamente a eles. Hoje não me matam, me chamam de *gente boa*, me convidam a ir embora. Respondo

que continuo o meu giro e que se encontrar algumas das minhas crianças as levarei embora sem pedir permissão.

Outras garotinhas vêm ao meu encontro, uma ou outra é minha velha conhecida, me pagam um café, me contam piadas, se divertem, dizem que os negócios vão bem, estão contentes porque há tempo não vem as minhas crianças, tem consciência que pelo menos aí as crianças não devem ir.

Está se fazendo tarde, nos despedimos, todas me abraçam, até algum travesti se aproxima para me abraçar também, e diz que poderei procura-lo quando quiser, para mim será sempre de graça.

Vou para casa, três carros da polícia parados no cruzamento só confirmam minha convicção.

Re-escuto Brahms dentro de mim: o mais ateu dos compositores que faz a mais religiosa das músicas.

Chego em casa, minha mulher acorda:

“Onde foi?”

“Fui com as putas na crackolândia”

“E como foi?”

“Muito bem.”

“Amanhã me conta.”

“Boa noite.”

“Boa noite.”

## Valeu

Toca o telefone: “Chegou...” é a palavra que me interessa ouvir, e a ouço em alto e bom som. Fico feliz e comovida, chegou, trabalhei bem, consegui, conseguimos. Percebo que a mulher também se sente como eu, feliz, aliviada comovida. Fazia seis meses que não tinha notícia alguma do filho.

Um garoto de dezesseis anos com a cabeça e o raciocínio de menino de dez, ingênuo e puro, vindo do interior, olha com espanto e admiração a escada rolante da rodoviária, nunca tinha subido em uma, me diz.

Compro a passagem e o responsável me pede de passar antes pela polícia do terminal. Não encaro o pedido como uma dificuldade, mas como uma confirmação de que as coisas devem ser feitas segundo as normas.

A “doutora”, delegada responsável se convence da urgência do caso e, o que é mais importante, da nossa seriedade: afinal estes anos de trabalho nas ruas e de contato com as instituições, nos fortaleceram bastante e no momento crítico, sabemos conversar e convencer.

Para dizer a verdade, a “doutora” teria preferido se amparar nos empecilhos da lei: “...é menor e como tal não pode viajar sozinho, mas deve ser encaminhado pelo juiz e para obter o encaminhamento deve passar pelos abrigos do Estado ou da Prefeitura de onde será posteriormente acompanhado em audiência para obter a permissão, porem somente depois que o juizado de menores souber e verificar o caso...”

A nossa firmeza e clareza de argumentação a convenceram.

Provavelmente enquanto explicava o iter burocrático administrativo, como se não o conhecêssemos até as entranhas, nem ela mesma acreditava na resolução do caso; ou também, quem sabe, a sua sensibilidade de mulher, de pessoa, falou mais alto; ou, e porque não, olhou nos olhos os olhos perdidos do garoto e olhou nos olhos os nossos olhos decididos e firmes e foi suficiente... Em cinco minutos estávamos na frente do ônibus dando tchau ao garoto e nos recomendando que ligasse assim que chegasse em casa. Ao sair da rodoviária repensamos ao seu sorriso e a sua timidez na loja de sapato: “tia, nunca recebi um presente...” diz encabulado experimentando o tênis novo.

Está de banho tomado e roupa limpa, o Posto de Saúde, continua nos acolhendo e nos favorecendo no limite do possível. O garoto pode tomar banho e se trocar, comprar o tênis novo hoje é mais fácil que antes: os amigos italianos me ajudam colaborando com estas despesas, com a sobrevivência do dia a dia: o café da manhã, o lanche, o transporte. Ele sorri feliz e ingênuo, conta a sua história: brigas em família o fazem abandonar a casa do pai e da madrasta, foge pelo Brasil, chega até o Rio a pé, volta para São Paulo onde nestas últimas vinte quatro horas entra em contato com o submundo da rua, com a violência e a droga, com o constante perigo que dispensam as principais avenidas e praças do centro.

Em vinte quatro horas também tem sorte, e é bem o caso de chamá-la assim, de me encontrar, de nos encontrar decididos e firmes. “Tia, quero ir pra casa”. E então vamos. Bem conhecendo as dificuldades da empreitada, telefone imediatamente para os meus amigos de sempre que hoje



mais que nunca querem estar ao meu lado. A situação o impõe: se ficar na rua mais vinte quatro horas, nestas ruas, se envolverá com a droga, com os roubos, com a violência e a promiscuidade, com o abandono total. Milagrosamente até agora foi poupado de tudo isso: andou a pé, chegou até o Rio, voltou. Nenhum abrigo o acolherá, tem dezesseis anos, um ano a mais do permitido. “Tia, quando ti vi fiquei com saudade de casa, quero voltar para minha mãe”.

Vamos garoto, vamos pra casa, desta vez vamos mesmo. E tudo dá certo, o banho no Posto de saúde, a roupa limpa, o tênis novo, a delegada “doutora” responsável que assina a permissão de viagem, o ônibus que sai em horário e hoje, a coisa mais linda, o telefonema da mãe: “chegou”.

Quero pensar que hoje está em casa, que voltou para escola, que vive a sua vida na sua cidadezinha do interior, a sua vida simples, limpa, perto da sua família e dos seus amigos.

Quero pensar que hoje a cadeia de solidariedade entre as pessoas de boa vontade, funcionou rapidamente em prol do bem comum.

Quero pensar que de agora em diante seja sempre assim: que a pessoa e as suas necessidades falem mais alto que o medo de não conseguir, da lentidão burocrática, do fazer de conta que o problema não nos pertence... hoje conseguimos.

Ao chegar em casa, lembrando a cara, a expressão do garoto dando tchau na janela do ônibus, não posso me segurar, me olho no espelho, fixo os meus olhos e, como falam os meus garotos nas ruas, digo orgulhosa: “valeu tia”.

## Oração no desespero

Hoje eu vi, não queria, mas vi  
Me faltam as forças  
Estou cansada  
Faz dois anos que estas ruas me veem andando  
Faz dois anos que procuro e não acho  
a minha cidade,  
o meu País,  
o meu povo  
E então  
agora choro a amargura, a solidão do homem  
Faz dois anos que vejo as crianças  
morrer espancadas  
de frio  
de fome  
de droga  
pela aridez do coração do mundo  
Faz dois anos que as minhas mãos trabalham como podem  
que os meus pés me levam dos cantos mais imundos  
aos escritórios de luxo  
Quantas palavras ouvi...  
quantas promessas.  
Quantas pessoas que tem poder de agir  
preferem a cumplicidade do silêncio  
Estou cansada de “fazer a minha parte”  
Estou cansada  
Não aguento mais “fazer o meu dever de cidadã”  
Quero é mesmo resolver o problema

Quero que a dignidade não seja considerada  
como um simples direito  
sempre pronto a ser revogado conforme o sabor do  
momento  
mas quero a dignidade um fato inalienável de todos e para  
todos  
Porque, meu Deus gritar o óbvio ao vento?  
Porque, meu Deus o homem nunca aprende?

Estou cansada e hoje eu vi o que nunca queria ter visto:  
é um pedaço de pessoa deitado no bueiro:  
vejo a noite nos seus olhos  
a escuridão do abandono  
a falta de amparo  
o desamor  
o riso de horror  
Ajude-me Senhor  
Ajude-nos Senhor  
para ter força  
de suportar o peso desta cruz  
que não pedimos.  
Ajude-nos Senhor  
a não perder a fé  
na humanidade  
nos meus irmãos  
que passam  
olham  
cospem  
e vão embora.  
Ajude-nos Senhor.

Não quero nunca mais sentir  
nem nunca mais ver o que sinto e vejo hoje  
não quero nunca mais duvidar  
duvidar de Ti Senhor  
não quero  
Aquele pedaço de dor alucinado  
deitado no bueiro  
tem dez anos  
tem a idade dos meus filhos  
dos meus netos  
de todas as minhas crianças  
que deveriam beijar o rosto de suas mães  
Ajude-me Senhor  
a levantá-lo  
Ajude-me Senhor  
a convencer o guarda que o chuta  
o xinga  
o puxa  
o bate  
Ajude-me Senhor  
Que os meus pés continuem a caminhar  
Que as minhas mãos continuem a abraçar mais forte ainda  
que o meu sorriso seja verdadeiro  
que o meu amor seja sincero  
Ajude-me Senhor  
Ajude-me Senhor  
Ajude-me Senhor

## Requiem

*Libera me, Domine de morte aeterna...* são as últimas terríveis palavras do Requiem de Verdi, uma invocação desesperada sussurrada pelo soprano que exauriu todas as suas preces e não se resigna diante da ideia, não aceita o inelutável. É tradição que durante a semana santa o programa musical do Teatro Municipal seja dedicado exclusivamente à música sacra e este ano grandes intérpretes prometem um concerto histórico.

Finalmente saio com minha mulher, deixamos a menina com os primos, vestimo-nos para a ocasião, os sapatos italianos e a gravata me fazem parecer um homem respeitável. Também minha mulher é elegantíssima, o Teatro Municipal obriga a uma certa vaidade que pensando bem é até prazerosa.

Chegamos cedíssimo, tomamos um café.

Estamos a poucos passos de onde me encontro com os meus *meninos de rua*, de onde se escondem e de onde se organizam para cometer aqueles pequenos assaltos cotidianos para arrumar algum dinheiro para a droga. Daqui a uma hora começa. Não resisto.

Descemos a escadaria e entro no vale do Anhangabaú, um imenso calçadão com fontes, jardins. Andamos ainda mais abaixo, um outro lance de escadas do lado oposto ao teatro nos conduz ao túnel onde passa o eixo viário principal norte-sul, uma avenida de oito faixas.

A escada é usada pelas pessoas de rua como privada, passa-se por ali exclusivamente para isto, usá-la como privada.

O cheiro é indescritível assim como o barulho do trânsito que reverbera em todo o entorno. Chegamos até o fim, não

há ninguém. Enquanto estamos subindo vemos descer Rita. Cambaleia, de cara inchada, não me reconhece, me dá a mão e se distancia apoiando-se ao muro. Nós parados com a gravata e os sapatos italianos a observamos enquanto entra num bueiro aberto. É ali dentro que os meus meninos dormem quando faz frio, num cano de esgoto. Usam-no também como esconderijo, ou como armário: um criado mudo próximo da cama para guardar a droga ou o produto de um roubo qualquer. Entra no esgoto, Rita, no bueiro, inchada e cambaleante, se cala no buraco do chão no meio dos excrementos e do fedor de fumaça.

Voltamos ao Vale. De longe reconheço Anselmo, um rapazinho simpaticíssimo magro e sempre sorridente. Aborda os raros transeuntes para pedir dinheiro ou simplesmente roubar. Agora é a vez de um homem gigantesco, Anselmo é um palito, o homem um colosso. O chamo em voz alta antes que faça alguma besteira, para, me olha e não me reconhece. Nem mesmo Rita tinha me reconhecido, é estranho, nos vimos apenas ontem. “Anselmo sou eu não me reconhece?” parado no lugar, abro os braços. Com um sorriso aberto se apoia em mim e em minha mulher. “É sua mulher?” pergunta, nunca a tinha visto, mas a abraça e beija, se faz abraçar e beijar.

Apoia a cabeça na gravata, fica quieto recebendo carinhos. Nos olha, me olha: “ Tá Cauboi hoje tio”. Cauboi significa Cow-boy, que na gíria deles quer dizer pessoa muito elegante.

“Olha a cara da Rita” ... os olhos marejados, o rosto inchado, o andar inseguro surpreende até ele que está acostumado a conviver com ela todos os dias. Nos abraça

com a cara afundada no saco de cola de baforar retirado do bueiro do túnel.

É tarde, subimos a escadaria e entramos no saguão de mármore.

Senhoras em traje a rigor nos recordam que, não obstante os cento e cinquenta metros que nos separam, estamos em outro mundo. Minha mulher chora.

Verdi era ateu, não se resignava à ideia da morte, a cada nota é como se declarasse o seu desespero. O Dies Irae explode furioso, os tímpanos fazem tremer o edifício e todos nós.

Minha mulher chora, eu também tenho lágrimas nos olhos, mas não são lágrimas de comoção. Me cheiro e me faço cheirar por minha mulher, nos cheiramos um ao outro e sentimos que a gravata, o paletó e os sapatos italianos estão impregnados pelo cheiro nauseante da cola, abracei os meus meninos por trinta segundos e estou fedendo à cola, à droga. O requiem continua, terrível.

Anselmo e Rita apoiam a cabeça em nós e nos abraçam.

É somente isto o que querem, ser abraçados, talvez por um pai e uma mãe que nunca tiveram, e enquanto permanecem nesta espera frustrante cantam e declamam desesperados:  
Libera me Domine de Morte Aeterna.

Feliz Páscoa, Anselmo

Feliz Páscoa, Rita

## Sem nada

Estar grávida na adolescência é um problema comum a muitas jovens brasileiras. A falta de informação e de cuidados básicos, as pressões sociais e culturais, o descaso da família, o meio social no qual se vive, formam um conjunto de fatores favoráveis, um húmus propício para o desencadear de situações problemáticas.

Estar grávida na adolescência, vítima de estupro, ferida a golpes de caco de vidro, com uma doença venérea progressa e cheia de piolhos, não é tão comum assim. E esta é a situação: uma jovem vida jogada nas ruas da cidade sob o descaso de todos aquele que deveriam zelar por ela. E quando digo todos, digo exatamente assim, todos: as autoridades que não a protegeram do estuprador, o hospital no qual foi levada nua e sangrando, pela polícia que a socorreu e que não fez sequer o boletim de ocorrência, as casas de abrigo e os “projetos” que atuam com os “meninos de rua”... são todos responsáveis, todos.

“Tia não me dê a mão que estou imunda...” teve a dignidade e o pudor de me dizer quando a encontrei na praça. Pálida, ferida, suja e malcheirosa, o rosto lindo do sorriso grande e sincero, não conseguia esconder a humilhação por estar infestada de piolhos. Uma garota sem nada, literalmente nada e um filho na barriga. Ninguém sabe se o filho é do estuprador ou fruto de uma relação anterior, ninguém conseguiu convencê-la a ir ao médico. “Eu vou com a tia, só com ela que eu vou” diz para quem quer acompanhá-la. E por que isso? Por que só com a tia? Porque



nela simplesmente confia, porque a tia nunca fechou a porta ou nunca a expulsou do abrigo por ter feito um pouco de bagunça; porque a tia está aí. Talvez seja esse o segredo: estar aí, ouvir. Por isto que ela confia na tia.

Eu contei os grupos, os projetos, as entidades públicas, as privadas, as religiosas de todas as tendências; contei todos os abrigos do estado, da prefeitura, da igreja, do estado em parceria com a prefeitura, da prefeitura em parceria com a igreja... são dezenas, e se tanto me dá tanto, são centenas as pessoas que neles trabalham. E as crianças continuam estando na rua, vivendo na rua, morando na rua, apanhando na rua, sendo violentadas na rua. As crianças que perderam a referência do tempo e do espaço, do bem e do mal, do certo e do errado, as crianças que, segundo os grupos e os projetos, devem se deslocar para ir até eles e para ali ficar devem entender as inúmeras regras e respeitá-las na hora, pena a exclusão, pena a devolução a rua todas estas crianças continuam sempre ali, na rua. E esta garota, pouco mais que uma menina, esbelta, linda, grávida e cheia de piolho, não vai mais aos grupos, aos projetos, aos abrigos, não, não quer mais ser enxotada pra fora por ter desrespeitados as regras, prefere assim esperar pela tia.

Estou sentada na mureta com ela, conversando. Junto a nós há também um pequeno de no máximo dez anos. De repente o sorriso meigo se transforma em uma careta de ódio o qual encontra no pequeno a sua válvula de escape. Sem motivo, sem razão alguma, a raiva da frustração e do medo, a raiva do mais forte sobre o fraco, a violência aprendida em anos de humilhação na vida de rua, o ódio ao estado puro, explodem: catada do chão uma pedra eis que começa a

correr atrás do pequeno assim, sem motivo, a não ser a própria raiva. Os dois desaparecem na noite entre a solidão dos gritos e o silêncio irreal. A tia impotente, espera em vão. Cara T. agora não pode mais fugir, ir embora, agora tem que dar tempo a esta criança no seu ventre para crescer em paz e tranquilidade, agora ela precisa de você, agora é a hora de se resgatar como pessoa, como mulher. Ninguém pode fazê-lo por você, a vontade deve ser sua, aquela faísca de humanidade que tem por dentro, deve prevalecer sobre qualquer outra coisa: sobre a violência, sobre a fome, sobre a droga, sobre os piolhos. Agora cabe a você fazer deste mundo infame o lugar mais bonito e mais aconchegante para se viver, para que você e o seu filho possam se sentir finalmente em casa.

## **Hoje é um dia diferente:**

começou na Praça de sempre e terminou num...

Pouco importa quantos quilômetros mede a distância entre a Praça de sempre e o Posto de Saúde, fomos a pé, nós três.

Poderíamos ter ido de metrô, mas o caminhar serve também como forma de acordar, de se livrar daquele torpor que a droga e a noite mal dormida deixam. O pequeno L. vai se arrastando, de olhos semifechados, a cada quinze metros emperra querendo deitar e voltar a dormir. Mas o fato de ter respondido ao meu convite de ir tomar banho e trocar de roupa, justifica a minha insistência em literalmente puxá-lo. A garota, ao contrário, está ciente da importância de ir, e colabora como a vi fazer outras poucas vezes. Está grávida e aparenta ter uma maior responsabilidade, porém, apesar dos cuidados e da atenção, a vida na rua deixa marcas, por sorte hoje somente sob forma de piolhos. Há duas semanas cortou os cabelos e, dia sim, dia não, vem comigo ao Posto para tratar da higiene.

O pequeno L. não resiste, adormece nos bancos da sala de espera. Sujo até o impensável, a roupa rasgada, os pés pretos encardidos, sem sapatos: é o próprio arquétipo do abandono. L. nove anos, “menino de rua”.

T. aproveita o banho até a última gota, demora, pois mantém a típica vaidade feminina de uma garota de dezessete anos que sabe de quanto é linda.

E é linda mesmo, mulata, alta, um sorriso aberto, cheio, majestoso, que demonstra aquela opulência famosa das mulheres brasileiras. Um lenço maroto cobre os cabelos curtíssimos. Sai do banho e escolhe as roupas limpas que o

Posto nos doa. A cada semana a barriga aumenta e as roupas devem se adaptar a situação. A escolha é demorada, e mesmo sabendo que ficará limpa somente até a noite, quando deitará de novo ao relento, não para de experimentar e de procurar a minha aprovação.

O pequeno L continua deitado, dorme. É o único momento em que fica parado, e aproveito para dar uma examinada na cabeça... suspeita fundada! Também cheio de lêndeas. Vai ao banho, ensaboa, esfrega, lava, lava de novo.

Sai irreconhecível. Parece até... um menino. Deixou e ser um amontoado de sujeira ambulante para readquirir as feições e a graça de uma criança.

Ele também quer escolher a roupa e os sapatos.

É meio dia e estamos com fome. Havia prometido um lanche.

A minha atuação na rua é baseada na “presença”, no compartilhar as várias situações ocupando-me dos problemas concretos de cada criança; a peculiaridade do meu trabalho não permite que eu faça uso visível do dinheiro ou de outros recursos financeiros: seria como um convite para que todos me peçam “contribuições”. Mas toda regra tem a sua exceção: e hoje é um dia diferente. Estamos limpos, de banhos tomados, as roupas seminovas, temos até sapato. E hoje é sábado. Não quero comer um lanche em pé, não quero. Estamos com fome e somos bonitos. Queremos, uma vez na vida, ir ao restaurante. Eu sei que posso abrir um precedente, eu sei que todos os outros vão saber e vão me pedir para ir também, eu sei que isso não se faz, eu sei que pode parecer uma irresponsabilidade: por ideias “estranhas” na cabeça de meninos de rua... eu sei.

Mas não me importa, hoje estamos lindos e perfumados. Tudo bem: moramos na rua e temos piolhos, mas o lenço maroto os mantém hermeticamente fechados e as lândeas foram retiradas uma por uma. Nada melhor então que ir ao restaurante. Nada de luxo, mas o prato de arroz e feijão, carne, salada, batata frita está garantido. É um restaurante tipo bandejão, a comida exposta atiza a vontade de comer: “põe mais tia, põe mais”, “olha que você não vai aguentar”, “aguento sim, tia”.

Eis nós aqui, sentados à mesa, comendo, conversando, sem pressa. Não temos medo de ser expulsos, não temos medo de ser espancados, não temos medo de sorrir. Depois de tanto tempo de trabalho, aprendi a esconder ou dissimular muitas das minhas emoções porque sei perfeitamente o que acontecerá daqui a pouco: os acompanharei de metrô até a Praça de sempre de onde saímos sujos famintos e cheios de piolhos e os deixarei lá. Me sinto como se tivesse achado um diamante no lixo, o limpo direitinho e o devolvo ao lixo de onde o peguei. Então só eu sei qual é o gosto da lágrima que sai dos meus olhos, porque para todos é lágrima de alegria: mas hoje é um dia diferente.

## **Um Gesto, As Estrelas, O Abraço**

O frio chega de repente, nesta época do ano passa-se com facilidade dos trinta graus do meio dia aos cinco à noite. Ninguém sabe como se vestir. Dizem que São Paulo tem as quatro estações do ano no espaço de poucas horas. É verdade.

Hoje é um dia desses e é “dia de rua”, dia de trabalho. Começo pela grande praça para descer o funil infernal do centro até chegar ao Vale do Anhangabaú que encontro vazio. O frio aperta: camiseta por baixo, camisa de flanela, agasalho, casacão, jeans, meias de lã, sapato grosso: as minhas roupas.

Sentamos no chão, chegam as crianças quem sabe de onde. Juliano, pequeno, gordinho, um problema na boca e a conseqüente dificuldade em falar o deixam com o aspecto ainda mais vulnerável. Está de havaianas, shorts e camiseta de praia. Senta ao meu lado: tem a idade da minha filha e um frio do cão. Tiro o meu casaco e o envolvo nele até os pés, ficará depois impregnado dos mais fortes e nauseantes odores, desde a sujeira mais encardida ao suor do momento, desde o fedor da cola até o cheiro de não sei que tipo de cigarro. Juliano esconde a cola na calça, mas em sinal de respeito a mim e aos meus colegas de trabalho não chegará a usá-la, ao contrário logo a seguir terá a atitude de um gesto belíssimo.

Mas vamos com ordem.

Antes de conseguir convencer as crianças a nos seguir até a casa de acolhida onde poderá tomar um banho, comer e dormir, temos que conseguir conquistá-los. Hoje há poucas,

cinco. Brincamos de dama, desenhamos, cantamos. Alguém passa e observa a cena insólita. Adultos “normais” brincando com *meninos de rua*? “Olhem, não têm medo das crianças...” parecem dizer os olhares estarecidos. Os *meninos de rua* semeiam terror onde passam: roubam, assaltam, usam drogas, se prostituem... é o que afirma a opinião pública. Hoje não.

“São mesmo crianças que brincam” me diz um senhor que com menos pressa que o normal parou para ver. Neste momento Erika, agitada e insolente, levanta e começa a pedir dinheiro a este senhor que abre a carteira e com uma nota de um real está pronto para fazer o seu dever, está pronto para “ajudar”, como sempre pensou sem nunca refletir: “um real para comprar comida...” O real vai direto no bolso do traficante de cola. Convenço Erika a devolver e convenço este senhor a tomar o dinheiro de volta. Juliano me chama, quer terminar o desenho e quer voltar a se aninhar entre os meus braços. Está na hora de ir, temos uma longa caminhada a fazer. Fabiana não vem, na casa de acolhida não pode mais entrar, ultrapassou o limite de idade. Outros dois desaparecem na escuridão. Juliano não desgruda, quer que o leve no colo, nas costas, no cavalinho. Já fiz isso tempo atrás: dor nas costas por uma semana.

O convenço a ir com as suas pernas.

Juliano caminha e fala. Tenho dificuldade de entender por causa do problema na boca, mas vejo que sorri de alegria. Para e tira o saquinho de cola da calça e o joga fora, o afasta de si, o manda embora com um gesto amplo e brusco: um gesto belíssimo. Por hoje chega: chega de droga, chega de fumo, chega de baforar cola para espantar a fome o frio, o

medo, basta. Chegamos. Só ele dos cinco meninos encontrados hoje, ficará abrigado, jantará, tomará um banho e trocará estas roupas em frangalhos.

“Tchau Juliano, não, amanhã não posso vir, volto na sexta”  
Tentamos convencer a menina: “vem você também Erika. Poderá dormir numa cama de verdade”. “A minha cama é o chão e o céu e as estrelas são os meus cobertores” responde com a sabedoria de quem tem doze anos.

Boa noite Erika e que hoje possa te esquentar no abraço do Senhor.



## **Mais um, menos um**

Cedo, na praça, a encontro ainda meio adormecida, suja, vestindo trapos: uma espécie de top surrado, incolor, sobrevivente de inúmeras lacerações e uma bermuda vagabunda remediada quem sabe onde. A barriga enorme sobressai e anuncia ao mundo que mais um filho está chegando. Para ela é o primeiro, para este mundo é mais um...

A juventude, o sorriso, a beleza, não conseguem esconder a agitação deste dia. Apesar dos conselhos e das indicações dos médicos que acompanharam a gestação, a garota continua dando ouvido aos palpiteiros de plantão que abundam na praça a qualquer hora e em qualquer circunstância. Está apreensiva, temerosa, acha com certeza que é menina, que é menino, que a barriga está muito baixa, que está muito redonda, que era pra ter nascido ontem, que pode sufocar com o cordão umbilical... dezenas de opiniões divergentes colhidas na praça onde desde sempre vive.

A observo e me pergunto, mesmo sabendo, quantos anos pode ter esta garota.

Tem a idade do abandono, da miséria do atraso moral e social no qual se encontra o nosso povo. Tem a idade do sofrimento da humanidade, tem a idade dos inocentes massacrados por Herodes, esmagados pelas bombas caídas em Bagdá. Tem a idade de todas as escravas negras que geraram os filhos dos senhores para multiplicar a força de trabalho nas plantações de cana de açúcar. Tem a idade, a cor, a inconsciência do Brasil.

È linda, morena, sorri, a boca grande e os dentes fortes definem uma expressão exuberante e intrigante como qualquer garota da idade dela.

Hoje, dia de Domingo, vai dar à luz uma criança, um pequeno ser no qual deveríamos depositar as esperanças de um mundo melhor, de um jeito de se viver mais solidário, mais humano. Um pequeno cidadão ao qual não podemos mais negar o direito ao lar, à família, à escola; uma criança que só espera de nós uma oportunidade, aquela oportunidade que milhões de brasileiros até agora nunca tiveram: crescer e ser feliz.

A garota vive nas ruas desde sempre com o consentimento de todos: da família que a abandonou; dos vários Conselhos Tutelares que nestes anos todos se sucederam, da Secretaria do Menor; da Polícia que apesar das melhorias visíveis, continua truculenta; da Igreja Católica e das demais organizações religiosas que atuam junto as crianças em situação de rua...

A garota está aqui, na minha frente, desde sempre, porque sempre a deixei ficar aqui, a minha única preocupação em relação a ela sempre foi que não se aproximasse mais de tanto para não me assaltar. É assim que a garota conheceu a vida: por aquilo que tem de pior.

A nossa cidade assiste cúmplice ao minguar de uma inteira geração: nas favelas da periferia é mais fácil ver nos barracos miseráveis fornos a micro-ondas que crianças na escola. A nossa cidade permite que crianças nasçam de outras crianças ao relento, à mercê de tudo e de todos. As instituições públicas: Prefeituras, Governos, Igrejas, se desdobram para arrecadar fundos e organizar “grupos” e

“projetos” que “visam a reintegração no tecido social” – para usar uma expressão da gíria burocrática -: milhões de dólares que financiam um giro enorme de interesses que vão desde a satisfação pessoal das pessoas recrutadas como voluntárias dos “projetos” atuantes, até ao mais despudorado sistema de cabide de emprego. Me recuso de pensar em sã consciência, que um País como o Brasil, um Estado como o nosso, que a cidade de São Paulo não consiga enfrentar e resolver o drama das crianças que nunca tiveram a possibilidade de um desenvolvimento saudável, das crianças que, para enfatizar ainda mais a separação entre nós - os normais, e elas, são chamadas de “meninos de rua”.

Na porta do hospital paramos para tirar uma foto. Esperamos a chamada. Antes de entrar um último controle nas roupas de bebê ganhas nas ruas: uma mão piedosa doou um lindo enxoval.

Entramos. A médica, atenciosa tenta convence-la a deitar para que possa executar os controles, o toque, observar a eventual dilatação... Embora hoje não seja o dia que os médicos indicaram, aqui estamos. Os palpites da praça e a instabilidade emocional da garota são uma mistura explosiva capaz de desestabilizar e desacreditar qualquer opinião mais coerente, mais sensata.

A médica tenta de todas as formas, mas não consegue. A garota está irredutível, não deixará ninguém tocá-la, ninguém pode mexer com ela, ninguém pode mexer dentro dela. Sai da sala nervosa, irritada, em guerra consigo mesma e com o mundo que a colocou nesta situação. Pede de volta o enxoval, diz que o venderá na Paulista e gastará o dinheiro

em crack. Amaldiçoa o ventre e a criança dentro dele, não quer que nasça viva, diz que a matará de tanta droga que vai usar.

Tento convencê-la. Vai embora xingando. A observo atravessar a avenida. Chove. Um bicho acuado pelo medo, fruto da experiência direta de toda uma vida, de milhões de vidas.

Dois dias depois os seus companheiros de rua a levam num outro hospital... Nasce uma linda e saudável menina. Os seus companheiros de rua, eles a levaram. Onde estavam o estado, a prefeitura, o conselho tutelar, a igreja, os “grupos” os “projetos”, onde?

Após alguns dias de internação a encontro de novo na mesma praça de sempre. A deixaram sair, o hospital ficou com a filha. O seio duro de tanto leite, os pontos do parto cesáreo, a sujeira das ruas: o bicho acuado grita alucinado, ninguém consegue se aproximar da garota. Grita o seu direito a ser mãe, o seu direito a ser protegida, o seu direito a não ter saído do hospital, o seu direito a ter sido encaminhada para um centro de desintoxicação, o seu direito a dignidade.

*A filha...*

*que vai se importar com a filha...*

*mais um, menos um...*

*irá engrossar as filas dos orfanatos...*

*melhor assim...*

*vai ver que pode ser adotada, mulatinha, bonitinha...*

*adotadas por estrangeiros, suecos, italianos, gringos... eles  
adoram negrinhas brasileiras...*

Até quando?

## **Carta para uma pessoa importante**

Quero lhe contar uma história.

Menina de sete anos foge de casa: os espancamentos constantes, os maus tratos, as vexações quotidianas a fizeram ultrapassar a porta para se perder nas ruas. Mãe aos onze anos, brinca com a filha como fosse uma boneca, repete com ela tudo o que lhe foi ensinado...

Droga, prostituição, violência. Os anos passam entre internações e fugas.

Um certo dia nos encontramos na praça, em pleno centro da cidade. Consigo a sua amizade e a sua confiança. Aceita fazer parte de um programa de reabilitação que, juntos com os meus amigos de sempre, montei para as crianças de rua. Frequenta as sessões de psicanálise com regularidade, me segue em todas as iniciativas.

Nas minhas mãos eis a foto tirada o dia da grande festa na assembleia legislativa: ela debruçada em você que a abraça sorrindo como um pai orgulhoso.

“Nunca pensei que pessoas tão importantes gostassem de mim”... foi o que me disse ao sair.

E eu, dois braços e duas pernas e algum amigo, me sinto como se tivesse achado um diamante no lixo, o limpo direitinho e o devolvo ao lixo de onde o peguei. Foi assim que fiz aquele dia, a noite, ao sair da assembleia, sem lugar para ir, sem nada, a devolvi a rua, a praça, ao esgoto.

Hoje está presa.

Pensei que talvez uma visita ou uma palavra sua possa ajudá-la a lembrar que tem amigos que gostam dela, gostam dela simplesmente por aquilo que ela é, porque lhe querem bem.

Se chama Paulette

O que você acha?

## Feridas

*Eu*

*não sou assistente social...*

As palavras... o tom, o tom de voz para proferi-las... a pessoa... o paciente que escuta o médico dizer... a paciente-menina-grávida... perna inchada... inflamada... muita dor, a pedrada do outro dia...

*esta*

*va dormindo tia, ele chegou me acordou e me jogou uma pedra, dizia que o filho não é seu, me chamou de vagabunda e outros nomes feios... doe a perna tia, não consigo andar, sinto o osso mole por dentro, me leva ao médico tia...*

O médico... grita... pensando na quota de pacientes que é obrigado a atender para ganhar um salário de fome... e que todo dia esta quota é ultrapassada de um, dois o dez... encaixes, come se diz... encaixes fora da quota estabelecida... encaixe: gente gorda... velhos ulcerosos... velhas catarrentas... gente...

*eu*

*não sou assistente social...*

o médico do posto de saúde... o médico que nunca põe a mão no paciente... o médico que o examina o paciente com os olhos...de longe... o médico... milhões de médicos, assistentes sociais, secretárias, porteiros, funcionários públicos que tratam o povo pobre como o povo pobre merece ser tratado pelo fato de ser povo e ser pobre...

*eles*

*são o povaréu mais pobre fedorento e sujo do mundo e com*



*as pernas inchadas catarrentas grávidas meninas moradores de rua ou não mas pobres infectos imundos sujios fedorentos e eu médico-assistente social-psicólogo porteiro-secretária- funcionário público não quero tocar ninguém informar ninguém falar com ninguém ganho um salário de fome e não quero me contaminar com a nojeira do mundo...*

Os olhos falam... o tom de voz fala... fala mais que a palavra... Ninguém diz forte e claro *Tenho nojo de vocês* mas todos pensam... O médico-funcionário público explica aos berros os direitos da cidadania à paciente... os milhões de pacientes escutam todos os dias a todo momento a negação dos direitos por mão, voz e atitudes de médicos-porteiros-secretarias-funcionários públicos-chefe de repartições gritar o Não, total e irrestrito ao direito...

*um*

*a informação por favor, poderia me dizer onde posso...*

uma grade separa o funcionário público de humor medonho, de mim cidadão jogados de guichê em guichê de fila em fila... a grade de ferro separa o funcionário de humor medonho do cidadão povaréu fedorento que pergunta informações negadas a todo momento pela gentil prestativa atenção do aparato público...

*Doe*

*a perna tia, estou grávida tia, oito meses tia, doe a perna tia...*

O calvário das filas e dos guichês... o peso da responsabilidade tirado dos ombros tão logo se aproxima...

*deve*

*ir onde fez o pré-natal... aqui é só para as grávidas o problema dela é na perna... vai para ortopedia...*

*Doe a  
perna tia...*

Sobe escadas... desce corredores... espera em pé com a perna inchada... é preciso ser gentil com o porteiro que me fecha a porta na cara... fecha na cara porque o povaréu fedorento pergunta mil vezes a mesma coisa...

*moço,  
é aqui...*

e o moço-porteiro está cansado de repetir mil vezes a mesma coisa... e o moço-porteiro fecha a porta mil e mil vezes e deixa o povaréu ali fora esperar a terra prometida da informação salvadora... e o moço tem poder de vida o morte sobre mim... sobre a perna da garota grávida de oito meses sobre a velhinha que está na espera há uma vida...

*Do  
e a perna tia...*

e o poder existe para ser usado...

*eu  
moço-porteiro-funcionário público de humor medonho-  
médico-assistente social-etc fecho a porta na sua cara  
quantas vezes eu quiser porque este é o único poder que  
tenho... porque ganho um salário de fome... porque o meu  
time perdeu... porque eu quero...*

A menina-grávida... oito meses... barriga grande... a perna inchadas a pedradas por um colega de rua totalmente tomado pelo delírio da droga... busca ajuda... atendimento médico... informações... solidariedade...

Sáímos nos arrastando do hospital... tem ela um curativo

novo e bem feito... o corte fechado com os pontos que atenciosos médicos residentes costuraram com atenção e delicadeza... devolvo a menina-perna inchada-barriga grande a rua que a viu nascer e crescer... agora a verá dar a luz mais um filho... um filho de rua na rua... tenho eu uma ferida aberta... tem o meu povo uma ferida aberta do tamanho do Brasil.

Ele médico. Porteiro o outro. Secretária aquela ali. Funcionário público de humor medonho... que diferença faz... que importa a função de cada um... A realidade da vida, a assustadora realidade da vida negada, ofendida, ultrajada está na frente de todos... é só questão de querer enxergá-la...

O que aconteceu a todos nós?

## Hoje

Há muitos anos, Reis poderosos e sábios, pastores humildes e com frio, reuniram-se frente um recém-nascido que teria mudado para sempre a história do mundo, ou melhor, um recém-nascido que era ele mesmo o começo e o fim da História.

Hoje quero estar entre os reis e os pastores, em frente aquele recém-nascido. A voz do Anjo divulga a notícia mais importante de todos os tempos, o acontecimento que muda o coração e a mente do homem. Ontem à noite a Terra parou, cada um procurou a sua família, os seus afetos, as suas raízes, para vencer a solidão que a bagunça do mundo impõe. Eu sei que para muitos a Festa não tem significado algum; eu sei que muitos pensam que este dia seja um pretexto para se empanturrar de comilança calórica e presentes inúteis; eu sei que grade parte dos homens continua se matando, eu sei. Mas quero fazer como o Anjo, quero contar para todos, quero visitar aquele Recém-nascido com quem não tem a mínima ideia de que dia seja hoje, com quem, ontem a noite, não teve o calor da sua família, quero dizer a eles: a partir de hoje tudo pode mudar, nasceu!

Sujos, maltrapilhos, imundos. A capacidade dos homens de auto enganar-se é espantosa: a nossa gente abandonada a si mesma sabe muito bem que dia é hoje, por um momento escutou o Silêncio da Terra, embora sufocados pelo barulho da falsidade e da hipocrisia de uma festa de shopping center, por um momento perceberam. E então o desespero, a solidão bateram ainda mais forte e como único consolo a droga e o álcool, para fazer de conta, para não pensar.

É assim que encontro as minhas crianças sujas, maltrapilhas e imundas, drogadas, fora de si. Mas hoje é o dia, ou melhor o Dia mais importante e eu estou aqui pra isso, pra dizer que o Seu nascimento nos levará para uma nova vida, para a ressurreição, para liberdade.

Um pequeno grupo quer ir à Missa. Me encaminho para o Arsenal. Lá, sábios Reis, como o nosso Cardeal e simples pastores como os homens de rua acolhidos, se reunirão daqui a pouco entorno ao presépio para dar as boas-vindas ao Recém-nascido, para se confortar, para dizer um ao outro: “nasceu, não estamos mais sós, ficará conosco até o fim dos tempos”.

Sei por experiência que o caminhar acorda, que o movimento do corpo ajuda a dissolver o torpor da droga. Vamos, no Arsenal tomaremos um banho, comeremos e poderemos trocar estes panos em frangalhos. Mas alguma coisa não está dando certo, o menor de todos fica pra trás, não quer caminhar, joga pedras, grita. Chegamos na porta do Arsenal e continua de fora, continua a dar chutes, fazer pirraça. Doze anos aparentando oito: miúdo, magro, sujo maltrapilho e imundo, os olhos arregalados em um espasmo de raiva e desespero, escravo da droga.

Os outros entraram caminham indolentes, não entendem onde estão. Não querem tomar banho. A cozinha está fechada e não podemos comer...

Começa a Missa. O menor continua no portão insultando a todos, latindo pra lua, tenho medo que se machuque, tento segura-lo pelas mãos, me morde um dedo. Não tem nada a fazer, vai embora xingando o mundo, alucinado ele e alucinado o mundo que o abandonou. Uma voluntária o

segue para leva-lo de volta a praça.

O Rei sábio e os pastores rezam na igreja, quatro crianças na porta não querem entrar: ontem à noite, nos cercamos das nossas famílias; os pastores acolhidos no Arsenal tiveram um jantar diferente, muitos reconhecem o esforço que esta casa faz para que se sintam em Casa, e hoje um Rei sábio lhes anuncia a Esperança Viva. Quatro crianças que a muito tempo perderam tudo, não conseguem perceber que estamos em festa, ficam na porta, pedem para ir embora. A fome, a solidão e o delírio da droga falaram mais alto que o anjo.

Os levo de volta a praça, restituo os diamantes que tinha achado ao lixo.

Procuo não chorar, procuro não demonstrar a minha desolação, procuro manter o sorriso de sempre, procuro desesperadamente a força para continuar.

E o meu sorriso é um pedido de ajuda.

O meu esforço para não chorar é um grito, um apelo que dirijo a vocês, caros amigos italianos e a todos nós “homens de boa vontade”: nunca mais sós, nunca mais separados, nunca mais desesperados!

São Paulo, vinte milhões de habitantes, 25 de dezembro de 2002, quatro crianças me abraçam apertado.

Uma me diz: “Feliz Natal, tia”

## Trezentos

Sonho imagino e quero um dia de festa, uma festa para todos, a festa de todos.

Sonho imagino e preparo. Trezentos pedaços de bolo, preparo. Trezentos.

São para os trezentos aniversários nunca comemorados. Os meus meninos...

Muitos deles nem sabem o seu verdadeiro nome, o esqueceram, transformaram-se no seu próprio apelido costurado na alma pelo acaso, são uns não-meninos, sombras vagantes, o pesadelo da consciência adormecida da nossa cidade.

Mas hoje imagino e quero uma grande festa, a festa deles, a festa do aniversário de cada um deles. Hoje acordei louca, completamente enlouquecida e preparo a festa para os meus trezentos meninos.

Faltam três dias para o fim do ano. A tensão é ao máximo: necessita-se reunir-se apertando-se na segurança da família. Debaixo das pontes e nos esgotos enche-se de crack e de cola para precipitar ainda mais na certeza de que a família foi perdida para sempre ou nunca a se teve.

Esquenta-se junto nesta certeza, esquenta-se do frio deste verão de quarenta graus na sombra. Um calor gelado de desespero e gelo. Mas hoje é festa.

Quem esqueceu o seu nome, quem não tem a mínima ideia

do dia em que nasceu, festejará comigo e com todos os outros o seu aniversário. Hoje é o aniversário de todos. Trezentos pedaços de bolo.

Na frente do Teatro Municipal há uma grande ponte que atravessa a nova área de pedestre, gramados, jardins e mais abaixo ainda a grande avenida de trânsito intenso que liga a cidade toda.

Grande festa hoje debaixo da ponte, entre a pressa dos transeuntes, aprontamos o chão, abrimos as bolsas, preparamos os refrigerantes, os copos de papel.

Agora as fotos. Em volta da “mesa” um de cada vez, todos: a jovem com a criança no colo, o outro pequeno sempre maltrapilho, aquela outra estupenda garota com o sorriso de modelo... todos. Estamos aqui em pleno centro a fazer festa.

Estou aqui em pleno centro, faço festa, estou feliz como cada um dos meus meninos, estou radiante de alegria, estou destruída pelo desespero.

Tenho a exata dimensão da inutilidade e da precariedade de tudo aquilo que foi feito, de tudo aquilo que farei. Tenho a exata dimensão da presença da morte que nos espera ao próximo saquinho de cola ou na próxima tragada de crack. Tenho a exata dimensão de mim mesma da minha pertinácia e da minha solidão.

*Tia nunca tive uma festa assim...*

Estas palavras e o abraço que segue me trazem de volta o sorriso na alma, me acordam para a realidade. E então sonho, imagino uma realidade diferente na qual o Estado, as instituições, a igreja, os grupos, os projetos de intervenção



na realidade dos meninos de rua se reúnam na nossa frente para nos fazer uma surpresa... sonho, imagino que todas estas organizações com as suas iniciativas adoentadas de elefantíase burocrática e de inúteis falatórios criem asas e voem bem longe, longe de mim, longe de todos os meus meninos para que nenhum deles nunca mais possa ser vítima dos seus tentáculos.

Imagino sonho e quero a realidade que os meus olhos incrédulos veem agora dezenas de garotos que se abraçam felizes, dezenas de garotos com um nome e uma data de nascimento a dizer um ao outro: feliz aniversário.

Debaixo de uma ponte de São Paulo, trezentos pedaços de bolo.

## O Preço

Não consigo achar a metáfora certa para explicar o que mais uma vez vejo e para o qual acabei toda a reserva das minhas palavras. Agora posso somente pôr-me perguntas que não têm respostas, perguntas que caem no vazio, perguntas gritadas que aos poucos se tornam sussurro e por fim se transformam em pensamento, em um vago pensamento apático e sem forma, uma sensação de impotência ligada a um nada cósmico que envolve a minha alma e a cobre com uma substância gelatinosa e pegajosa, a imobiliza com mais de cem correntes, a emudece costurando-lhe a boca, cega ela extirpando seus olhos...

O fato que exista uma situação como esta e que a veja na minha frente.

A criança e a sua mãe... mais que uma imagem é um arquétipo, o próprio símbolo da humanidade, do pertencer a um mundo, uma cultura, o símbolo da confirmação do nosso existir: uma criança que acabou de nascer aninhada entre os braços de sua mãe.

Esta imagem diz tudo.

Mas não consigo isolá-la do contexto em que afoga, não consigo.

Não sou capaz.

O contexto é intolerável, é mais forte que o arquétipo, é o mal absoluto.

Mas uma praça não pode ser definida como o mal absoluto,

a biblioteca municipal menos ainda, imagina a sede de uma grande companhia de comércio, uma loja de sapatos, uma outra de máquinas fotográficas, uma outra ainda de discos, uma banca de jornal, os jardins... O mal absoluto.

Uma mãe dorme abraçada à sua menina nascida seis dias atrás.

Dorme no chão da praça na frente dos olhos cegos da biblioteca municipal, da sede da grande companhia comercial, dos jardins, na frente dos olhos do mundo, na frente dos meus.

A conheço há muito tempo... posso dizer de tê-la visto crescer, a mãe.

A sua história... igual àquela de milhares de outros, igual àquela de inteiras gerações, igual à miséria do meu País e da minha gente. Miséria sim, miséria opulenta, miséria dos arranha-céus de cristal da minha cidade, miséria da riqueza ostentada em cada canto e a todo momento, miséria no sonho desta riqueza que hipnotiza milhões e milhões de pessoas e as obriga a matar e a se fazer matar para a qualquer custo concretizá-lo e *chegar lá, dar certo, ser alguém na vida.*

Com qual metáfora, com quais palavras posso descrever a inversão de valores a qual se resigna uma inteira nação que dócil e submissa aceita o inaceitável, o inaudito, uma inteira nação que paga o preço do seu subdesenvolvimento esmagando os seus filhos?

Uma mãe, milhões de mães, uma criança de seis dias, milhões de crianças de seis dias, na minha frente e na frente

da minha mente obnubilada e confusa.

Sorri a mãe, é linda, grande, forte, sorri e me dá a sua menina que aperto ao peito enquanto engulo lágrimas e impotência.

Recebeu alta do hospital. Menor, recebeu alta.

Mesmo sabendo que teria dormido na praça, recebeu alta.

É como se um destino inexorável, o facão do carrasco, se abatesse sobre ela, sobre esta belíssima menina e sobre a minha mente confusa: eu sei o que acontecerá.

Eu sei que chegarão na calada da noite os assistentes sociais e lhe tirarão a menina dos braços.

Eu sei que esta jovem mãe afogará o seu desespero no crack e nunca mais verá esta menina de seis dias que agora dorme lindamente entre os meus braços e nem imagina de estar na praça, atrás da biblioteca municipal.

Eu sei que voltarei para casa e começarei a escrever e dizer que não tenho palavras para contar o que vejo e o que sinto.

Vivo num tempo onde tudo é igual a si mesmo e onde a esperança deixa o lugar para o choro universal desta menina de seis dias.

Vivo numa profundidade de escuridão onde o eco do silêncio é tão forte de me ensurdecer.

Vivo sorrindo de felicidade apertando ao peito esta menina de seis dias que agora abre os olhos e parece me reconhecer.

É tão linda...

## Fui

Se eu soubesse dizer, diria.

Se soubesse escrever, escreveria.

Se soubesse gritar, gritaria.

Mas não tenho mais voz, nem força, nem vontade de escrever, de gritar.

Não tenho vontade de fazer mais nada.

Com quais e quantas palavras é possível humilhar um Homem?

Com quais e quantos gestos é possível chegar no fundo da alma do Homem e tirar-lhe a única coisa que lhe resta, a dignidade?

Um telefonema me chama à minha responsabilidade de educadora. É a Febem que conseguiu a autorização do juiz para que possa visitar um menino.

Menino, criança, filho nosso, filho deste mundo cão que lhe deu a vida e com esta, as pancadas na cabeça desde que nasceu para que aprenda *a nunca mais roubar* - como disse sua própria mãe enquanto o queimava - *a nunca mais roubar* - como dizia na minha frente o policial que o beliscava até as lágrimas - *para nunca mais roubar*- como diz uma cidade inteira quando deseja o sua aniquilação.

Um telefonema bastou. Fui.

Numa sala, entre o sorriso de sarcasmo da funcionária e uma resposta mal encarada dos porteiros, eu também fui: fui mãe de um filho não meu, fui irmã de um menino sem ser-lhe parente; fui cidadã brasileira esmagada pela máquina de poder e repressão, a única coisa que parece funcionar no

meu País, a máquina que fabrica o desespero, a submissão do cidadão frente ao Poder inexplicável e inexorável.

### Fatos

Eu, Edith Moniz, pedagoga, educadora, membro do Conseg-Centro, colaboradora da Sub-Comissão de Segurança Pública da Comissão dos Direitos Humanos da OAB de São Paulo, fundadora do Projeto Lata-Ria, tia de rua, no dia 4 de fevereiro estive na Febem Tatuapé para visitar um interno, sob pedido do assistente social responsável que providenciou as autorizações legais.

Apesar de ter sido procurada, ter sido chamada, ter sido convidada, ao entrar na Instituição, fui submetida a um controle integral pelos funcionários do serviço de portaria que definir como “rigoroso”, soaria irônico.

Depois das perguntas rituais “quem é; o que está fazendo aqui; onde vai; porque; quem chamou”, fui conduzida a um quarto de dois metros por dois, onde tive que ficar completamente nua, repito, completamente nua, na frente da funcionária que depois de ter revistado a minha roupa minuciosamente, me obrigou a “*pular o canguru pernetá*”, como de suas textuais palavras, ou seja: saltar completamente nua abrindo e fechando as pernas, agachar e levantar reiteradas vezes para ter certeza de que nem armas e nem drogas caíssem do interior da vagina:

### Considerações

Não quero falar aqui da ilegalidade deste tipo de revista à qual foi submetida, da humilhação pela qual passei, nem da atitude arrogante desafiadora dos funcionários que me

atenderam mesmo estando cientes da minha autorização oficial para poder entrar na Instituição.

Quero sim ponderar como e de que forma se busque a colaboração da sociedade civil, das famílias e principalmente das mães para a recuperação dos menores, se estas mesmas mães são mais uma vez tratadas como potenciais delinquentes e submetidas a provas vexatórias como aquela pela qual passei.

Conclusão

Febem: “Fundação do Bem-Estar do Menor”. É mesmo?  
Todas as outras perguntas, propositadamente, as silencio.

## **Anos**

Passaram-se anos.

Quando um dia é igual ao outro, quando não existe diferença entre o que foi, o que é e o que será, o tempo não flui, o tempo fica pendurado ao fio inquebrável dum tédio sem fim sempre igual a si mesmo para todo o sempre, fica numa bolha dentro da qual não há nenhuma possibilidade de enxergar o que fora dela existe, nem de saber se fora dela existe algo mais que não seja este maldito eterno presente.

Na minha frente um menino com a mesma idade, a mesma expressão, as mesmas feridas de todos os outros meninos que encontrei nas ruas, nas praças e nos esgotos desta cidade, que continua sendo, mesmo na opulência dos festejos dos seus 450 anos, a cidade sem dó nem piedade, a cidade-cão que tritura os seus filhos mais fracos.

Agora não representa mais nenhum perigo, uma grade enorme, muitos guardas, muros, arame farpados, polícia, defendem a cidade-cão dos seus assaltos, do seu vagabundar sem rumo, do seu pedir incessante, do horror que emana do seu viver: foi ela mesma, a cidade-cão, que decidiu prendê-lo aqui para que se comece o processo de socialização, para que ele aprenda a se comportar como um bom menino.

Lembro de mim um dia desses (quantos anos, dias, quantas horas se passaram?) a discutir com um soldado que o estava torturando em pleno centro, na frente dos transeuntes que incitavam ao massacre. Lembro dos gritos do menino, dos presentes, dos palavrões e dos insultos do soldado. Lembro da sua pequena mão queimada de tanto choque elétrico, lembro de ter conseguido que o guarda o entregasse aos



meus cuidados. Lembro depois de tê-lo encontrado com a cabeça rasgada por um chute, lembro tudo, lembro de tudo... E agora, o assistente social disse que eu sou a única referência, que eu sou o único elo sadio que lhe sobrou com o mundo exterior, que eu posso ajudar na recuperação.

Eu...

Hoje sinto o peso da responsabilidade gravar sobre mim. Sinto como se todos os outros meninos estivessem me chamando, sinto que mais uma vez devo fazer o meu papel de Educadora, Professora, Avó, Mãe, Tia, tia de rua.

Eu, sem nada, sem apoio nenhum, sem recursos, sem dinheiro, somente com a ajuda dos amigos de sempre, eu cidadã do “país do futuro”, cidadã da cidade-cão, entro na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor...

Penso que este menino vive nas ruas, naquela bolha do eterno presente, desde sempre, desde que teve que fugir da própria mãe para não morrer queimado, desde que deu a primeira bafurada num saquinho de cola, o primeiro trago, o primeiro gole...

Lembro daquela noite em que o soldado depois de obrigá-lo a deitar com a cara no chão quebrava os seus pertences com o calcanhar da bota, um isqueiro, um chaveiro...

Penso neste menino que tem a mim como única referência... penso em todos os “projetos”, “igrejas”, “educadores de rua”, “voluntários” com os quais teve contato em todos estes anos, penso em todas as “autoridades” que souberam da sua existência e penso também quantos desses “projetos”, dessas “autoridades” estão aqui comigo hoje...

Febem... um belo eufemismo para não chamá-la de prisão.

Aqui os muros, as grades, a polícia de choque... as crianças

que conheço há anos e mais anos...

*Tia, Tia...* o abraço gostoso aperta e tira o fôlego.

Mil palavras. Pedidos. E mais abraços.

*Quanto tempo tia... Vem, Olha, sabe tia...*

Ele cresceu agora, eu... não sei o que dizer, as palavras brotam de mim direto, sem ser pensadas, e os silêncios mais ainda...

O que conta realmente, o que é mais importante, como sempre, é o estar, estar ali para que ele mesmo sinta-se amparado, sinta que tem valor, sinta quanto é importante, para mim, para o mundo, para ele mesmo.

Estar com ele para que o mundo faça sentido, para que o mundo tenha sentido.

Estar junto para que se consiga estourar a maldita bolha...e deixar espaço para a vida finalmente começar.

Uma vez por semana.

Serei o seu mundo, uma vez por semana...

Alguém me ajude...

## **Nove perguntas e uma afirmação**

Capitães da areia... moleques, pivetes, pixotes, infratores e quantas outras definições menos poéticas e mais técnicas, mais cultas, elaboradas por conselhos de especialistas, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos e pedagogos reunidos em congressos mirabolantes para estudar o “problema”... para definir diretrizes de intervenção, para concretizar propostas e debater a descoberta da água quente... quantas reuniões e estudos e livros e artigos e filmes e matérias na televisão. Sempre dizendo a mesma coisa, sempre falando a mesma linguagem entre o sensacionalista, o piedoso, o clientelista, o paternalista e o linguajar da República da USP...

Todos a dizer o mesmo. O problema da criança de rua... o problema da infância carente... o problema da falta de políticas estruturais ligadas a esta mesma infância... o problema, o problema, o problema. E mais uma vez associamos à palavra “criança” esta outra palavra “problema”.

Chegamos a forjar outra, mais eficaz: “criança a risco social”.

Um doce para quem souber me explicar o que significa.

Pergunto: problema para quem?

Pergunto: que tipo de problema?

Pergunto: risco de quem, para quem e para o quê?

Afirmo: não existe risco social numa sociedade que fabrica e vive de certas e seguras incertezas: a certeza do desemprego, a certeza do desamparo, a certeza da fome, a certeza da falta de habitação decente, a certeza da minha

incerteza a respeito do meu futuro e do futuro dos meus filhos. Não existe risco social porque tudo, tudo mesmo é posto em risco sempre e em todo lugar. É o risco de desaparecer é o risco de me tornar de vez evanescente como o é esta vida efêmera estruturada sobre o imediatismo chulo, o niilismo e a satisfação súbita das necessidades primárias.

Continuo então perguntando: o que é risco social? é o risco de não se adaptar às normas, é o inconformismo, é a vida “marginal” é o não compartilhar os mesmos valores propugnados a todo instante? O que é então risco social?

A associação hipócrita criança-risco, criança-problema, implica uma grande dose de desespero e de falta de perspectivas de quem a propõe: “não consigo enquadrar esta determinada realidade nos meus esquemas sócio-mentais e então a catalogo, sem falta, como problema, como risco social”.

Continuo perguntando: quem corre mais riscos de se “perder” pelo caminho errado, quem corre mais riscos de frequentar más companhias, a criança que convive num barraco de favela com o pai bêbado e o irmão traficante, tratada como lixo para que em lixo se transforme e continue vivendo como tal, ou a outra, aquela blindada entre a fugacidade do *shopping center*, a academia de ginástica e a novela da Globo, tratada como consumidora mirim para que um dia possa ser aprovada no vestibular da lógica do mercado e a este se adaptar? Quem destas duas crianças está efetivamente em risco, quem representa um risco para os outros? Onde mora o perigo?

Escuto como um eco sombrio, como uma voz nefasta, as palavras de um importante Senador da República que, como

se não fossem suficientes os anos nos quais colaborou com a repressão política do nosso recente passado, invoca agora, à guisa de solução mágica para resolver o “problema” do “menor infrator”, a diminuição da idade de responsabilidade penal e o aumento da pena de reclusão para que este “menor infrator” sinta na pele a severidade do castigo, para que possa perceber que está realmente sendo punido pelo delito que cometeu.

Este monstruoso raciocínio, indica realmente a que impasse chegou o pensamento dominante pelo qual o Estado, todos nós, se faz presente na vida do cidadão-criança unicamente como força punitiva. Querendo “solucionar” o “problema” trancafia-se a criança quanto mais cedo possível e por quanto mais tempo melhor, atrás dos muros de instituições como a nossa Febem, para definitivamente aniquilar qualquer sinal de vida dos reclusos. A nobre finalidade oficial de inserir a criança num programa socioeducativo, esconde uma realidade sombria de humilhação e de tortura muito semelhante àquela das cadeias públicas.

É preciso ter a cara dura de olhar o problema de frente: nada está certo, as nossas bases

da convivência social “evoluíram” num processo regressivo de deterioração que vem de longe, no tempo e no espaço.

O lixo cultural que se abate sobre nós a todo instante e sobre o qual fundamos o nosso viver cotidiano, os valores que bebemos como água, tem um preço altíssimo: o preço da nossa identidade individual e o preço da nossa identidade como sociedade, como povo, como nação, como País.

Considerar, portanto, que exista um “problema” ou um “risco social” chamado “criança” significa enxergar o

assunto de pernas pro ar: quem constrói os problemas é o mundo adulto, incansável fabricante de situações, estas sim, perniciosas.

A criança simplesmente reflete a realidade na qual é condenada a viver e, no caso específico daquelas consideradas “a risco”, condenada a se virar.

A criança não pode mais ser catalogada como “problema” ou como “risco-social”.

A criança é e deve ser a solução do “problema”.

É da observação dos seus anseios e das suas necessidades, é do nosso ter consciência do seu ser cidadã, que deve surgir a “solução” para que nunca mais nós, o mundo adulto, nos atrevamos a defini-la criança-problema, criança a risco social.

## **PROJETO LATA-RIA**

### **Quem?**

Somos nós: os meninos, as meninas e os adolescentes de rua

### **Porque?**

Sempre quisemos ter chances, oportunidades, opções, mas quando pedimos fomos recusados, quando entramos fomos barrados.

### **E então...**

Decidimos assim construir, com as nossas próprias mãos, as nossas chances, as nossas oportunidades.

### **Como?**

Através do trabalho e do estudo: o trabalho para aprender a ter compromisso e disciplina; o estudo para aprender a usar as ferramentas que podem mudar o nosso futuro e a nossa vida.

### **Queremos...**

Parar de ser vítimas; parar de correr de medo; parar de ter fome e frio; parar de usar drogas; parar de roubar.

## **Queremos...**

Ser cidadãos dignos, decentes, ser respeitados e respeitar, queremos crescer e ser felizes.

## **Como:**

O trabalho é simples: percorrer os bares e os restaurantes para recolher latinhas.

Venderemos as latinhas dia-a-dia e com o dinheiro arrecadado, aos poucos poderemos comprar o material de estudo: cadernos, canetas, lápis e livros.

## **Onde?**

Na rua mesmo, estaremos trabalhando e estudando nas ruas e nas praças que até hoje nos serviram de abrigo, mas que se transformarão num lugar incrível de trabalho, estudo e solidariedade.

## **Organização:**

De manhã: ao trabalho, duas horas percorrendo as ruas, não mais a pedir... mas buscando a colaboração de todos. Pausa para o almoço.  
De tarde: atividades recreativas e estudo!

Não temos:

Lugar para guardar os nossos pertences e as latas que recolheremos; dinheiro e nem tempo a perder!



**Temos:**

Amigas “Tias” voluntárias que serão as nossas professoras; vontade de trabalhar e de estudar; o futuro nas nossas mãos.

**Conclusão:**

Sabemos que as dificuldades serão muitas, que às vezes poderemos cair no desânimo e no desconforto, mas sabemos também que não queremos mais pedir ajuda, não queremos mais esperar que alguém olhe por nós. Sabemos que a partir de agora seremos nós os responsáveis pelo resgate da nossa dignidade e que as pessoas não mais terão medo: em vez de dizer: “Vão embora!”, dirão: “Vem cá!”

## **Recolher e Estudar**

Até agora o significado do meu trabalho podia se resumir através do verbo “estar” entendendo com isso o compartilhar, o dividir, o confiar. Mas ao longo do tempo notei que apesar do laço de união, não havia ainda conseguido caminhar em direção ao resgate...

Percebo que este é um discurso meio abstrato, confuso: estou falando de uma atividade difícilíssima, um trabalho árduo e complexo, ainda mais quando se começou a fazê-lo completamente só, como eu.

Continua meio obscuro... , recomeço:

Na frente da miséria do abandono ou do abandono na miséria com o qual nos deparamos a cada passo que se dê nas ruas da nossa cidade, decidi não mais ficar olhando e recriminar baixinho, decidi fazer alguma coisa: o que? Vi que as crianças são o elo mais fraco da cadeia e me coloquei a disposição de cada uma delas, nas ruas e nas praças onde vivem. Disponibilizei o meu tempo, as minhas forças e a minha capacidade. Conquistei a confiança e a amizade de todas. Tive e tenho que enfrentar problemas mil, mas também consegui obter a solidariedade de várias entidades públicas e privadas e assim hoje posso dizer com toda alegria e satisfação, de ter dado o primeiro passo.

A criança que vive na rua, às vezes há anos, carece de tudo: a higiene ausente, a alimentação inadequada, a droga, a falta de opção, ao longo do tempo substituem os valores “normais” do bem e do mal, do certo e do errado.

Apesar de tudo consegui convencer um pequeno grupo delas a fundar comigo um projeto de interação e solidariedade que visa a integração no núcleo social no qual estão vivendo:

recolher latinhas em bares e restaurantes da região central... parece tolo, parece pouco, pode até parecer exploração de mão de obra infantil! Para que recolher latinhas?

Para começar a ter uma disciplina, um compromisso, um empenho, um horário. Vendidas as latinhas comprar-se-ia o material de estudo: lápis, papel, livros, canetas... e nas mesmas praças e ruas, aprendendo ou reaprendendo a ler e escrever, se começaria a recuperar o tempo perdido, se começaria a crescer de verdade.

O trabalho que pode ser entendido como exploração, na verdade é a única atividade que não as fecharias entre quatro paredes; é a única atividade que elas, no atual estágio conseguem fazer: a droga e tudo mais as deixou com limitada capacidade de concentração, “fracos de cabeça”, “com o cérebro fritado”, para usar a expressão delas. Para “inventar” esta atividade fui auxiliada por alguns amigos de sempre e por empresários da região que possibilitaram a confecção de camisetas e crachás. Sim, camiseta e crachá porque estaremos uniformizados, e para muitos deles o próprio nome escrito no crachá será o único “documento de identidade”. No começo três vezes por semana, duas horas, de manhã, estaremos ao trabalho.

Muitas crianças que não quiserem aderir, serão contagiadas pela seriedade dos outros que virão a ser o nosso melhor e maior cartão de visita.

Os donos dos estabelecimentos e os lojistas da região não mais irão olhar para eles com espanto ou repulsão, mas os respeitarão como trabalhadores e poderão colaborar para fortalecer a autoestima e a tomada de consciência.

Por enquanto estamos sem um local para guardar as latinhas

e o material de estudo. Estamos também sem um local para tomar banho e sentar para almoçar. Porém tenho certeza que conseguiremos encontrá-lo através da colaboração da sociedade civil.

Percebo que posso parecer utópica, otimista demais... sou sim senhor e daí?

Chega de parar para pensar, chega de seminários de estudos, chega de intermináveis discussões: vamos trabalhar! Eu encontrei um caminho que acho viável.

Estou convencida de que, em pouco tempo, estarei contando dos nossos sucessos e das parcerias que teremos conseguido e principalmente contarei de quantas crianças e adolescentes terão começado o longo caminho do resgate da própria dignidade.

E para falar em otimismo, o nosso grupo se automeceu com um trocadilho que é melhor de qualquer explicação: “Projeto LATA-RIA”

## **PERIFERIA**

## O Outro Lado

Não quero que acabe assim. Que tudo acabe assim. Sempre soube. Afinal todos sabem o rumo que a vida toma. Sem essa de destino, não me venham encher o saco, agora. Se vive do jeito que se escolhe viver, mas isto não, eu não queria.

Aprendi a fugir de mim mesmo, mas desta vez não tem como.

Os nervos puros aparecem e apodrecem pelos buracos das minhas mãos.

Nunca fizeram isto desta forma, assim. Antes aqueles como eu os amarravam e os deixavam pendurados sem o apoio dos pés. Para que o próprio peso do corpo que escorrega na madeira os sufocasse. Hoje está na moda pregar as mãos, os punhos, as canelas, os pés. Está na moda assim, dói mais e se morre mais rápido. O pouco de sangue que sobra jorra rápido em mil gotas podres e fedorentas, na cara deles na hora da martelada, bem feito, vão a merda, vão se foder, trabalho de merda, pregar os outros, trabalho de merda.

Nem pensam que amanhã podem estar aqui em cima, no meu lugar de agora. Eu e eles nenhuma diferença, nenhuma.

É, só que eu nunca enfiei pregos em ninguém, vão se foder.

Antes os pendurados morriam de morte natural, diziam. É, natural... ser... estar pendurado ao poste com os braços abertos... escorregar sem poder apoiar os pés, o ar que vai faltando, o corpo em pedaços pelas surras, pelos cuspes, pelas chicotadas, pelos chutes. Morte natural... quando os malditos corvos vêm comer seus olhos com você vivo...

Morte natural, arder ao sol do deserto que te frita as chagas

vivas cheias de moscas, morte natural o caralho.

Nada é mais natural que a morte. Estamos rodeados por ela.

A morte. Foda-se.

Agora sou um ouvido surdo e uma boca muda, nada de mim funciona.

Será esta a morte? Medo do escuro, a escuridão do medo. A morte é o medo que dela se tem. Ou a morte é somente a noite da mente e da memória? Eu que não respondo mais de mim, nem a mim. Caercassa supérstite em um oceano de porradas. A minha única vida, sem outra chance, circundada por uma eternidade de morte.

Não é justo, caralho, não é justo, não quero assim.

Este é o meu grito que escuto eu só. Ninguém, não tem ninguém, não há ninguém comigo, para mim, nem para me olhar morrer, nem os caras que me penduraram aqui... foram do outro lado jogar dados, fodam-se.

Boca muda, ouvido surdo, olho cego: quanta é a parte de dor reservada para mim?

Eu não escolhi estar aqui e nem com quem e nem porquê.

Até os que me penduraram foram embora, do outro lado.

Não, este meu é o outro lado, eles estão na frente, do lado certo. O meu, onde estou agora é que é o outro lado. Sempre soube qual era o meu lugar. Desde a primeira vez que vi uma cena dessas sabia que mais cedo ou mais tarde este prazer de ocupar o outro lado teria sido meu.

E como eu nunca valia nada de nada, nunca imaginei de poder estar na frente como este cara que está rangendo na minhas costas. O lado bom, o lado da frente, nas minhas costas.

Um homem famoso, um monte de gente que o

acompanhava, um belo espetáculo. Eu vim sozinho na jaula puxada a burro, sozinho na jaula, o bacana com um monte de gente atrás e agora eu aqui atrás dele.

Parece que nem viu que estou aqui, que nem percebeu a minha presença.

Todos olham pra ele, é famoso este cara. Quando cheguei de jaula e tudo já estava aqui há um tempinho, já tinha gente na frente e ninguém viu a mim, nem perceberam os gritos que dava eu a cada martelada. Todos os olhos para ele. Eu continuo o merda de sempre.

Agora chama o pai, ele é famoso, dizem que é importante. Importante e fodido como eu.

Chama o pai que parece tê-lo abandonado faz tempo. Tem maluco pra tudo, não entendo, a mãe dele está aí na frente, e ele a chamar o pai.

Na minha frente ninguém, meus olhos cegos não sentem ninguém aqui me olhando.

De onde eu venho? de lugar nenhum. Quem sou eu? um idiota qualquer. Quem são os meus? os malcomidos, os malpagos, os malvividos, os semdinheiro, os semtrabalho, os semteto, os semporranenhuma, os donos de promessasvazias, os donosdenada.

Eis os meus.

E não estão aqui porque estão em todo lugar.

O cara do lado tem a mãe e o irmão e a amiguinha que chora bem aqui debaixo. Mulherzinha jovenzinha frangota... sua puta. Dá pra ouvi os berros. Ou será que é a mãe?

Grande cara este: trazer a mãe para vê-lo morrer, parabéns.

Eu, minha mãe nem sei quem é, imagina o pai. E ele o chama.



Irmãos, tenho de sobra. Todos no mesmo barco, aqueles como eu: cachorros mortos que comem uns aos outros, como aquele que me vendeu e aquele que martelou os pregos ni mim. Estava com fome o filho da puta. É, porque para cada dez homens na praça um é um filho da puta. E disse que foi eu quem roubou a galinha, quem roubou a carteira, quem roubou a merda de dois tostões... foi ele e me entregou por um prato de feijão. A porrada chegou mais rápido que a minha tentativa de explicação. A polícia tem pressa de saber quando como porque quem e com quem... e agora estou ainda vivo com um cara que morre colado nas minhas costas atrás de mim e chama o pai de novo.

Ei cara, para de chorar, seja homem, a mamãezinha não te explicou como as coisas funcionam... seja homem, caralho, para de chorar... ou você é boiola?

Não sabe que aqui nesta porra de lugar vem somente aqueles como nós, os fodidos. Você é famoso, cara, tem muita gente em frente... em frente a mim ninguém, porque eu não sou ninguém, mas tenho os colhões no lugar, cara... para de chorar.

Não posso te responder, cara, a minha boca é uma abóbora inchada de pus e sangue, e você me chama e pede água...

Que morte é a nossa, cara...

Estou aqui, sim estou aqui, estou ouvindo, não posso responder com palavras só com gemido, estou aqui, fala cara, fala, se isto pode te aliviar. Deixa em paz a sua mãe, caralho, não vê que está chorando e fala comigo, cara...

Eu sei que o prego dói. Ou acha que os meu fazem cócegas... diga pelo menos alguma coisa que não saiba.

Doem os pés, doem as mãos, dói aqui, dói ali, que saco cara,

dói tudo, dói o mundo. Morra como homem caralho, seja homem e deixe a sua mãe em paz, merda.

É, você entendeu bem, estou dizendo que dói tudo porque dói o mundo. É o mundo nas costas, cara. Os fodidos como eu carregam o mundo nas costas. Você não sabe de nada caralho, você é famoso, tem mãe e tem pai também que te ajudam sempre que você chama. Os fodidos como eu, não. Nada de pai, nada de mãe. Para nós é a lei do cão. Que cada um carregue o seu mundo nas costas. E de mundos para carregar tem quanto quiser, cara, tem pra mim e pra você também. Está vendo eu aqui? está vendo? estou carregando o meu mundo neste poste de merda que deveria ter sido carregado por um outro e não por mim que eu não fiz nada. Um outro. Mas pra eles e pra morte não faz diferença nenhuma, seja eu, seja um outro está na mesma. Vida de merda e morte de merda. Mas é mais morte de merda.

Porque na vida tem coisa que vale a pena sim senhor. Aquela sua mulh... bom, deixa pra lá, desculpa.

Ei cara estou com o sol no rosto, bem em cima de mim, puta merda que calor insuportável.

Pelo menos você tem mais sorte, está de frente pra mãe e de costas pro sol e o sol bate em mim: de costas pra você.

Até na morte tem gente com mais sorte e outros que se estrepam, até na morte.

Desculpa, cara, pode falar...

Fala, cara, fala comigo que escuto...

Estou bem aqui, atrás de você, grudado, fala, estou meio surdo de tanta porrada mas escuto o seu gemido se confundir com o meu.

Eles conseguiram, dobraram o nosso corpo e o nosso espírito também, porque quando o corpo dói desse jeito a gente daria qualquer coisa para parar de doer, a gente venderia até a mãe...

desculpa cara não queria te ofender, perdoa, nem sua mãe queria ofender,

pede desculpa a ela por mim. Daqui deste lado não consigo vê-la. Só sei que está aí porque antes você falava com ela para cuidar do seu irmão e ao seu irmão para cuidar dela.

Por isso. Desculpa.

Se a minha mãe estivesse aqui...

Fala, cara, te interrompi...

Então se não quiser falar nada, fique quieto, em silêncio, escute o corvo chegar, a morte chegar...

O sol arde mais, agora é o sangue que arde...

Faz duas horas que você não diz mais nada, mas eu sei que ainda não morreu, porque sinto os seus espasmos...

Não entendo, cara, porque seu pai foi tão filho da puta assim de te abandonar... e agora você pede para que seja feita a vontade dele... você é maluco cara.... ei cara... cara...

responde... ei... merda caralho... responde cara.... vai se foder, cara

não morra... não me deixe só você também cara... fica

comigo cara, não vai embora... não morra, merda caralho...

porque você também... não morra cara, fique, fique comigo, não quero morrer sozinho... ei cara...

...Este sol foi embora...

...trovão...

...chuva a molhar o meu rosto...

...ei cara...

...está chovendo e trovejando como nunca...

...está escuro e estou com frio com tanto frio...

## **Cinco metros por quatro**

Confesso que hoje estou nervoso.

É a primeira vez que organizamos a festa das crianças.

A dia doze de outubro, além de se comemorar a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, é também o dia das crianças.

Temos dezesseis inscritos, aqueles que participam das atividades do Grupo Juntos para Vencer, mas estamos prevendo a chegada de pelo menos cinquenta: os irmãos, o vizinho, o primo, é fácil ultrapassar o limite.

O espaço é pequeno: uma sala de cinco metros por quatro, sem janelas, uma porta, oito caixas amontadas ao fundo, duas mesas, umas vinte cadeiras, mas é o espaço que temos.

Estamos preparando este dia há três semanas, todas as quartas feiras o Grupo se reúne duas vezes: de manhã se preparam as atividades que serão desenvolvidas na parte da tarde. As “mães voluntárias” junto a equipe completa, estudam e encontram soluções para que todos possam participar: normais e deficientes, juntos. Encontramos esta associação chamada AVAPE (Associação pela Valorização da Pessoa Excepcional) que há vinte anos além de oferece tratamento médico e fisioterápico, trabalha com e nas comunidades carentes da periferia. Aos poucos se interessou pela situação da nossa favela e decidiu intervir ativamente na tentativa de melhorar as condições de vida dos portadores de deficiência e, objetivo este talvez mais importante ainda, envolver a comunidade na reintegração psico social de quem sem outra alternativa viveria completamente isolado.

As “mães voluntárias” estão sendo treinadas para conseguir

conviver melhor com os problemas físicos ou mentais dos filhos. Organizam-se trabalhos e atividades, distribuem-se tarefas, projetam-se futuros compromissos... e tudo para reforçar um sentido de “comunidade” para demonstrar aos céticos que é possível se viver com dignidade mesmo numa cadeira de roda o com uma perna mais curta. Um bellissimo trabalho, bem aquilo que precisava a nossa favela assim tão pobre e carente em tudo.

Os cinco metros por quatro borbulham de mães, crianças, vizinhos e priminhos. Tanta gente de fora, no beco. Não cabe todo mundo. Chegam os palhaços, se canta, se brinca.

Observo as bandeirinhas penduradas no teto e os desenhos nas paredes: fomos nós que fizemos, recortamos as bandeirinhas em forma de criança, desenhamos tudo aquilo que pensamos sobre os direitos e os deveres das crianças, pintamos os nossos sonhos com as cores do arco íris da paz no qual sentam todas as crianças do mundo, as brasileiras, as italianas, as americanas, as crianças do Afeganistão. Fomos nós que fizemos.

Chegou a hora do bolo, todos sentado que passa o palhaço.

No final o momento mais esperado: um grupo de mães voluntárias algum dia antes foi ao Arsenal da Esperança pegar brinquedos para serem doados às crianças na conclusão da festa. Um trabalho: escolher, consertar, organizar um monte (literalmente) de brinquedos pensado na melhor forma de distribui-los sem provocar tumulto. Alguém tem uma ideia genial: vamos fazer as crianças saírem uma por uma, atrás da porta estará uma mãe voluntária que dará o brinquedo em troca de uma moedinha de dez centavos. O arrecadado irá para ajudar a custear as

atividades do Grupo. Dezesesseis crianças inscritas, sessenta e quatro presentes. Mas temos bolo e brinquedos para todos. No fim, exaustos, uma foto de lembrança. Mas falta algum, alguém não tinha força de levantar e ficou sentado no chão melecado de bolo e coca cola.

Estamos suados e cansados.

Sessenta e quatro crianças, algum adulto não convidado e nós, em cinco metros por quatro.

## **Terezinha**

Tem 33 anos, há quatro vive presa numa cama. Um derrame devastou o cérebro, mexe um pouco a cabeça e o braço esquerdo. As atrofias musculares deformaram o corpo todo, a espasticidade e a rigidez articular declaram a condenação permanente a uma vida totalmente dependente.

Mora num barraco de três metros por dois, sem janelas. Usa a pia do boteco ao lado (boteco... é um modo de se dizer: um quarto com pia, quatro tábuas de madeiras que servem de balcão e uma dezena de garrafas de pinga ali apoiadas de qualquer forma), o banheiro é do lado de fora: uma privada e só, sem chuveiro. Para chegar à sua casa precisa atravessar a favela, passar pelos becos de noventa centímetros de largura, entre tábuas, pregos e pontas de latão dos barracos adjacentes, pisar na água, na lama, no esgoto. Crianças que de repente passam correndo e brincam alegremente me fazem viver toda esta situação como se fosse perfeitamente normal: sempre foi assim e sempre o será. Ao chegar no fim do beco, um alto muro de concreto isola a favela da rodovia que leva ao mar, isola e evita que os moradores possam cair no precipício de uns trinta metros.

Terezinha está sempre na cama. A mãe, idosa e doente não tem força para pô-la na cadeira de roda e sair um pouco, sair significa chegar até a porta, o beco é muito estreito e a cadeira não passaria.

Reclama constantemente, range os dentes e grita.

Começamos a visitá-la uma vez a cada quinze dias, uma fisioterapia de pronto-socorro, proporcionar um pouco de alívio às grandes dores, tentar relaxar os músculos



espásticos, mexer as articulações travadas. Uma reabilitação motora verdadeira é impossível pelo pouco tempo que temos, como também pela absoluta incompatibilidade daquele ambiente com qualquer prática reabilitativa.

A partir da próxima semana Terezinha começará um tratamento altamente especializado em uma clínica de reabilitação. Grátis. Conseguimos individualizar esta associação que se ocupa em organizar intervenções filantrópicas nas comunidades carentes, nos reunimos algumas vezes e conseguimos estabelecer um plano de atuação com dia, hora, médico, exames clínicos e ambulatoriais, tudo aquilo que um paciente precisa.

Além disso, nas próximas semanas começarão os contatos oficiais entre a associação e a favela para implantar no lugar o projeto de Reabilitação Baseada na Comunidade, uma espécie de centro reabilitativo montado e dirigido em colaboração com as famílias dos deficientes físicos que se utilizarão deste serviço.

Terezinha não voltará a andar, mas pelo menos passarão as dores e receberá estímulos neuromotores necessários para não piorar a situação, será “manipulada” duas ou três vezes por semana por pessoas habilitadas que poderão também ensinar à mãe a forma melhor de mexer a paciente sem fazer muito esforço.

A nossa pequena intervenção voluntária começa a dar resultados.

Outros virão, temos certeza.

## Mara

A primeira vez que a encontrei fez de conta que não me viu, desviava o olhar e abaixava a cabeça. Mesmo sabendo que eu estava ali por você, estava na sua casa, sua mãe tinha me chamada para examinar as pernas deformadas e frágeis por uma rara doença dos ossos.

Mara.

Dezessete anos e um rosto que parece ter cinco a menos.

A expressão ingênua de quem até hoje teve uma vida à margem: nunca à escola, nunca um passeio, nunca uma viagem, nunca nada de nada.

A pobreza impõe sacrifícios enormes: um barraco de madeira, o chão de terra batida, uma casa modesta, mas com uma grande janela de onde se vê um esplendido panorama, o grande parque e a estrada que leva ao mar e lá no fundo, a vinte quilômetros, os arranha-céus do centro.

Também o irmãozinho faz de conta que não me vê, esconde-se embaixo da cama, brinca, é pequeno, mia com um gato, late como um cão, faz cocorocó com um galo, para assustar-me.

Mara passa os dias em casa, caminha muito mal, com grande esforço se arrasta até a casa da vizinha para brincar com a menina de sete anos. As outras garotas da sua idade tem uma vida completamente diferente, são autônomas, vão e vem livres, tem namorados. Mara parece excluída de tudo, não sabe ler nem escrever. As pernas doem e o mundo começa e termina na porta de casa.

O beco é uma subida mortal, desconexo e escorregadio, a sujeira escorre livre e passa diante da sua casa que fica

exatamente na curva onde quando chove forma-se uma grande poça de lama e esgoto.

Mas há algum tempo todos temos notado uma grande mudança, Mara.

A cirurgia no joelho foi bem-sucedida e a dor que sentia passou.

Você não vira mais o rosto, mas ri e brinca, não se envergonha mais de falar em público, nas reuniões do grupo você é a primeira a chegar e a última a sair.

Desenhou o nosso símbolo: um grande coração colorido com duas pessoas dentro de mãos dadas: Juntos para Vencer. Matriculou-se na escola e começará o quanto antes.

Enquanto isso um ônibus especial da Prefeitura vem buscá-la na entrada da favela e a leva ao centro de reabilitação da AVAPE para a fisioterapia. Às sextas-feiras segue um tratamento diferente: vai a cavalo, é divertido, mas também é um modo de exercitar o equilíbrio do tronco, um modo de receber estímulos e desenvolver as capacidades motoras nunca usadas antes. Um dia destes escrevíamos juntos um texto que explicasse aos moradores da favela as atividades do nosso grupo e que despertasse a vontade de participar e você me disse assim: “podemos ajudar a pessoa a melhorar cada vez mais, para depois passar aquilo que ela aprendeu para outra pessoa que precisa... pessoa que não se mexe, podemos tirar ela de casa para ela dar um sorriso, fazer a vida dela melhor...”

Perfeito. Belíssimo. Não há necessidade de nenhuma correção, estas palavras serão impressas assim como você disse e daremos uma folha a todas as famílias que

visitaremos e que se mostrarem interessadas.  
Tchau Mara, nos vemos quarta-feira.

## Uma porta sempre aberta

Nada de maçaneta. Esta é a primeira impressão que tenho quando entro na sua casa, Benedita: a porta não tem maçaneta nem fechadura, está sempre aberta, quem entra é bem-vindo.

Um dia tentei contar quanta gente passava por aquela porta enquanto esperava o café de sempre, acompanhado por um delicioso pão de queijo: dezessete pessoas, em meia hora. Havia quem entrasse para uma visitinha rápida, quem, como os tantos netos, procurasse somente um beijo da avó, alguns amigos, outras mulheres da comunidade, os dois filhos mais novos, um gato.

Tanta gente, tantos amigos, tantos filhos, tantos netos, tantos amiguinhos dos netos, tantos. Parece que na sua vida tudo se possa quantificar com esta única unidade de medida: “Tanto”.

A sua biografia, Benedita, pode parecer semelhante a milhões de outras, nascida no estado de Minas Gerais, jovem esposa e jovem mãe, muda-se com família e tudo para São Paulo, a metrópole-miragem de um trabalho certo e de nova vida. Logo porém percebe as dificuldades, não perde as esperanças, consegue trabalhar com dignidade e dar estudo a seus filhos, constrói uma casa, a sua casa sem maçaneta na porta.

Os filhos crescem, casam, nascem os netos.

A família se mantém unida, os filhos casados moram nas casas próximas a sua.

Quando chegamos à praça da favela, perguntamos por você: posso perguntar a qualquer pessoa que sempre recebo a

informação correta: quando Benedita está em casa todo mundo sabe. Desço no beco, viro a direita e empurro a porta sem maçaneta: “Eis aqui os meus amigos”, nos recebe assim com esta frase acompanhada por um abraço sincero, assim como se usa nesta terra. A nossa formalidade europeia das apresentações sérias com aperto de mão e um sorriso amarelo, que na realidade significa: “você não sabe com que está falando”, aqui é completamente desconhecida: cumprimenta-se sempre com um abraço e um beijo, mesmo que as pessoas não se conheçam, mesmo se o último encontro foi só ontem. Nos sentamos um momento. Você nos informa de tudo.

Benedita sabe tudo de todos, mas atenção, este saber tudo de todos é devido exclusivamente à sua enorme generosidade que a obriga a se interessar da vida dos outros, para cuidar, para ajudar a resolver os problemas ou às vezes, quando estes são insuperáveis, para chorar com quem chora, para compartilhar o sofrimento.

É com base nas suas informações que organizamos o nosso dia de trabalho, é você que nos apresenta os doentes e que nos introduz nas casas.

No final da tarde voltamos pra sua casa, atrás da porta sem maçaneta nos espera o café, o bolo e alguma outra deliciosa surpresa. Um dia a Marta, minha filha, ficou para o almoço, está lembrada?: “pai, estas batatas são bem melhores que as da mamãe”, assim dizendo a pequena Marta reconhecia mais uma qualidade importantíssima de quem é mãe e avó.

Na sua casa tem sempre um lugar a mais, um prato a mais. Não sei se nos apertamos ou se é a mesa que se alarga em um passe de mágica, mas se alguém chegar de repente

encontra sempre lugar e espaço para sentar, o prato pronto ou o café quentinho.

Com tanta gente em volta, a sua disponibilidade e o seu coração se multiplicam, a sua própria pessoa se multiplica e então consegue se ocupar de uma comunidade de trezentas famílias sentindo-se responsável por elas: vejo você que abraça e beija um menino, um pequenino de cinco anos com o nariz escorrendo: “...e este?” lhe pergunto, “aqui na favela as crianças são de todos”, me responde.

Depois de ter organizado a festa de São João que teve grande participação, como é tradição no mês de junho, você se lembrou que ninguém tinha pensado nas crianças. Em poucos dias consegui reunir as outras mulheres da comunidade, os músicos e algum amigo. Quantas crianças participavam da festa na praça? Cem? Mais? Não sei. De qualquer forma você estava aí, elegantíssima, de tailleur branco e de camisa azul, organizava as danças, as brincadeiras, distribuía os doces, falava com todos, dançava com todos, estava por todo lado, como sempre.

Dançamos e brincamos nós também, além disso eu tive ocasião de realizar mais um dos meus sonhos: toquei percussão em uma banda de brasileiros legítimos. Os garotões fortes e belos que montavam e desmontavam, que preparavam e organizavam, eram os seus filhos: poderiam estar muito bem em outro lugar, no entanto ali estavam, com você, dançando e brincando junto com as crianças da favela. Você nunca está sozinha, Benedita, os seus filhos e seu marido são o seu estado maior, as outras mulheres da comunidade são os seus oficiais, nós somos os aliados.

Um dia no final de uma reunião se rezava em pé a oração

mais bela do cristianismo, aquela que nos foi ensinada diretamente por Jesus. Estávamos em círculo de mãos dadas, e você, Benedita, fecha os olhos, abaixa a cabeça e se concentra, não fala baixo como todos fazem por timidez ou por temor reverencial, a sua voz ecoa forte e segura, quando diz “Pai Nosso”, ou seja de todos nós, entendo que você acredita pra valer e o seu acreditar me convence que esta palavra “Nosso” nos une no mesmo destino: todos e “Tanto”, nós, que moramos no centro nos bairros de luxo e você, a sua família e os seus amigos na simplicidade de suas casas.

“Viu Paolo o verdadeiro pobre é aquele que não sabe valorizar o que tem”. Não é uma frase do filósofo grego Sócrates, esta frase quem me disse foi você e a ouço ainda dentro de mim como um exercício de humildade que você me obriga a fazer cada vez que me apresenta um doente, um amigo, um menino de nariz escorrendo, cada vez que abro a sua porta sem maçaneta, sempre aberta. Obrigado por tudo. Obrigado por Tanto, Benedita.



## **Ao Nascer do Sol**

Às seis horas da manhã o sol está ainda pra nascer e a umidade da noite molha a terra da esplanada.

O amplificador está apoiado numa cadeira entre um amontoado de fios ligados precariamente ao cabo da força que por sua vez foi puxado diretamente do único poste, tudo torto, de madeira, do qual saem outros fios que levam a eletricidade aos barracos.

O altar é a mesinha que eu uso no meu “consultório”, o colocaram encostado na parede de madeira e papelão do barraco de uma amiga.

A favela dorme, os botecos fechados, poucas as crianças. Mas este ano na Missa da ressurreição há muito mais gente do que no ano passado, encontro quase todos os garotos do Grupo, as mães, muitos adultos que quase nunca participam das nossas reuniões. Começa a cerimônia, padre João convida a todos para chegarem junto ao altar e ficarem unidos para o momento mais importante do cristianismo.

A concorrência com as incontáveis seitas evangélicas e as outras religiões afro-brasileiras, criou na Igreja local formas e rituais litúrgicos que de alguma maneira lembram e subentendem significados de um sincretismo religioso que não pertence à liturgia canônica e que a hierarquia eclesiástica às vezes tolera, às vezes estimula dependendo do evento, do lugar ou simplesmente da contingência do momento.

E assim padre João convida a nos dirigirmos ao sol, a olhar o sol que nasce entre os barracos: abraçamos quem está por perto e pedimos ao sol a proteção, a benção e a força.

Abrimo-nos com o nosso vizinho e conversamos um com o outro sobre os momentos tristes da nossa vida dos quais conseguimos sair com a ajuda de Deus e da energia positiva. Depois deste parêntese *new age*, a Missa continua de forma mais tradicional, as leituras, os cantos.

Todos cantam, cantam lindamente, vozes antigas, músicas ritmadas, violão sanfona e zabumba, vejo caras felizes, todos elegantes, chegam as crianças com os olhos de sono, chegam perto de nós.

O cachorro mambembe de sempre passeia alheio.

Afasto-me um minuto e observo: uma centena de pessoas entre barracos miseráveis e esgoto a céu aberto celebram e cantam a ressurreição de Cristo, a sua única esperança, a única certeza que têm.

O clima é de festa, no fim todos se abraçam calorosamente. Pãezinhos são distribuídos ainda quentes para continuar neste clima. Dona Benedita, uma das mulheres mais ativas da comunidade começa um longo discurso convidando a todos para uma maior participação, não desistir, continuar e não se desesperar, colaborar.

E neste ponto a surpresa: me cita como exemplo a ser seguido, agradece por todo o trabalho que fazemos, elogia a nossa participação na vida da comunidade.

Padre João vai além: me convida ao microfone. Emocionado pela homenagem recebida e pelas palavras de consideração e de afeto, com voz embargada agradeço a todos por ter nos acolhidos assim tão bem desde o começo, pelo atestado de consideração que me foi dado, pela amizade com a qual fomos recebidos por cada família da comunidade. Aplaudem e me abraçam: agora também eu, normalmente uma pedra,

estou emocionado com e como eles: novos e grandes amigos  
que a vida me fez encontrar.

Ninguém hoje pensa aos gravíssimos problemas de todos os  
dias: hoje é dia de festa é Páscoa.

Aleluia.

## **Maria**

Na sua casa há uma luz diferente: desço o degrau de quase um metro segurando-me no batente da porta, à minha direita uma cortina esconde a privada, um passo à frente e estou na cozinha, uma abertura leva-me ao quarto da sua mãe, uma outra no da sua avó.

Talvez a luz estranha seja a ausência de janelas.

A sua casa é de alvenaria, quando chove não entra água, mas não tem janelas e há uma luz estranha, diferente.

Cara Maria nos conhecemos faz dois meses, fomos apresentados assim de qualquer jeito, com um sinal da cabeça: esta é minha filha adotiva... Sei muito bem que este termo não significa de modo algum a adoção conforme a lei, seguindo as normas, mas por consideração a sua mãe que nos apresentou evito perguntas.

Desde aquele dia sua mãe não perde a ocasião de me dizer que você é filha adotiva.

No começo não entendia, agora...

A coisa que me chamou atenção quando a conheci é que demonstra ser mais jovem que a sua idade. Sua mãe diz que tem quase dezoito anos, mas parece doze, treze no máximo. É alta e magra e sorri. Não saberia descrevê-la de outra forma, está sempre sorrindo. Falamos pouco entre nós, quando entro na sua casa está sempre ocupada nos trabalhos domésticos, não para um segundo, sua mãe domina a conversação contando as dores e os sofrimentos de uma pobreza crônica que carrega consigo há gerações. Explica que tem quatro filhos e você é a mais jovem, quatro netos, o marido desempregado que gosta de tomar umas e ficar

bêbado e a mãe muito velha e doente. Conto as camas: duas. Onze pessoas, duas camas. Uma rede é para a sua avó adotiva dormir. Entendo, portanto, que todos dormem um em cima do outro, são camas de casal, mas vocês são onze.

Maria, eu não conseguia entender porque o outro dia a sua mãe gritava tanto, brigava e mandava você preparar o leite para os pequenos, lavar os pratos, matar o rato, ir buscar o balde d'água na torneira comunitária no beco, trocar os lençóis sujos. Não entendia a razão pela qual gritava em vez de pedir normalmente. Não entendia porque você continuava a sorrir apesar dos gritos e dos insultos que recebia. Maria, não entendia, mas pensava que o sorriso fosse o seu modo natural e espontâneo de ser e então fiquei tranquilo e parei de pôr-me perguntas bobas.

Hoje conheço a sua história, Maria. Sua mãe acabou de me contar. Disse que quando você tinha oito anos de idade a sua verdadeira mãe a deixou com ela por alguns dias com a desculpa de uma improvisa internação hospitalar: a ajuda entre vizinhos é importante e a solidariedade é um bem absoluto principalmente entre os pobres, mas nunca mais apareceu para buscá-la, desapareceu. Sua mãe não sabia nem o seu nome, falava pouco, estava assustada. Chamou-lhe Maria, como milhões de outras meninas brasileiras, Maria: o nome de Nossa Senhora. Não sabendo quem você era, nem onde estivesse a sua família, decidiu ficar com você. Mas tudo tem um preço, Maria e somente você podia e devia pagar este preço. E desde então a sua vida é esta que vejo hoje, lavar, limpar, cozinhar, costurar, pôr em ordem e tudo aquilo que a Cinderela fazia, você o faz também.

Não sabe ler nem escrever, Maria, porque nunca foi à

escola.

Os seus irmãos trabalham e algum dinheiro conseguem levá-lo pra casa, mas você não. Não pode trabalhar, Maria, porque nunca foi registrada e nem tem certidão de nascimento, porque não tem nome nem sobrenome, não pode ir a escola porque você não existe, o seu nome não consta e a sua mãe adotiva nunca se preocupou em fazê-lo existir. Você serve a ela, e só. Que senão você se ocuparia de todos os afazeres da casa? Quem? Sua mãe? Não, a ocupação principal dela é reclamar da miséria que a castiga. Seu Pai? Ele está sempre no boteco. Sua Avó? É muito velha e doente e por nada no mundo levantaria da rede onde dorme. Os seus irmãos? Eles estão sempre na rua. Só sobra você, Maria. E você continua a pagar o preço da hospitalidade come sempre fez com o trabalho de escrava, e talvez nem saiba que poderia ir à escola, poderia ter um nome, poderia tomar as vacinas, poderia também votar nas eleições para presidente. Mas não sabe disso tudo porque ninguém nunca lhe contou.

Ontem me perguntou se você também poderia participar das atividades do nosso grupo... é claro Maria, iremos buscá-la, seremos muitos, conhecerá outras garotas da sua idade que moram por aqui que lhe contarão tantas coisas...

Agora sei o que é aquela luz estranha na sua casa.  
Continue a sorrir, Maria.

## Hoje tenho medo

Há momentos em que se põe em dúvida tudo e o porquê de tudo.

Há momentos em que tudo isto parece inútil ou contraproducente.

Há momento em que as forças se vão e de repente vem a vontade de voltar à casa.

Há momentos em que não se pensa, mas se age por instinto.

Há momentos em que o horror prevalece.

Há momentos em que gostaria de estar em outro lugar.

E hoje tenho medo.

A senhora estava falando... não é verdade!

Não estava falando de fato! Estava charlando, isto sim: charlava! Rosnava! Babava, com a voz estridente e insuportável, berrava coisas incompreensíveis; vomitava lamentos atávicos e ficava a refogar-se no molho da sua mentalidade segundo a qual tudo lhe é devido, segundo a qual ela deve permanecer parada à espera da ajuda que cai do céu; me grunhia a sua frustração, a resignação da sua miséria; a sua inveja pela vizinha que venceu um concurso da TV com ricos prêmios: uma geladeira, um fogão, um pouco de dinheiro para refazer o telhado em pedaços...

A senhora estava falando... não é verdade! Não! Não falava; emitia sons desarticulados, guturais, os sons do subdesenvolvimento e da miséria, da miséria mental que não lhe permite nem mesmo perceber as noções elementares da vida. Vida, a vida com V maiúsculo, a VIDA.

O Viver, feito de tudo aquilo que é: as crianças, as brincadeiras, as risadas, as nuvens, as estrelas, as árvores e

os passarinhos que cantam alegres, a música, um livro, uma macarronada à meia noite, um filme sábado à noite na TV.

Não, mas o que estou dizendo, estou delirando, falo como se não conhecesse a realidade de uma favela... Mas qual filme, qual macarronada à meia noite... estas são coisas que só poucos no mundo podem se permitir... mas o que quer dizer: crianças, brincadeiras, risadas... quando estas crianças que brincam e riem se permitem que o façam com os pés no esgoto para adoentar-se com todas as doenças mais nojentas do mundo... o esgoto onde acabei de cagar... é o esgoto que sai da minha casa e que o tubo de plástico para canalizá-lo não o compro porque prefiro gastar dinheiro para embriagar-me e que as crianças com as suas risadas pisem mesmo no esgoto e morram que se morrem a gente faz outros, de filhos...

O que quer dizer... VIDA... mas o quê? Quando deixo os filhos sem escolas porque a escola é a um quilômetro de distância e eu a queria em frente de casa, a escola, para não ter nenhum trabalho, para poder me levantar um pouco mais tarde... Mas que passarinhos...o único som que se escuta é o rádio do vizinho a todo volume e então para conseguir escutar a minha TV e o programa do concurso, para saber se eu também fui sorteada, para vencer uma TV nova e uma geladeira, devo aumentar o volume ao máximo, porque entre as paredes de papelão passa a música do rádio do vizinho que também quer escutá-la ao máximo volume, senão não a ouve, senão ouve o meu programa e ele gosta de música e então aumenta o volume ainda mais, porque assim todos a escutem, a música...

Não fala a senhora.



Não, se comunica através de esforços de vômito e raiva, através de descargas intestinais e ódio.

A sua não é voz humana... é a voz que me puxa para o abismo onde sempre viveu, a voz de um pesadelo, um som monstruoso e eu quero ir para casa, quer ir embora daqui, hoje tenho medo.

Meu filho é paralítico, débil mental, cretino, idiota, mongolóide. Eu sou doente e agora tenho que pensar na minha saúde e não na dele. Agora quem precisa de ajuda sou eu e não ele, meu filho não vale nada é paralítico, idiota e mongolóide.

São estas palavras que me arrotam na cara, a senhora. São algumas das palavras que consigo entender.

O filho no fundo da barraca diante da TV a todo volume, sentado sobre seus excrementos e seu vômito, tomado pela estereotipia típica do autismo; a mãe declarando o seu ódio ao mundo, a avó, obesa, com a perna inchada, e uma úlcera aberta e sangrando, não vai ao médico porque não tem vontade e o diz com as mãos sujas de sangue que não vai ao médico, sangue da úlcera que acabou de coçar e sangue de um pedaço de carne que está preparando para o almoço. São quatro horas da tarde.

O almoço é um pedaço de carne remediado quem sabe onde. Carne com sangue que escorre das mãos da velha avó obesa com a úlcera aberta. Enquanto escuto tenho medo; é um medo que vem do instinto de conservação, um medo epidérmico e nervoso que me sobe dentro.

Tenho vontade de gritar e de dar tapas na cara daquela mulher.

Tenho medo de uma mancha.

Tenho medo daquela mancha na parede.

Tenho medo daquela mancha que se move na parede.

Tenho medo daquela mancha que sobe até o batente da porta e me olha, me observa.

Tenho medo daquela mancha que tem quatro patinhas horríveis, o corpo ágil e peludo, os olhos redondos e pretos; uma mancha que me olha, entra no buraco, põe para fora o focinho de bigodes, fareja, me olha, desce pelo batente da porta e se enfia entre os vestidos amontoados sobre a cadeira do lado da velha avó das mãos sujas de sangue.

Já vi gente morrer de fome e doença, com os olhos fora das órbitas pela dor; já vi baratas do tamanho de um palmo passear sobre camas, já vi meninos magros, magros com a barriga inchada como uma bola por causa de vermes no intestino... Mas uma mancha que se move e me olha com aqueles olhos, desce pelo batente da porta e se enfia entre os vestidos amontoados ao lado da velha avó obesa com as mãos sujas de sangue, uma mancha assim, nem nos barracos mais miseráveis, a vejo hoje pela primeira vez.

Há momentos em que nos fazemos mil perguntas.

Há momentos em que não se acham respostas.

Há momentos em que se quer só voltar para casa.

Hoje vi os seus olhos pequenos e redondos.

Hoje vi o seu corpo peludo e ágil.

Hoje vi a suas patas curtas e nojentas.

Hoje vi quando subia no muro e entrava no buraco.

Hoje vi o rato.

Hoje tenho medo.

## **Balanço**

Passou mais um ano... e que ano!

Não sei porque tenho a mania de contar os anos deste jeito, de Páscoa a Páscoa.

Não me perguntem o motivo, não saberia responder. Hoje é Páscoa e por mim é tempo de balanço. Que cansaço. Que lindo.

Reflikto a este respeito durante a celebração da ressurreição às seis horas da manhã. O padre, muito ocupado, autorizou dona Benedita, ministro da eucaristia, a celebrar a liturgia pascal. Na sala do centro comunitário, pouca gente, porém um núcleo unido, coeso e ciente da importância de tudo aquilo que em um ano conseguiu realizar e de tudo aquilo que realizará.

Observo a minha gente, digo minha porque aqui na favela, sinto-me em casa porque me querem bem e confiam em mim. Observo: gente simples, pobre, concentrada nas orações da Páscoa. Dona Benedita que retomou há pouco os estudos, lê o evangelho com dificuldade, tropeça nas palavras difíceis mas continua, altiva, orgulhosa da importância da função que exerce.

A sala vai se enchendo, pego no colo um menininho com cara de adulto, desejo imensamente que o seu futuro seja diferente do presente que vive seu pai. A celebração continua, é o momento mais importante do cristianismo, a Luz que derrota a Escuridão. Olho à minha volta e o calor sufocante exala o cheiro do esgoto que há dois mil anos está aqui no beco.

Queria que esta Luz tampasse o esgoto agora, mas percebo a

minha blasfêmia. Então penso que esta Luz talvez foi mais além do meu desejo: tocou as mãos e o coração destes meus amigos e deu-lhes a força para se organizar em um grupo de trabalho para melhorar a qualidade de vida dos portadores de deficiência da comunidade, um grupo chamado Juntos para Vencer.

Então penso que alguns destes portadores de deficiência graças à intervenção do grupo, podem frequentar a escola, podem receber tratamento médico e fisioterápico, podem utilizar o transporte público que chega até a entrar na praça da favela para buscá-los.

Então penso aos cursos de artesanato que graças ao grupo estão para começar e que poderão trazer novas oportunidades de trabalho para os meus amigos.

Então penso a todos aqueles pais que nos falam dos seus filhos e de que aprenderam, graças ao grupo, a lavar as mãos antes de comer.

Então penso a cada um deles, aos meus amigos a este menino que me está me babando no ombro e me puxa os cabelos, penso a seu pai.

Eis o canto final. Trocamos um abraço sincero dado e recebido com verdadeira amizade.

Dona Benedita chega com o café, o leite, pão com manteiga para todos. Alguém preparou um bolo. Ficamos juntos e continuamos a cantar. Os meus amigos cantam e tocam muito bem. Saio, piso no esgoto, quase volta o desconforto e a vontade de pensar que tudo é inútil, vão os esforços, quase penso que uma gota de boa vontade, o grupo, nunca irá conseguir apagar o fogo, a miséria e o abandono de dois mil anos.

Eis que de repente uma menina corre ao meu encontro, pequena esperta, com dois olhinhos inteligentes que fazem mil perguntas, uma menina atenta que aprende tudo na hora e que nunca falta às reuniões, sempre sorridente: Feliz Páscoa, diz com um beijo. Volta o bom humor e com este a certeza de que as coisas se fazem uma de cada vez e que se temos que fazer ainda muita estrada, pelo menos já começamos.

E começamos bem.

Feliz Páscoa pra você também pequena amiga.

## Onde o azul é mais azul

Diz assim um verso de uma canção brasileira referindo-se à luz intensa do sol, luz que sublinha os contrastes e exalta as cores, luz que envolve um mundo em constante mudança, mas sempre igual a si mesmo, há séculos. Onde o azul é mais azul, como quando olhamos o horizonte onde o céu se espelha no mar e os dois se confundem no brilho da luz.

É assim que eu gosto de te imaginar, cara amiga: gosto de pensar em ti lá onde o azul é mais azul, na mesma cor das paredes da tua casa, o quarto onde vives há anos. Quando entro em tua casa é como se me sentisse no mar ou no céu, dá no mesmo, é toda azul a tua casa, mais azul que o azul. E tu, deitada me esperando, abres o sorriso, sem mais ranger os dentes em um espasmo de dor, sorriso belo, sincero, grande, que te ilumina o rosto de azul.

Estás contente em me ver e o noto pelos teus olhos que riem.

Estás contente mesmo que não me perguntes como estou, mesmo que não me digas bom dia. O faz tua mãe ao me abraçar forte, perguntando como estou, preocupando-se por minha família brasileira e também pela italiana que não conhece, mas parece conhecer através dos tantos amigos que lhe apresentei.

Percebo que a única razão pela qual te escrevo é que foste embora sem te despedir de mim, sem sorrir para mim, sem insultar-me. Foste em silêncio. Logo tu, que calada nunca estavas. Gostavas de cantar e conversar, às vezes repetias a mesma palavra sem parar, mas eu sabia que isto fazia parte do teu problema, assim como os insultos que me gritavas

quando ao mover-te eu te incomodava um pouco. Mas estavas contente, agora que tinhas a cadeira de rodas nova, feita sob medida, estavas confortável e nela desfilavas com orgulho de rainha. Estavas contente cada vez que o ônibus especial vinha te buscar na praça da favela, quase na porta da tua casa azul.

Estavas contente.

Me querias bem e eu também te queria.

Mas ontem decidiste partir. Fizeste chorar a tua mãe que não chorava nunca, que sempre manteve firmeza e dignidade como uma rocha frente às ondas da tempestade, ontem a vi destruída, aninhada em si mesma, sem mais nada, sem nenhuma esperança.

Está frio e escuro e os quatro rapazes de sempre se aquecem com um fogo mambembe na praça.

Passo pela escuridão dos becos e diante da tua porta vejo amigos em silêncio, outros que choram. Cumprimentamos com o olhar. Entro, tua mãe sentada com a cabeça nos joelhos num lamento ancestral, o desespero de quem se sente abandonado, de quem perdeu tudo.

Tu envolvida em um lençol. Descubro o teu rosto e a luz azul das paredes destaca a tua palidez imóvel. Os olhos apagados não riem mais.

Minha amiga, foste embora, te olho e entrevejo um sorriso sereno e sem espasmos, relaxado.

E eu gosto de pensar em ti assim, livre da dor, da prisão das atrofias, livre da insuficiência respiratória, livre da espasticidade, livre. Gosto de pensar em ti sorridente como quando os teus sobrinhos ainda pequenos me colocavam entre os cabelos as suas fivelinhas, ou quando nos púnhamos

a dançar e a contar piadas para te fazer rir um pouco. Eu gosto de pensar em ti assim, livre e sorridente num céu sem nuvens sobre um mar infinito ou até aqui no teu quarto simples que dá no mesmo: no azul do céu, no azul do mar ou aqui entre estes muros, onde azul é mais azul.  
Tchau Terezinha.



## Quero descrever

Quero descrever a impressão que sinto vendo e revendo as fotos: um filme inteiro de trinta e sete, saiu uma a mais.

Que lindo este menino, é filho de uma das mães voluntárias, tem quatro anos e um sorriso enorme, mãos impossíveis e preênses, consegue por uma fração de segundo ficar parado para a foto.

O salão já está cheio, o padre foi gentil quando permitiu que o usássemos, e fez mais: disse que poderemos usá-lo todas às vezes que for necessário. As mães escolheram fazer a festa na paróquia por várias razões: primeiramente o espaço, no nosso barraco de cinco metros por quatro, não teríamos conseguido nem entrar; a outra razão é que a festa de comemoração de um ano de trabalho é uma boa razão para tornarmos-nos conhecidos fora dos confins da favela. Muito obrigado, padre.

Eis duas mães ao microfone: o discurso vem sendo ensaiado há um mês. A finalidade é que a paróquia (o único ponto de agregação em todo o bairro onde se pode conviver sem esbarrar com a criminalidade e o tráfico de droga) nos conheça e as pessoas interessadas possam colaborar. Somos um pequeno grupo nascido há pouco mais de um ano e queremos crescer. Eis o porquê de uma festa na paróquia, de um discurso de apresentação, eis o porquê de ter convidado o coral do Arsenal da Esperança e o grupo de Capoeira “Mestre Boca”.

Nesta foto, Lúcia, psicóloga da equipe. A AVAPE (Associação para a Valorização da Pessoa Excepcional) é a nossa parceira neste projeto que nasceu de uma ideia de um

fisioterapeuta e uma amiga da Caritas. Eu me lembro os dois pensarem meses a fio junto às mulheres mais ativas e atuantes da favela, o que e como fazer para procurar dar uma motivação, um senso de comunidade, uma razão para melhorar a qualidade de vida, principalmente dos mais necessitados, daqueles que além de serem miseráveis, além de viverem em barracos, sem esgoto e sem luz, sofrem de doenças crônicas ou de deficiências psicomotoras. E me lembro dos primeiros contatos com esta associação que há vários anos leva em frente um projeto chamado R.B.C. (Reabilitação Baseada na Comunidade): não um tratamento clínico terapêutico, impossível de se realizar em uma favela pela total carência de estrutura, mas um diferente enfoque das várias realidades da “deficiência”, considerando como problema mais grave a falta de integração do deficiente no seu ambiente social. É uma experiência pioneira, mas que funciona e pode funcionar também na nossa comunidade. E então, dos contatos iniciais, se passou às efetivas reuniões com as mães voluntárias para aprender as formas de conviver da melhor maneira possível com a deficiência do filho. E batizamos o grupo com um nome vistoso, mas eficaz que quer exprimir todo o nosso entusiasmo: “Juntos Para Vencer”, porque Juntos se vence o abandono; Juntos se vence a ignorância, Juntos se chega a exercitar plenamente a nossa cidadania.

Eis o fisioterapeuta ao microfone. Chamado pelas mães improvisa um discurso de agradecimento, duas palavras de circunstância. O conheço bem e sei que teria vontade de explicar tudo: a história do grupo, os porquês, os onde e os quando, tudo. Não o faz para não parecer pedante e porque

afinal as mães prepararam este discurso há um mês.

Esta é Mara. Uma das razões da própria existência do grupo: lembro quando a conheci: se escondia no fundo do barraco, não caminhava pela grande dor que sentia nos joelhos, nunca tinha ido à escola, não me olhava nos olhos. Hoje, desaparecidas as dores, começou a andar autonomamente, um ônibus especial da prefeitura vem buscá-la na praça da favela e a leva para a escola todos os dias e duas vezes por semana na clínica da AVAPE para o tratamento. Mara justifica o empenho de todas estas mães que pouco a pouco tomam consciência dos seus direitos e da sua capacidade de organizarem-se. Aquele meu amigo fisioterapeuta poderia ter dado dois telefonemas e providenciar ele mesmo o ônibus, a escola, a fisioterapia, mas não o fez. As mães tiveram que aprender o caminho para conseguir falar com as instituições e obter os benefícios a que toda pessoa tem direito.

Este é o Coral do Arsenal: trinta homens de rua hóspedes do Arsenal da Esperança, organizados, músicos, amigos meus que hoje dão uma mão para a boa realização da festa.

Alguns retratos: crianças sorridentes; uma bela mãe de expressão intensa.

Na periferia, como de resto em todo lugar, é necessário saber conviver com todos.

E é fácil que numa festa compareçam os habituais “penetras” que, autoconvocados, esperam remediar algum copinho de pinga a mais.

Pode-se notar que o Grupo é composto somente por mães, os homens são completamente ausentes. Às vezes por razões práticas, mas na maior parte dos casos os motivos são

outros: o alcoolismo endêmico, o desinteresse total, a resignação atávica, o desemprego e a perda de toda a esperança, um machismo quase animalesco que considera mulheres e crianças como objetos inúteis ou ainda como presença incômoda e contrária à imagem do macho que se pode realizar somente na praça da favela diante do bar com os próprios semelhantes ou batendo uma bolinha.

Depois do coral, a capoeira. É uma dança antiquíssima, uma espécie de arte marcial musical. É um grupo do bairro convidado por uma mãe. As palavras das canções não são completamente adequadas ao ambiente paroquial, mas pela lei da boa vizinhança, podemos aceitar. Somos um povo que fez do sincretismo a sua força e o seu modo de viver, único e maravilhoso.

Mara ao microfone! Onde está aquela menina tímida? Aquela que se escondia atrás do armário? Aquela que não tinha amigos? Aquela que não estava em pé sozinha sem apoio? Onde está? Agora é só uma lembrança distante, o seu sorriso conta a sua história.

Finalmente as nossas crianças. As mães prepararam o vestido de papel colorido e juntos escolheram as músicas e inventaram as coreografias. Parecem todas crianças “normais”. É verdade o grupo decidiu alargar o conceito de deficiência, considerando portador da mesma não somente quem tem dificuldade motora, mas também aquele que apresenta “risco social”, atraso escolar, dificuldade de atenção e falta de estímulos.

A favela é uma realidade difícil onde convivem em pouco espaço famílias de bem, extrema pobreza, criminosos, crianças... é uma realidade que vive sempre pendurada a um

fio, onde a precariedade da vida rege os relacionamentos pessoais e sociais.

Já aconteceu a algumas mães voluntárias de serem ameaçadas de morte se tivessem começado determinadas iniciativas; já aconteceu de termos sentar à mesa com traficantes e assassinos para tratar sobre a utilização de espaços comuns. Poder-se-ia me perguntar: e a polícia, e a lei? São incontáveis os casos de corrupção ou conivência onde as forças que deveriam proteger os mais fracos são usadas para chantageá-los, para controlar o tráfico e criminalidade. Também na minha favela apesar das dimensões reduzidas, estes acontecimentos são frequentes, normais. E as crianças são as primeiras vítimas. O monstro da miséria, da ignorância e do abandono pode levá-las embora a qualquer momento. Está aí a razão pela qual decidimos nos ocuparmos das crianças, queremos fazer de tudo para eliminar este “risco social”, queremos que desde já se sintam incluídos, se sintam chamados a fazer parte e que venham considerados cidadãos a pleno título.

Aqui junto a Lúcia está Mônica, fonoaudióloga preciosíssimo membro da equipe desde o começo. Está dirigindo a coreografia e me parece ter visto aparecer uma lágrima no seu rosto.

Nestes cartazes são expressas algumas das ideias elaboradas juntos: toda a criança tem direito à escola, à casa, à família... O bolo. Parabéns para nós, cortamos o bolo de chocolate, todas as crianças em fila... parecem calmos e tranquilos..., parecem.

Última foto. As mães voluntárias alguma criança infiltrada,

o meu amigo fisioterapeuta. Cansados, felizes. Missão cumprida.

Há a foto a mais, a de número trinta e sete. É Mara de novo. Pegou o meu amigo pelo braço “quero uma foto com você”.

Conheço bem este meu amigo, diz que é difícil de se emocionar e que nunca chora... mas eu o conheço bem e sei que não é verdade: depois me confiou que quando Mara o chamou...

## Sonhos

Novos amigos batem à nossa porta.

Desta vez é Lourdes, uma mulher que definir extraordinária é muito pouco.

Nos conhecemos no mês de julho do ano passado, quer participar das atividades, quer aprender para fundar um grupo como o nosso “Juntos Para Vencer” e se ocupar das crianças deficientes da sua comunidade, onde mora há quase vinte anos. Participa de todas as reuniões com assiduidade, faz mil perguntas e exige mil respostas. Desde o primeiro momento, quer saber tudo: onde, quando, como e porquê. Nos tornamos amigos. Uma confiança recíproca baseada no trabalho e no respeito. Me conta a sua história e de como conseguiu se tornar uma vencedora: às vezes, diz, no começo não falava nada, ficava com vergonha; ia às reuniões do bairro, da paróquia, na Prefeitura... e me sentia desamparada. Pensava: eu não sei falar, moro em uma favela, não tenho nada... Depois percebi que podia transformar estas dificuldades na minha força, sabia que não estava sozinha ou, se o fosse, era só uma questão de tempo, eu tinha confiança, tinha que acreditar...

Lourdes é uma mulher decidida, de opiniões firmes, “inventa” um Centro Social que tem como sede a sua própria casa. Depois de alguns anos o Centro Social cresceu e prosperou: de simples lugar de reuniões, se torna um importante ponto de referência para todo o bairro. Graças à atuação de Lourdes, aos poucos a favela se transforma, desaparecem os barracos, se constroem casas. As trilhas no mato viram ruas públicas com todos os serviços, até o

ônibus hoje passa por ali. Um pedaço de cidade que vivia na irregularidade se reintegra ao tecido urbano. E os beneficiados são todos: os adultos e as famílias em dificuldades que usufruem do convênio assinado com o Governo do Estado para obter os benefícios através da distribuição de cestas básicas; os analfabetos que graças ao convênio com a Prefeitura voltaram para escola e as crianças que passam regularmente pelas várias triagens do posto de saúde.

Lourdes trabalha. Trabalha de noite em um grande hotel de luxo no centro da cidade. Durante o dia se desdobra, se multiplica por dois, por quatro, por mil. Eis a razão pela qual de vez em quando nas nossas reuniões a vejo sentar e fechar os olhos. Mas não está dormindo, está sonhando. Sonha novos encontros, novas reuniões, novas ações, novas realizações. E quando reabre os olhos, quando eu pensava estivesse caindo no sono vencida pelo cansaço, percebo que não, que seguiu com atenção toda a conversa.

Um certo dia veio visitar o Arsenal. Saiu dizendo que uma ocasião como esta, ou seja, a nossa amizade, não era de forma alguma para desperdiçar. Algumas semanas depois volta para se reunir com a direção da Casa para definir, caneta e papel na mão, os projetos desta nova parceria.

O primeiro contato oficial acontece com um grande encontro no Centro Social, onde o Arsenal vem apresentado a toda a comunidade. E o trabalho não demora para vir. Uma vez por mês o Arsenal organizará uma palestra-debate sobre os problemas da saúde e principalmente sobre a prevenção dos mesmos. O primeiro encontro aconteceu em um clima de expectativa geral: sala lotada, gente de pé no corredor e



presença maciça de todos os colaboradores de Lourdes. Até dois agentes comunitários de saúde que trabalham para o Posto da região participaram curiosos e concentrados.

O primeiro de uma longa série de encontros.

...soube que Lourdes ligou para o Arsenal para organizar um bazar...

Para nós esta nova amizade é um sinal a mais de consideração que vem do coração de gente simples, boa, gente que nos quer adotar, que nos quer bem.

Aquele dia, caminhando pelas alamedas admirando a grandeza da “Casa que Acolhe” me disse: “o meu sonho é ser voluntária em uma casa assim”.

Lourdes não se cansa, não para e quando para pra sentar... sonha. Obrigado Lourdes.

## Lágrimas

Poderia ser um dia como os outros, igual a si mesmo há séculos, sábado à tarde, os homens em casa ou se acabando nos botecos, as mulheres conversando na pracinha, as crianças em bandos correndo atrás de bolas e lagartixas.

Há séculos.

Mas hoje é um dia maldito, hoje é o dia em que todas as lágrimas foram derramadas, é o dia em que deus não chegou a tempo.

A notícia se espalha rapidamente, os garotos que voltam da praia contam cada um a seu modo mil versões do mesmo drama.

A mãe desaba.

Ninguém quer acreditar, mas confirmam.

O mar assassino deglutiu um garoto, um dos nossos.

Aqui entre os barracos, onde tudo é de todos, onde qualquer sentimento é externado para que todos passam participar, até as pedras hoje choram.

A mãe, jovem inconsolável mãe, se deixa abraçar por todas as outras mães, jovens como ela. Na sua casa humilde, simples, pobre, continuam os sinais da vida que não pode parar nem em um momento como este: uma panela no fogo, um recém-nascido que chora.

Um único choro.

Tantas mães que choram junto.

Antes de sair, Ivan, havia escrito num bilhete “amar o próximo”, assinou e o entregou a mãe.

A jovem inconsolável mãe segura agora o bilhete ao peito, lê e o beija.

O bilhete, a última carta de Ivan, quinze anos, afogado e desaparecido no mar.

Os garotos contam o drama: a onda enorme que chega por trás, a tentativa desesperada de respirar, a força do refluxo que arrasta longe quem procurava segurar o amigo pelo braço.

Os bombeiros que devem suspender as buscas por causa da ressaca.

As lágrimas da jovem inconsolável mãe, deixam lugar a um lamento mudo, uma expressão sem mais esperança, um olhar no vazio.

De vez e quando um grito. As outras mães que a cercam em um abraço coral.

Cada uma invoca Deus a seu modo, mas todas, uma por uma, põe a mão na cabeça dela e recitam a sua oração: evangélicas, católicas, praticantes dos rituais afro-brasileiros, um único Deus escondido sob tantos nomes diferentes.

Passam vinte quatro horas. O corpo do pobre Ivan é encontrado.

O mar assassino o devolveu a poucos metros de onde o tinha tragado.

Mas o sofrimento dos pobres é infinito, a humilhação não acaba nunca.

O jovem pai contrata um serviço funerário para transportar o corpo até São Paulo, oitenta quilômetros. Centenas de reais para gastar, uma fortuna para quem como ele combate a luta pela sobrevivência do dia a dia.

Mas o jovem pai está disposto a fazer todos os esforços possíveis para dar ao filho um funeral com dignidade.

Parece absurdo, parece impossível pensar que os responsáveis deste passeio inconsciente, tenham sugerido ao jovem pai sepultar o filho no cemitério dos indigentes. Parece impossível que não tenham tomado as providências para preservar o pai de preocupações como esta.

O cemitério dos indigentes: um campo semiabandonado em que a cova tem pouco mais de cinquenta centímetros de profundidade, o caixão, de papelão, apoiado ali dentro e coberto com quatro pás de terra. Depois de um ano na mesma terra passam os tratores para preparar o solo para novas covas... membros, ossos, pedaços de corpos afloram e ficam expostos na superfície.

O jovem pai não quer o cemitério dos indigentes, encontra o dinheiro, pede emprestado, que pelo menos o filho seja sepultado com dignidade.

Nenhum dos responsáveis por este passeio insano move um dedo.

Nenhum deles oferece apoio.

Ninguém.

Todos os garotos, as mães, inteiras famílias atravessam a cidade para velar o corpo.

A noite passada em volta da jovem inconsolável mãe e a repetir os rituais religiosos.

O Jovem pai está indignado: o caixão não é aquele que pensava ter comprado. Enganaram-no, deram um de papelão, como um indigente.

E o corpo em rápida decomposição obriga a antecipar o funeral.

Chega o padre, uma oração, volta-se a chorar.

Um telefonema ao celular do jovem pai: são os responsáveis

pelo passeio que avisam que não chegarão a tempo, não voltaram para acompanhar a garoto, ficaram na praia, a oitenta quilômetros, a última chacota de quem levou um garoto vivo e o entrega morto.

Caminhamos nas alamedas do cemitério.

Chove a cântaros.

As lágrimas do céu.

O jovem pai para se consolar me diz que o mar gosta dos fortes e é por isso que o mar quis o filho porque o filho era um forte.

O abraço e choro junto.

Choram todos os garotos.

Choram todas as jovens e inconsoláveis mães que se espelham na dor imensa de uma como elas.

As crianças prepararam uma faixa improvisada, desenham a sua dor e o seu afeto por Ivan.

Chove.

“Meu Deus Meu Deus” grita a jovem inconsolável mãe vendo a terra se fechar sobre o caixão.

Chove, “Meu Deus Meu Deus”

Mas hoje deus não conseguiu falar, chove, chovem as lágrimas de deus arrependido de não ter chegado a tempo para segurar o mar.

*...E quindi uscimmo a riveder le stelle*

Hoje estou triste.

Um poço escuro na minha frente, em cima de mim e à minha volta. Mesmo acostumado não me acostumo, mesmo tendo visto mil vezes é como se fosse a primeira vez.

Desci os degraus até o inacreditável, até onde não queria ter visto. Passo por uma fenda entre dois muros que me atira numa escada assimétrica de concreto onde cada degrau é diferente do outro. A escada continua dez, vinte metros até o fundo onde está escuro, lá em baixo. Tijolos sem reboco à direita e à esquerda. Uma porta me põe num quarto e dali num outro e um outro ainda, uma espécie de gruta sem janelas. Um cheiro áspero espeta o ambiente e a mim também. Sei muito bem o que encontrarei, sei porque já vi mil vezes, mas não quero vê-lo, porque dói, porque não gosto, porque não é justo, porque não quero. Uma grande amiga, é um favor que me pediu, vou. Uma cama de dor e sujeira, cordas e faixas que amarram braços e pernas, uma sonda quebrada deixa gotejar urina pelo chão inteiro. O derrame devastador o atingiu pela quarta vez e a espasticidade, as deformações articulares, as retrações fibrosas musculares enfim fazem deste homem um amontoado de gemidos a se contorcer em si mesmo. Não consegue falar, a sonda nasogástrica deveria ter sido trocada três meses atrás e a cama inclinada deixa que as pernas escorreguem além da borda, do joelho pra baixo, obrigando as costas a se vergar em um espasmo constante. Cada vez que devo tocar um paciente deveria lavar as mãos... um gesto normal, abrir a torneira, o sabonete, a toalha... Procuro

em vão o banheiro, a pia, o sabonete e a toalha. Me dão uma xícara com água que vem quem sabe de onde, um pano com mais buracos que tecido para me enxugar. Talvez teria sido melhor se não as tivesse lavado, as mãos. Mesmo sabendo que daqui a cinco minutos terá esquecido tudo, explico à mulher e à filha noções óbvias. Me olham. Explico que o Posto de Saúde do bairro fornece o serviço médico e fisioterápico domiciliar, explico que a prefeitura põe à disposição o ônibus adaptado e que quando solicitado vem buscar o paciente na porta de casa... na porta de casa... Me olham... casa... Olham... Casa?

Três cômodos com o cheiro áspero para atravessar, cômodos um dentro do outro como os palácios renascentistas, sem corredor, o cheiro por toda parte e depois subir novamente as escadas onde os degraus tem cada um uma altura diferente, da largura dos meus ombros. Quantos degraus? cinco, dez, duzentos? uma distância incomensurável para duas mulheres que levantam o corpo de um homem permanentemente a gritar e se contorcer em espasmos, com a sonda quebrada e aquela nasogástrica já apodrecida... me olham, é por isto que têm os olhos assim arregalados e me olham. E enquanto me olham fazem sim com a cabeça, um tubo de plástico balança caído do teto na frente do rosto da mulher, é um tubo de plástico, vem do teto e goteja e a senhora não o afasta, o tubo, deixa que goteje em cima dela, lhe passa na frente da cara, lhe roça o queixo e goteja e não o afasta, poderia afastá-lo, é de plástico, flexível, mas não o afasta. É o tubo de uma bica, um chuveiro, o banho onde lavam o coitado do homem. Goteja e a água se mistura à urina da sonda quebrada, passa um pano por duas vezes no

chão com o rodo. O cheiro áspero. Despeço-me do paciente e das senhoras, atravesso os três cômodos no caminho do regresso. Ganho o patamar, e olho à minha direita. Percebo estar no primeiro andar do subsolo, abaixo há mais três.

Saio para rever as estrelas, chove.

Ainda bem, estou de guarda-chuva.

Gostaria de não ter visto, não ter sabido, não ter falado e gostaria de não ter sido olhado.

Não consigo dormir.



## Enfim

Um meu amigo pensa ser o *Grande Lombardo*

E está tão convencido disso que se comporta como se devesse o fosse. Não queria, mas dentro dele tem a presunção e a vaidade de sê-lo, sabe que o é, e olhando bem eu agora penso mesmo que o seja. Tão forte é sua convicção em sê-lo que assume o papel de uma forma tão convincente que olhando por fora mesmo quem o conhece bem, sente-se tocado, sensibilizado.

Tempo atrás conheceu uma mulher que é líder comunitária de uma favela. Em dez anos de trabalho conseguiu transformar barracos de papelão em casas, trilhas de lama em ruas asfaltadas onde agora até passa ônibus, ausência de tudo em convênios com o Governo de Estado e a Prefeitura, analfabetismo em escola para todos, a sua casa em um centro social. Uma verdadeira mulher atuante. O meu amigo ficou tão impressionado que decidiu colaborar. E então ei-lo, ontem a tarde, sai de casa todo elegante, coisa rara, vai até a favela do outro lado da cidade. A sala cheia de gente e ele aí, na frente de todo mundo, ao centro da atenção, apresentado (é a terceira vez que esta senhora o apresenta desta forma, a terceira grande reunião) com pompa e circunstância à assembleia. E ele, como verdadeiro *Grande Lombardo*, começa a falar, a fazer perguntas, a contar, a desenhar na lousa... fala dos problemas de saúde, de prevenção, de conscientização, explica, conta anedotas, rouba a atenção, segura o espetáculo como Prince, James Brown e Mick Jagger, elegante, orgulhoso dos seus quarenta anos enxutos e dos seus cabelos, cachos sobreviventes quase compridos. O

escutam e nele cravam os olhos. O trabalho que tem é mínimo, diz o óbvio, fala como falaria com crianças da quinta série, repete histórias já repetidas em mil outras ocasiões por mil vezes. Eu também fixo o meu olhar nele e leio na sua alma. O sinto porque sei, a minha é muito mais que uma intuição é uma certeza: queria que toda esta gente que agora o escuta, o agradece, o abraça, o beija, queria que estas pessoas desaparecessem da face da terra, queria que fossem tragadas pela fossa da sua miséria de onde não sabem sair, o queria dentro de si, o queria tanto, o queria gritar, e gritá-lo na cara deles o quanto o enoja estar ali e o quanto o enoja o fato de que tenham trazido na reunião os seus filhos, sujos, descalços, com o nariz ranhento e que falam e fazem barulho e se movem e tocam tudo e não tem silêncio suficiente e que tanto dá na mesma porque esta gente está acostumada com este bordel e que vive neste bordel com este bordel e para fazer da vida um bordel. Eu sei que queria fazer tudo isto, que queria ir embora. Mas sei também que faz tanto tempo que pensa ser o *Grande Lombardo* que acabou por acreditar. E então engole o sapo e vai em frente, continua. No carro, na volta pra casa, canta a Internacional, canta cada vez mais alto até gritar: queria tanto acreditar quando sabe muito bem que nada disso é verdade. Mas mesmo assim continuará a ir lá, uma vez por mês, fará estes encontros com os danados da terra. Mergulhar-se-á nas vísceras do mundo entre vômitos e fedores, entre abraços e perguntas, entre mulheres e crianças. Verá os homens destas mulheres largados nos botecos se embriagando e falará sobre os problemas do alcoolismo, verá estas mulheres se matarem de trabalho e

falará da prevenção da dor nas costas, do infarto e da pressão alta. Verá estas mulheres ter cada filho de um homem diferente e falará de Aids. Ouvirá estes malditos homens se gabar das suas proezas no uso do caralho e falará de preservativos. Eu sei que o meu amigo gostaria de nunca mais voltar aí. Eu sei que queria voltar a estudar música, compor, eu sei que queria ler livros de poesias e escrever, eu sei. Mas por tanto tempo pensou ser o *Grande Lombardo* que agora está convencido e pensa que o seu lugar é lá. Às vezes, ou melhor, sempre, o meu amigo vive esta enorme contradição: sabe mas faz; não é mas queria ser; é porque sabe; sabe porque é; não queria mas faz e faz porque é.

## A senhora e a colega

Encontrei aquele meu amigo, aquele que trabalha na favela, aquele do qual já falei em outras ocasiões. Estava perplexo. Diz que pela primeira vez foi insultado na lata, que lhe falaram misérias. Diz que uma senhora, uma das mais ativas do Grupo, uma daquelas sempre presentes, que participa a todas as iniciativas, hoje o insultou na frente de todos, em plena reunião! E usou palavras pesadas. Conta o meu amigo, que começou dizendo: “hoje estou bêbada: pinga, cerveja, é desde ontem à noite que bebo todas”. Mesmo que as palavras de um bêbado não pode ser levadas muito a sério, ouvir certas coisas nunca é bom. Ouvir na frente de todos, menos ainda. E quando o teor do discurso deixa aparecer uma profunda verdade interior que precisa somente de uma dose de álcool para vir à tona, então entendo todo o desanimo do meu amigo. Após o preambulo, a senhora, cada vez mais convencida da sua posição, começa a por em duvida a honestidade e a atuação do meu amigo: “... acho que para estar aqui, para trabalhar neste buraco, você está ganhando muito dinheiro...” “...se na Itália também tem pobres, porque não vai trabalhar com eles lá...” “... nós não precisamos de nenhum italiano que nós diga o que devemos fazer na nossa casa...” “... você deveria rasgar o seu diploma, quem sabe como trabalhar aqui sou eu...” Terminado o discurso se despede “... falei tudo, vou embora”. Naturalmente todos os presentes o defenderam, o conhecem bem, trabalham juntos há anos, mas para não criar ulterior constrangimento, o meu amigo preferiu dizer duas frases de circunstâncias e permanecer calado.

Se tivessem sido palavras vazias, discursos ocos, delírios do álcool, hoje o meu amigo estaria muito mais tranqüilo. Mas não, aquelas eram, e são, palavras sentidas no profundo de quem não agüenta mais ser usados como carne de canhão por todos aqueles que vivem da miséria alheia: “eu sou filha de escravos” afirmava a senhora batendo no peito com todo o orgulho que pode ter um sobrevivente. A miséria é a indústria mais lucrativa do mundo. Sobre a miséria se baseia toda a política e toda a cultura do clientelismo vigente que prospera desde sempre. Deputados, senadores, prefeitos, vereadores, se elegem com os votos desta gente a qual a cada eleição é prometida a panacéia de todos os males, a qual é doada a “cesta básica”, a camiseta, um par de sapatos, a dentadura em troca de um voto... Dezenas e mais dezenas de adeptos de todas as religiões batem à porta desta gente prometendo a paz de espírito e a eternidade da alma em troca de uma módica doação. É natural, digo ao meu amigo para encorajá-lo, que se revolte, que quando se chega ao limite se estoure. As minhas palavras não servem a nada, o meu amigo diz que se aquela senhora guardava no coração aquele sentimento, outras pessoas também podem sentir a mesma coisa e para ele e o seu trabalho seria o fim. O vejo distanciar-se cabisbaixo. Finalmente uma colega da equipe da RBC, a Reabilitação Baseada na Comunidade, que desde o começo trabalha com ele, diz *Mostre a ele que para ter o que se quer é preciso coragem e fé. É preciso acreditar e olhar ao longe. De cabeça erguida caminhar e com passos firmes saber onde se quer chegar. Conte a ele o teu segredo. Mostre que elevar ao quadrado e multiplicar a esperança subtrai a tristeza do teu coração. Divida com o teu filho que*

*sofre, os teus ensinamentos. Abra o teu livro da memória.  
Mostre que a fórmula simples é somar esforços, acrescentar  
amor e viver feliz.*

O meu amigo volta a sorrir.

## **Uma tarde qualquer**

Declarações de estima  
*vocês são uma semente que deu fruto*  
Sinceridade de intenções, a nossa  
de indiscutível disciplina interior  
deriva a honestidade na presença  
e respeito incondicional  
pela dor do outro que não quero

Descida aos infernos, entro no barraco  
mundo de barracos  
na favela do mundo

Luz dirigida  
pontos focais  
velas e lâmpadas remediadas  
quase escuro

Som de cântico  
É a missa  
presentes:  
eu, Maria, Benedita, Edith, João, Gerson deitado na cama  
escaras abertas, pus, edemas, semi cego  
Fedor insuportável

Altar improvisado:  
caixa de papelão  
cuecas sujas jogadas num canto  
no barraco construído em dez anos de sacrifícios

... sinal da cruz, *segno della croce*  
antiguidade do rito  
universalidade do sofrimento  
atemporalidade do sofrimento  
comunhão no sofrimento  
única salvação: amenizar o sofrimento  
rito de salvação  
deus sofre comigo

Frio e vento improviso  
sensação do real: eu existo porque sinto frio  
Imagem do “verdadeiro”  
experiência do “concreto” e refúgio no mito  
amenizar o mal presente  
presença do mal  
ação externa (demoníaca?) ou intrínseco ao homem?  
concepção corporal do tempo  
concepção epidérmica do tempo  
completa alienação da História

não conhecer  
ignorar  
nunca protagonistas sempre vítimas  
é Deus  
só deus  
e se o como eu fico como ele  
mas eu continuo com as chagas abertas  
Cada um tem a sua cruz  
*o meu deus é diferente* diz Maria  
*diferente daquele dos evangélicos*



afirmação da unicidade do meu deus e por consequência  
minha

*ajude-me senhor a vender droga para salvar as minhas  
crianças*

*e matar os filhos dos outros*

*a manter a família unida*

*a minha família unida e que as outras vão se foder*

Maria explica o motivo pelo qual o filho ficou com os  
traficantes:

*crise da adolescência*

Lágrimas

abuso da infância

perda da inocência

na miséria não existe inocência

solução impossível

metáfora humana

repetição eterna

aceitação do destino

falta de alternativa

destruição da personalidade do indivíduo

através a uniformização das condições de vida

a miséria como denominador comum

a miséria como falta de alternativa

sem saída

cegueira total

soma de cegueira individual que por sua vez é formada pelo

reconhecer-se recíproco na cegueira do outro

responsabilidade coletiva

Uma tarde qualquer  
periferia do mundo  
buraco  
poço  
frio  
escuro  
morte em vida  
vida morta

## **Mais um ano**

O conto começa assim com estas palavras: mais um ano.

Conheço bem este meu amigo, o seu entusiasmo, a sua vontade de não parar. Por isto os seus contos começam com esta frase. E neste ano que passou aconteceram tantas coisas que ao contá-las uma se confunde com a outra. E percebo que é assim mesmo, todas estas coisas que ele conta parecem fazer parte de uma mesma situação, uma mesma ação, um mesmo modo de fazer, trabalhar, enxergar os problemas e as soluções. É como se fosse um contágio que se alastra muito devagar, mas que penetra fundo nas consciências de quem for atingido. Percebo que o meu amigo tem dificuldade em contar, ele diz que não, mas eu sei de quanto tudo isto o toca por dentro, o emociona verdadeiramente. Diz que tudo começa pela impossibilidade que algumas pessoas têm de ficar paradas simplesmente aceitando o que aí está. Diz que estas pessoas curiosas e tenazes, de repente se organizam e chamam outras que, contagiadas, aceitam. Diz que assim fazendo forma-se um grupo com sede própria, nome, objetivos, metodologia de trabalho e tudo mais. Diz também que este grupo quer crescer mais ainda. Diz.

Afirmar que numa comunidade carente da periferia de uma metrópole como a nossa existam problemas, é dizer o óbvio. Porém, a fala do meu amigo me convence que os problemas podem se transformar em soluções... Parece bobagem, a maior bobagem do mundo! Mas pensamos bem: quando se consegue que pessoas tomem consciência das suas possibilidades de intervenção no tecido social onde vivem e

das suas capacidades concretas de influir na realidade e façam disto motivo de crescimento individual e coletivo, quando se consegue tudo isto, entende-se o porquê do existir deste Grupo ao qual meu amigo se refere. E o nome deste grupo diz tudo: “Aprendendo a Semear”. Ou seja: pelo próprio nome se reconhece que para conseguir colher resultados precisa-se começar do zero, da aprendizagem, precisa sim aprender a semear. Semear o quê? Às vezes, diz o meu amigo, estamos tão acostumados a não ter nada, a viver de nada, que as nossas aspirações se reduzem a nada, aspiramos a sobreviver mais um dia, sem esperança para mais nada que não seja... o nada. E quem diz isto, conta ele, são os amigos que ele conheceu lá na comunidade, aqueles que realmente se tornaram protagonistas da mudança. Pois bem, estas pessoas contataram uma associação chamada AVAPE (Associação pela Valorização da Pessoa Excepcional) formada por profissionais da área da saúde (psicopedagoga, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional, assistente social sob a coordenação de um médico psiquiatra) que há muitos anos trabalha em comunidades carentes segundo os princípios da “Reabilitação Baseada na Comunidade”. Esta ação é voltada à formação de voluntários para que consigam lidar melhor com os problemas da deficiência física ou mental eventualmente presentes naquele meio. Aos poucos, através de reuniões semanais, percebe-se que o conceito de “deficiência” em uma comunidade carente, não se reduz somente à definição de limitações funcionais motoras ou psíquicas, mas abrange tudo aquilo que é considerado “carência”: as crianças sem escolas, a falta de higiene, a falta de informação, o

desconhecimento dos direitos e dos deveres, etc.

As reuniões semanais, portanto, compreendem uma infinidade de temas a serem tratados, estudados e trabalhados que fazem parte de um único grande objetivo: o exercício pleno e consciente da cidadania, do ser e do fazer coletivo para que cada um se torne “multiplicador” de informações e de realizações.

Em dezembro houve a festa de fim de ano, a confraternização na qual estavam presentes todos os integrantes do Grupo, a equipe da AVAPE e o meu amigo também.

Conta ele que antes da troca de presentes, antes de comer o bolo e outras mil delícias, preparadas por cada um dos participantes do Grupo, houve o momento dos discursos.

Falou Lourdes, definida pelo meu amigo como a alma do Grupo: agradeceu a todos e a cada um por tudo o que foi feito e por tudo que se fará em mais um ano de trabalho. O meu amigo diz que a Lourdes além de enxergar longe, também é capaz de pensar longe. Cada um dos integrantes da equipe da AVAPE teve a sua fala, a começar pelo coordenador que, emocionando-se, demonstrou assim os sentimentos de todos os colegas de trabalho.

O meu amigo também foi convidado pela Lourdes a falar... Conta que disse duas palavras de circunstância, que não foi capaz de dizer o que realmente sentia e me confidenciou que quando entrou na sala e viu toda aquela gente... quando ouviu uma moça ao mesmo tempo usuária, integrante e multiplicadora do Grupo dizer: “eu antes não saía de casa, não fazia nada, não via ninguém, hoje...” quando viu o símbolo da opressão, representada por uma pirâmide de

papel, sendo destruída aos poucos por cada um dos presentes até deixar intacta a base onde aparecia a palavra “solidariedade”.... quando viu esta gente orgulhosa daquilo que era, daquilo que é, e daquilo que pode se tornar em mais um ano de trabalho, percebeu que todos os esforços para lutar contra o desânimo e a desesperança para a construção de uma nova forma de se conviver, podem e devem valer a pena.

Pelas palavras do meu amigo, tenho certeza de que este Grupo vai longe, mais um ano, dois, três...

## Imagens

Um álbum de foto recolhe as impressões de um ano.

Um álbum de foto é só alegria.

Centenas de rostos, um único rosto: a razão de tanto sorriso é a festa de confraternização, a distribuição de presentes para todas as crianças. Nós, precisamos de momentos assim, de festa, de descontração. A nossa realidade é dura demais: é fome, pobreza, desespero, violência, analfabetismo.

Mas não nas fotos, nestas fotos diante dos meus olhos.

Aqui vejo uma comunidade que “apesar de” sobrevive, levanta a cabeça e busca soluções, sem firulas, sem sonhos irrealizáveis, mas mantendo os pés bem firmes, fincados na realidade do dia-a-dia.

Os sorrisos das crianças ecoam da imagem e preenche o vazio que a pobreza quer deixar na nossa alma.

A comunidade organizada é capaz disso tudo, é capaz de valorizar a dignidade de cada uma destas mulheres segurando os cartazes ou sentadas na reunião. Mulheres e homens até ontem esquecidos e humilhados pela falta de conhecimento, por não saber ler nem escrever: hoje o curso do Mova trouxe de volta para cada um de nós o gosto e o orgulho de ser cidadão, dono do seu destino.

A festa do grupo Aprendendo a Semear, que também faz parte da comunidade, é mais uma prova contra o desânimo e a resignação, mais uma evidência de que influir na realidade é possível. Mesmo que as mudanças introduzidas pelo grupo atinjam uma só pessoa, não importa, o que é realmente importante é o sentido da coisa: significa que “todos podem”.

Quantas fotos cabem num álbum? Dez, cem, mil? Mil sorrisos, mil abraços.

Um time de futebol: “Os pernas de pau”, digo brincando; não, “As canelas de ouro”, respondem. Mas é claro, estes são meninos de ouro.

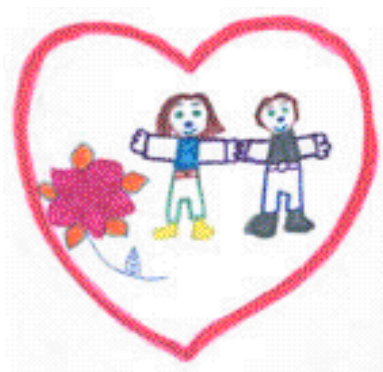
Uma mãe diz “um simples time de futebol pode representar a alternativa à violência, ao crime”... estas palavras representam os fatos reais muito mais que qualquer tratado de sociologia: o emprego construtivo das energias, do tempo, das ideias, é a única garantia que nós, o povo, temos para nos livrar dos nossos fantasmas medonhos, que cada dia roem a nossa gente e minam a nossa sobrevivência. Somente através da organização, nem que seja de um time de futebol, podemos enfrentar com altivez os desafios da vida.

É isto que vejo nas fotos; não a documentação fria e distante de uma série de atividades sociais desta comunidade, vejo a vontade, o orgulho, o trabalho. Vejo companheiros e amigos que não se rendem, homens e mulheres tenazes, lutadores, prontos finalmente para Ser.

Aqui, nestas fotos, vejo o meu País.



Projeto **“JUNTOS PARA VENCER”**  
Comunidade Santa Isabel (Favela dos Sem Terra)  
**Avenida..**



Somos da Comunidade Santa Isabel e formamos uma parceria de voluntários com o Arsenal da Esperança, a AVAPE (Associação para a Valorização e Promoção de Excepcionais) e a Caritas Diocesana de Santo Amaro.

Convidamos você para participar conosco deste projeto que trabalha pelo resgate e a afirmação da cidadania junto à comunidade, buscando a melhora da qualidade de vida de pessoas deficientes e com dificuldades.

Realizamos jogos, brincadeiras, atividades dirigidas nas áreas motoras, da fala, da aprendizagem e que desenvolvem a criatividade. Contamos também com o apoio de um grupo de profissionais especializados: Assistente Social, Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo,

Médico, Psicólogo e Terapeuta Ocupacional.

“PRECISAMOS DA PARTICIPAÇÃO DE TODOS PARA TOCAR O PROJETO **JUNTOS PARA VENCER ADIANTE**” (Sr. Pedro – participante do Projeto)

Local: Comunidade Santa Isabel (Favela dos Sem terra), na Capelinha.

Horário: das 9:00h às 11:00h e das 13:30 h às 16:00 h  
Todas as quartas feiras.

“PODEMOS AJUDAR A PESSOA A MELHORAR CADA VEZ MAIS, PARA DEPOIS PASSAR AQUILO QUE ELA APRENDEU PARA OUTRA PESSOA QUE PRECISA...”

“...PESSOA QUE NÃO SE MEXE, PODEMOS TIRAR ELA DE CASA PARA ELA DAR UM SORRISO, FAZER A VIDA DELA MELHOR.” (Mara – Participante do Projeto)

## **Carta Aberta**

Na metade dos anos setenta, devido à crise da moradia que já naquela época assolava o município, algumas famílias levadas pela necessidade, tomaram a decisão extrema de invadir terrenos abandonados localizados na periferia da zona sul da cidade de São Paulo, à margem da rodovia dos Imigrantes.

O terreno pertencia a uma área de fronteira com o município de Diadema e há anos se encontrava em estado de completo abandono. A vegetação brejeira, o riacho, o terreno acidentado tornava difícil o acesso e praticamente impossível o assentamento das famílias. Apesar das dificuldades aparentemente insuperáveis de habitar num lugar incompatível com a sobrevivência, as famílias já organizadas em associação, aceitaram o desafio e bem ali construíram as suas casas. Começou assim um longo processo de saneamento da área até aquele momento desprovida de qualquer serviço: água luz esgoto, etc. Frente à necessidade comum, a população apesar de viver em condições precárias porém movida por uma grande força cívica, por meio de manifestações e pressões de todo tipo, junto às autoridades competentes, conseguiu sensibilizar os órgãos públicos responsáveis para iniciar o longo processo de melhoria das suas condições de vida. Os esforços comuns tomaram uma efetiva consistência a partir da criação do “Centro Comunitário Jardim Lourdes”: a água, a energia elétrica, a canalização do esgoto que desde sempre escorria a céu aberto, a abertura de uma rua asfaltada, a iluminação pública, foram os primeiros grandes sucessos aos quais

seguiram o reconhecimento oficial de um novo bairro com a relativa denominação das ruas, a implementação das linhas de ônibus e, talvez a coisa mais importante, o registro oficial do título de propriedade da terra.

Hoje o Centro Comunitário coordena em colaboração com o Governo do Estado e o Município, todos os projetos de inclusão social, presentes na nossa região: cursos de alfabetização para adultos do Mova, atividades recreativas, cursos de artesanato, capoeira, teatro, três times de futebol e dois programas de auxílio alimentar para famílias em estado de necessidade.

Entre as atividades gostaríamos de destacar uma em modo especial pelas suas características peculiares: a constituição de um grupo de voluntários envolvidos no processo de integração social dos deficientes físicos ou mentais, organizado segundo os princípios da Reabilitação Baseada na Comunidade.

Tudo começou quando fizemos contato com um grupo análogo com sede em uma favela próxima que já há algum tempo trabalhava neste campo com a colaboração da Equipe técnica da AVAPE (Associação para a Valorização da Pessoa Excepcional) formada por um médico psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, assistente social e com a participação externa de dois voluntários, um fisioterapeuta e uma pedagoga.

Após os primeiros contatos começou uma verdadeira parceria que continua até hoje, na qual as duas componentes do grupo, os voluntários e a equipe técnica, enfrentam os problemas inerentes à vida dos deficientes da nossa

comunidade para buscar juntos soluções adequadas que possam favorecer a sua participação e a sua inclusão social. Não se trata de uma intervenção terapêutica ou medica em sentido literal, mas de uma pesquisa constante de um modo mais fácil e mais humano de convivência da pessoa com a sua própria dificuldade no contexto em que vive: o seu ser cidadão consciente e participativo.

Batizamos o nosso grupo com um nome sugestivo: Aprendendo a Semear.

Hoje nos reunimos todas as quartas feiras, pela manhã para a discussão dos problemas e a organização, à tarde para as várias atividades. Compreendemos que o conceito de deficiência numa comunidade como a nossa é muito mais abrangente do que uma simples limitação física: o trabalho que desenvolvemos quer enfrentar as dificuldades criadas pela discriminação social que a deficiência comporta, o racismo, todos os tipos de racismo, o nosso trabalho quer enfrentar a deficiência da ignorância, da falta de informação, a deficiência da exclusão a qual a pessoa é submetida. Discutimos olho no olho para que seja possível a todos nós ter conhecimento e consciência dos nossos direitos e dos nossos deveres. Hoje podemos contar os nossos sucessos quando vemos que algumas pessoas, antes isoladas e humilhadas, estão agora inseridas no mundo do trabalho, participam a grupo de voluntariado o simplesmente saem de casa sorrindo. E a este propósito citamos textualmente as palavras de Nice, deficiente e voluntária do grupo: *é muito bom participar do projeto Aprendendo a Semear. Antes eu era uma pessoa triste, sozinha, preocupada com aquilo que os outros pensavam de mim. Tinha medo que me*

*desprezassem e não saia nunca de casa. Tinha medo da rejeição e da desvalorização do meu trabalho. Hoje, desde quando conheci este maravilhoso projeto, descobri o quanto sou importante e quanto valor tenho para os outros. Trabalho como voluntária num grande hospital da cidade e todos me respeitam. Fui até mesmo convidada a uma reunião com a equipe de organização...*

Este é o objetivo do grupo: o resgate do direito à existência, e com Nice poderíamos citar Rosangela, Eliane e tantos outros.

Trabalhamos com o pouco que temos, o espaço apertado cedido por uma família (uma simples sala sem janelas, mas suficientemente grande para nela podermos trabalhar, sala esta a ser compartilhadas com todas as outras atividades do Centro Comunitário já elencadas), não nos impede de ser esperançosos. Procuramos constantemente uma acomodação melhor que, estamos certos, conseguiremos encontrar. Os nossos pensamentos vão ao futuro. Pensamos grande, pensamos a um centro recreativo e cultural onde poderíamos criar cursos profissionalizantes e atividades educativas, principalmente para as crianças e os jovens considerando-os como forma de prevenção para que ninguém caia mais na criminalidade e no mundo da droga. Na espera olhamos as nossas limitações e, apesar de todas as dificuldades enfrentadas nestes anos, estamos orgulhosos dos resultados obtidos porque temos a consciência de que somente através da mobilização e da colaboração de todos, a vida e o mundo valem a pena.

Se quiserem vir nos visitar e trabalhar juntos...

Centro Comunitário

Jardim Lourdes

**MAIS LONGE AINDA**

## *Continuar sendo*

De uma profecia de um padre jesuíta resultou o que hoje está aqui na minha frente. Intuo que se estende mais além daquilo que a névoa da poluição me permite enxergar: uma das maiores cidades do mundo. Eis lá, o coração econômico do Brasil, a avenida Paulista onde são tomadas as decisões do desenvolvimento econômico da Nação; eis um pouco mais para esquerda, a sinuosidade do edifício Copan; à direita, o estádio do Morumbi. Uma enorme mancha urbana se estende até aqui, até os pés desta montanha que sofre e luta uma batalha perdida: preservar-se contra o cimento que avança de todos os lados. O rodoanel ruge de caminhões e os loteamentos clandestinos invadem o que sobra da floresta primitiva.

Estou aqui, no Pico do Jaraguá. Uma grade me separa da imensidão de uma queda livre de centenas de metros e o cartaz adverte: cuidado abismo.

A estrada desce íngreme. Na saída do parque, o cruzamento com a indicação: Marginal Tietê.

Do outro lado da estrada, aos pés de um muro de arrimo que parece desmoronar a qualquer momento, uma mesa aí colocada quase por engano chama a minha atenção. Paro o carro. Objetos das formas e cores exóticos expostos para serem vendidos, artesanato índio. Levanto o olhar. Num terreno baldio umas cabanas de lona, outras de madeira remediada. Uma favela, penso. Entro no terreno. Algumas crianças se aproximam, e logo me dou conta que não estou onde supunha, os sorrisos, as feições do rosto e o jeito de falar me revelam que estou em uma aldeia Tupi-Guarani.



Logo me mostram o caminho para chegar à casa do chefe. Atravesso a rua, deste outro lado as casas são de alvenaria; reconheço a escola e a enfermaria. Chego à casa do Chefe: uma mulher. Apresento-me e digo a verdade: sou cidadão de São Paulo, moro no centro da cidade e quero conhecer a aldeia de outros cidadãos paulistanos como eu. A Chefe depois de um momento de desconfiança natural, acredita em mim. Começa assim uma longa conversa. A história da aldeia, a história da sua família, a história da sua gente. De vez em quando interrompe a fala para olhar um enorme pássaro branco pousar na copa da árvore. Chega o filho, é ele o porta-voz da comunidade. Conta que ali, bem ali, o Bispo Sardinha, cujo monumento está no Terreiro de Jesus em Salvador, descobriu ouro. Ainda estão em pé os vestígios usados no processo de extração. Sentamos na escada que conduz ao tanque onde se lavava a terra. Enquanto escuto, consigo me enxergar: estou num sítio arqueológico, o primeiro lugar em São Paulo onde começou a exploração do ouro, numa aldeia Tupi-Guarani, a dez minutos da marginal Tietê. Esta senhora, Cacique da aldeia, me revela que o momento de desconfiança inicial a meu respeito foi devido às tantas visitas que recebe, na grande maioria de pessoas com intenções, segundo ela, nada amigáveis, prontas a se aproveitar da boa-fé e da situação de necessidade alheia.

Um menino no meu colo. A Cacique, avó orgulhosa diz: é índio puro. A minha excitação inicial de turista deslumbrado, aos poucos deixa lugar para o senso de realidade, as palavras dos meus anfitriões são verdadeiras e duras. Contam das dificuldades do dia-a-dia, da luta pela sobrevivência diária, contam de como manter dignidade e

respeito de si apesar da realidade de exclusão, de abandono e discriminação na qual são obrigados a viver. Ao nascer, contam, a criança não tem nome. O receberá durante uma cerimônia que acontece uma vez por ano, na qual os Pajés de várias aldeias se reúnem no Templo dedicado ao Deus Tupã. O nome da criança é tão sagrado que só o Pajé no Templo pode revelá-lo.

Mas esta mesma criança, que vive em São Paulo a dez minutos da marginal Tietê, precisa também de um outro nome, um nome em língua portuguesa, José, João, Maria, para que possa ser registrada em cartório e ser reconhecida como gente pela máquina do Estado. Uma cerimônia sagrada num Templo, os Pajé em contato direto com Tupã, o Criador, que revelará o nome do menino... e o registro feito por um burocrata qualquer em um cartório qualquer que deixa um papel sem vida com escrito José, João, Maria. Quer me mostrar o Templo. Entramos numa construção de madeira e folhas sem nenhuma decoração ou imagem, grande o suficiente para abrigar muitas pessoas e pequena o bastante para não se distrair nem dispersar a atenção durante as cerimônias. A Cacique dobra levemente os joelhos com os braços ao longo do corpo e as palmas das mãos viradas para frente, diz que este gesto pode se comparar ao sinal da cruz. Não me deixa fotografar, o lugar é sagrado. Este Templo é só um símbolo, explica a Cacique, na verdade Deus mora em toda parte e quando cortamos as árvores para construí-lo, antes abraçamos a tora e pedimos a Ele desculpa por cortar e permissão por usar.

Lembro da visão dos loteamentos clandestinos que comeram a floresta virgem: o nosso povo antes chamado à cidade de

todos os cantos do País para erguê-la forte, próspera e poderosa para depois dela e por ela ser expulso e obrigado a se amontoar em periferias sem nome, sem rosto e sem sentido, onde perdeu a sua identidade, as suas tradições e a sua história. Aqui na aldeia Tupi-Guarani estou conversando com amigos que falam uma língua tão antiga quanto o latim, tão rica em nuances quanto o inglês de Shakespeare ou o italiano de Dante. Todas as crianças vão à escola na própria aldeia e a professora alfabetiza em português e na língua nativa que teve que adaptar a sua tradição oral, aos sinais da escrita. A riqueza cultural se exprime também através do trabalho: um longo bastão que ao virá-lo lentamente de ponta cabeça borbulha som da chuva ao molhar o chão. Cuidado, não mexe muito, diz a Cacique, funciona mesmo: lembra aquele incêndio nas florestas em Roraima alguns anos atrás? Lembra que não sabiam mais como fazer para apagar? Lembra? Chamaram dois Pajés e... na mesma noite começou a chover, declara com o sorriso de quem sabe das coisas.

Apesar do clima de cordialidade que logo se instaurou entre nós, tem algo que nesta aldeia me incomoda, algo que destoa.

É esta maldita pobreza que vejo, esta precariedade das cabanas de lona e madeira, é o perceber que a Comunidade tenta desesperadamente resistir, mas que pela proximidade com a cidade, não consegue ser autossuficiente, autônoma para suprir às suas necessidades, precisa utilizar os instrumentos que esta oferece e aos quais parece não ter acesso. Incomoda-me o entusiasmo que eu tive ao entrar

aqui: como se estivesse tendo uma aventura exótica e não uma normal aproximação com outras pessoas como eu. Incomoda-me o racismo dentro de mim que me obriga a “confrontar-me” e “comparar-me” com eles, que me obriga a enxergar o outro como algo diferente e ameaçador às minhas convicções e aos meus esquemas mentais.

Esta gente, que quando o Bispo Sardinha chegou, já estava aqui há séculos, compreendia uma população de mais de cinco milhões de pessoas. Compartilhava a terra e o céu num modelo de convivência harmônica com a Criação, falava uma língua na qual não existia o pronome possessivo “meu”, na qual não era contemplado o conceito de posse. Esta gente que vivia para si mesma, não queria converter os padres jesuítas, mas, pelo costume de incorporar o estranho à comunidade, os acolheu com colares de flores e em troca teve que adquirir nomes cristãos e um batismo diferente daquele determinado por Tupã. Foi despossada da sua terra, escravizada e por fim despojada de sua alma através de uma “conversão” que avassalou a sua consciência.

Esta gente não quer que eu seja mais um interlocutor, não quer se sentir “visitada”, não quer continuar a produzir “artesanato exótico” para o deleite dos turistas. Esta gente não quer ser protegida, ajudada com a compaixão paternalista de uma cesta básica. Esta gente não quer sobreviver, esta gente quer a dignidade a qual tem direito e que tiramos dela todas as vezes que a “visitamos” com a máquina fotográfica no pescoço para experimentar a emoção da “vida selvagem”.

Esta gente, a dez minutos da marginal Tietê, mesmo cercada

pela cidade que não se importa com nada e com ninguém, quer continuar sendo o que sempre foi: o povo Tupi-Guarani.

## *Continuar Sendo, parte 2*

Cenoura e tomate.

Cenouras e tomates podres há semanas, apodrecendo entre as pernas de cachorros sarnentos e galinhas bêbadas de fome, lama e mais lama grudando em mim até o fim, até onde a lama não deveria ter permissão de grudar, saco de lixo na porta da casa-casebre, anti-casa de um anti-lugar num tempo que é anti-histórico, pré-histórico, pré-tempo, cenouras e tomates de uma doação deixados apodrecer no chão podre entre pernas podres de cachorros podres. Apodrecem as cenouras e apodrecem os tomates porque sobram. É o destino de quem sobra: apodrecer.

Quem é “a mais” apodrece. Apodrecem os homens nos corredores de um hospital mambembe da absurda periferia da cidade; apodrecem de ócio os detentos nas fétidas prisões; morrem os homens livres: de podridão da alma imóvel.

Cenouras e tomates de uma anti-doação: sobravam, ninguém queria, estavam fartos de todos aqueles tomates e de todas aquelas cenouras. Agora estão aqui, as cenouras, os tomates, espalhados pelo chão lamacento, adoecendo e apodrecendo entre piolhos e fraldas sujas de excrementos podres.

Terra vermelha banhada por uma nascente transformada em esgoto na mesma hora do nascimento. O peixe ali pescado é a comida do dia. Poça de água podre, peixe sobrevivente dum holocausto nuclear, mutante vivo, testemunha muda de um mundo fora de qualquer parâmetro a não ser o do anti-mundo, que se confunde com a maior, a mais rica, a mais

poderosa cidade do hemisfério sul. Visão de uma morte em vida, uma anti-vida, uma morte que não é morte, vivendo uma vida que não é vida.

Visão infernal na minha frente.

Não tolero mais esta visão, chega de miséria, chega de abandono, chega.

Não aguento mais esta nossa relação baseada no pedido incessante de ajuda.

Eu não quero ajudar ninguém, não quero saber das dificuldades dos outros.

Ninguém desta gente se preocupa comigo, com os meus problemas, com o meu trabalho, com as minhas contas atrasadas, as minhas dívidas, a minha dor no joelho, ninguém se importa comigo porque só pedem, pedem e mais pedem.

Porque ninguém me abraça só por amizade?

Porque atrás do abraço se esconde o pedido?

Dinheiro, Roupas, Comida.

Pedem, pedem, só sabem pedir.

A nossa é uma anti-relação em um anti-mundo. A nossa é uma inútil tentativa conciliatória de duas visões inconciliáveis da Vida e do Mundo.

Quem se põe e se põe o “problema” ético da aproximação isenta, respeitosa, sou eu.

Eles pedem, só pedem e sempre pedirão. E se por acaso, um dia, num anti-futuro, terão parado de pedir alguma coisa, terei sido eu a impor, terei sido eu a dizer: Não, não me peçam mais nada. Deles vem somente uma anti-espectativa, numa anti-esperança de melhorar de vida através de anti-

doações de cenoura-tomates-roupas-dinheiro.

E o lixo na porta de casa sempre estará sendo pisado e espalhado. Lixo é lixo, merda e dejetos, restos de comida e vômito. Chega. Basta. Não aguento mais.

Ao entrar no Templo a penumbra me envolve. Lembro instintivamente a primeira vez que entrei em São Pedro em Roma: o sol de agosto entrava por trás do “Baldacchino” por três janelas enormes, deixando a penumbra cortada por três feixes de luz: “eis a Santíssima Trindade”, pensei. O Templo é o de sempre, simples, cru, de terra, madeira e palha. O meu amigo conta uma história, uma metáfora da vida, uma daquelas histórias que gostariam de possuir uma moral, de ensinar alguma coisa de profundo. Escuto e percebo que se trata de uma mistura repugnante de preceitos “religiosos” de três grandes religiões locais: a católica, a evangélica e o espiritismo. O meu amigo não se dá conta que está sendo enganado de novo, como vem sendo enganado há quinhentos anos quando os portugueses compraram a sua alma por um espelinho... O meu amigo não percebe o quanto se humilha, nem o quanto se isola da sua própria história e de si mesmo. O meu amigo está morrendo. E quase morro eu, ao ouvir dele que esta menina de doze anos que está na minha frente, é cobiçada por todos os homens da aldeia, “para ser usada”, diz.

Ali, no Templo recebo o pedido. Não queria. Não estava aqui pra isso. Não vim até aqui pra isso. Ali é feito o primeiro pedido de uma série interminável de outros: camisetas para o time de futebol da aldeia. A bola, pedem logo depois. Um violão e um violino, para tocar nas cerimônias e nas apresentações eventuais feitas em escolas e



eventos. Já presenciei uma destas apresentações: umas vinte crianças que posam de índio, que se fazem passar por selvagens, dançando e cantando na frente de uma plateia entediada de filhos da classe média alta da cidade que aplaudem os bichinhos ensinados, os indiozinhos exóticos. Já vi como depois da apresentação, no momento que deveria ser de confraternização entre a plateia entediada e os indiozinhos exóticos, ninguém se aproxima de ninguém, cada um ficando na sua com medo ou nojo do outro. Já vi.

Um violão e um violino.

O dinheiro é pedido no final, quando me acompanha até o carro. Sei que é o dinheiro para a comida do dia. Invento uma desculpa porque não sou capaz de dizer a verdade, tenho que mentir, dizer que ando meio duro, que os tempos são difíceis para mim também... Queria tanto dizer: Não gente, dinheiro não, dinheiro não se pede, dinheiro se recebe depois do trabalho; se me pedir uma palestra sobre os problemas de saúde, se me pedir para organizar um grupo de artesanato, se me pedir uma carona até a Secretaria da Assistência Social para exigir que a enfermaria da aldeia seja reconstruída o mais cedo possível, se me pedir para escrever uma carta para a Funai para que todas as crianças voltem à escola, se me pedir um abraço....

Sei muito bem o que vocês estão pensando agora: que cara arrogante, não entende as diferenças culturais, não tem humildade e blá blá blá... Sei.

Mas sei também que em nome do respeito às diferenças culturais se cometem os mais graves delitos contra estas mesmas diferenças que se pretenderiam proteger.

A criança não tem o “direito” de continuar analfabeta; o velhinho não tem o “direito” de morrer de fome na espera eterna de uma doação de cenouras e tomates. Quem doa cenouras e tomates, quem doa alimentos, dinheiro e violão, que conta histórias que misturam superstição com preceitos cristãos-evangélicos-espíritas, não está fazendo outra coisa senão perpetuar a subserviência, a humilhação, a miséria secular desta gente, esta gente que, como as cenouras e os tomates espalhados pelo chão, vai continuar sobrando, vai continuar apodrecendo.

Vou embora, tragado pelo trânsito da marginal, incapaz de pensar.

## Prólogo de boca cheia

E eu, filho dos filhos de Michelangelo e de Leonardo, eu que li tudo Proust e Sartre, eu que chego a analisar cartesianamente até o Kant, eu, o que estou fazendo aqui? Eu eu eu ... me encho a boca com esta palavra: EU. Principalmente todas as vezes que chego aqui. E sempre comparando: “...é, sim, mas eu...” ou quando iluminado por sentimentos mais sociáveis: “... é, sim, mas nós...” para logo definir e enfatizar as diferenças.

O Abraço da Jandira me derrete, confesso. É uma pequena mulher que me acolheu desde o começo com um grande sorriso, digo mais, o sorriso da Jandira foi a senha, a deixa para podermos sempre ser amigos. Afinal ela é o chefe, a *Cacique*, ela tem o poder de decisão sobre a vida da aldeia. Hoje finalmente chegou o dia do *nhemon gray*, o batizado, o dia em que receberei um nome novo, na língua *tupi-guarani*.

A minha pergunta inicial é devida a inúmeros fatores que vão dos mais prosaicos, como é o pisar na lama e sujar os sapatos, até ter ciência de que toda e qualquer intervenção individual como a minha pode no máximo influir num micro mudança, mas nunca alcançará o objetivo maior, nunca mudará a sociedade, o mundo. Eu, eu, eu.

E com esta minha presunção enrustida, caminho em direção ao *Pajé*, que mal me cumprimenta nem sequer olha para mim, para EU.

Ao contrário, me acusa de antemão de ser como todos os brancos, de vir aqui hoje e depois nunca mais aparecer. Evidentemente não sabe ou não lembra.

Continua afirmando que de hoje em diante quando ele precisar de alguma coisa EU devo correr aqui para satisfazer o seu desejo.

Dentro de mim procuro justificar esta atitude pensando nos séculos de colonização e na miséria na qual esta gente foi jogada. Porém penso que estamos em São Paulo no ano de 2004 e ele teria todos os meios de sair desta condição de eterna submissão em que se encontra. Um amigo me convida a entrar em sua casa, converso a respeito das palavras do *Pajé*; o amigo me acalma e me conforta dizendo que poderemos esclarecer diretamente a nossa posição e a finalidade do nosso trabalho com o próprio *Pajé* em uma outra ocasião.

Hoje é dia do batizado, o *nhemon gray*, a grande festa que acontece uma vez por ano e reúne gente de várias tribos mais alguns brancos, entre os quais está quem deseja experimentar o gosto da aventura, mas também que tem sérias intenções de colaboração. Mas na casa deste amigo vejo o cenário de sempre, vejo o estereotipo da miséria que vi todas as vezes por aí nas favelas da vida: a sujeira mais encardida que domina todos os ambientes onde convivem cães gatos galinhas pintos crianças homens e mulheres. Escuto a tosse das crianças descalças, doentes e sem dentes. Procuro não pensar nos piolhos e na água com a qual foi feito o café que estou tomando e que não tive a coragem de recusar.

Com o espírito mais uma vez dominado pela desesperança e pelo desânimo, me aproximo do templo para também EU, filho dos filhos de Michelangelo, Leonardo, Proust e Kant, ser batizado. EU que vivo lembrando o discurso de Ulisses:

“fatti non foste a viver come bruti...” EU que chego até a justificar o mundo de hoje pensando que se a supremacia é do ocidente é porque afinal este fez por merecer sendo empurrado na linha do tempo e do espaço em direção ao porvir de um futuro radiante por uma força de um imperativo categórico que diz “*Navegar é preciso...*”.

Eu sei que ao entrar no templo vou me deparar com o imobilismo cósmico de um povo a mingua que utiliza o ritual catártico para explicar o mundo inexplicável, com a aceitação passiva do convívio social assim como é porque sempre foi e sempre será.

Eu eu eu, me encho a boca com este EU e entro no Templo.

### *Continuar Sendo – parte 3*

Sons impronunciáveis saindo de mil bocas.

A oscilação na dança dos corpos reunidos juntos no exíguo espaço do Templo grande como o Mundo, um mundo antigo e mágico que se materializa no instante em que é evocado.

Gente espremida entre as paredes de pau-a-pique sem demonstrar desconforto algum, criança em toda parte. No chão vermelho da *Terra Brasilis* inteiras famílias: a minha idealização de uma História imaginária, de toda uma Nação perdida em lendas exóticas, está agora aqui, feita de pessoas reais.

Cheiro acre do fumo de corda, música e dança reverberam no interior do Templo e de cada um dos presentes.

Estou no centro do mundo e cada pessoa daqui é agente da materialização do Divino e do Infinito que se faz real em cada corpo, em cada som das centenas de rostos Guarani da cor da Terra.

A Mulher-Menina-Mãe onipresente está deitada no fundo com as crianças no peito.

A Mulher-Menina-Mãe dança aqui na frente do *ambã*, o altar: uma fila de vozes e de passos rítmicos de aparência simples que conseguem se mover na cadência dos semitons da escala penta tônica do canto constante.

O Homem-Guerreiro-Garoto do lado oposto, na dança ou sentado ao violão puxa a antífona, responde o coral feminino. O Homem-Guerreiro-Garoto, bate o peito e o pé, num ritmo forte de anúncio: a confirmação do seu existir.

No meio das filas o altar: uma canoa para transportar as almas dos antigos. A fumaça envolve o Templo inteiro. Os

*petynguá*, os cachimbos passam de boca em boca, o gosto forte impregna o ar.

O átimo vivido junta os presentes numa oração feita de música, os sons abrangem agora o universo inteiro: um “parlato” coral, murmúrio de fundo que modula os semitons e se torna “coletividade que canta” através de todas as nuances que a emissão da voz é capaz: um canto polifônico que abrange a todos, que faz parte, que permeia a todos.

Um gregoriano ancestral com o intento de dar sentido às coisas da alma.

E de repente tudo se encaixa. Tudo: a dignidade hierática do Pajé, a música em transe, a visão do cachimbo na boca das crianças, desta aqui, esta menina que me sobe no colo e pede uma boneca para brincar.

Estamos todos imbuídos de uma constante aspiração por uma definitiva emancipação do sofrimento, um ritual dionisíaco num êxtase sonoro para sermos homens mais dignos: quem é “batizado” não pode esquecer o seu novo nome jamais, diz, severo, o Pajé; quem é “batizado” não pode esquecer dos seus irmãos jamais; quem é “batizado” deve sempre voltar: inclinamos a cabeça e a mão do Pajé asperge a água benzida com a fumaça que ele próprio assoprou e os homens, desgarrados, solitários, perdidos podem assim tornar-se iguais, reconhecer-se no grupo dos iguais, agora meus irmãos de fé e de sangue.

A canoa-altar circundada pelas danças da Mulher-Menina-Mãe, pelo canto sem fim e pela fumaça do cachimbo do Pajé, está no centro, é o centro, tudo gira em volta, tudo tem um sentido, e este guerreiro que com uma faca simbólica tenta cortar as nossas pernas para derrubar-nos, não pode

mais nos assustar: consigo pular, agora sou mais rápido  
porque aqui, hoje a aura de catástrofe que entope o mundo,  
não entra, não tem lugar pra ela.  
Aqui na aldeia hoje é festa.

Arã Mirin (Edith Moniz)

Verã Jecupé (Paolo D'Aprile)



## **Bem-aventurados os que tem fome e sede de Justiça**

*...Este vagabundo tem que mofar na cadeia...*

*Bandido bom é bandido morto...*

*É possível que ninguém possa dar um jeito neste verdadeiro animal?*

*Deixa estar, daqui a pouco ele vai virar bonequinha de bandido no xadrez...*

Estas, entre uma coleção de outras, as profundas considerações com as quais somos brindados todos os dias há anos (e quem sabe até quando) por ilustres jornalistas, líderes de audiências, formadores de opinião, que se autodenominam defensores do povo e da cidadania. É, assim mesmo: defensores do povo e da cidadania. Estas declarações vão muito mais além do ilustre jornalista que as proferiu: entram a fazer parte do pensar e do agir cotidiano do nosso povo, do modo de encarar as relações entre as pessoas, as instituições e a convivência pacífica e democrática, transformando a opinião pública em massa amorfa e homogênea que clama por vingança e morte.

A coisa mais fácil, o caminho mais curto, é o da descrença e da desesperança.

É fácil olhar para um bandido perigoso, para um estuprador, ou para um simples batedor de carteira e pensar no que eu lhe faria se pudesse... além de ser fácil é a coisa que mais se ouve quando publicamente se ousa contestar ou confutar afirmações semelhantes...

*queria ver se fosse com você, ou com sua filha... já foi*

*assaltado? O que adianta prender se daqui a pouco está na rua, tem que matar mesmo...*

Frente a dor e ao desespero das vítimas de tamanha violência, o que dizer? O que dizer frente ao medo que assola o nosso povo? Como fazer para mostrar que o caminho da descrença e da desesperança é um caminho sem volta?

Como fazer para explicar que mesmo aquele ali, aquele sujeito que foi pego com a mão suja de sangue, aquele que tem a cara mostrada na televisão, aquele execrável exposto ao público ludíbrio, aquele *monstro* (para continuar com as definições dos ilustres jornalistas)... tem direito a ser processado conforme as regras da Lei, e se a mesma Lei que manda prendê-lo, o determinar, deve ser libertado? Como explicar tudo isso?

Não sei, sinceramente, não sei. Não sei se consigo falar de Princípios, de Direitos, de Democracia frente ao desespero que tomou conta de nossa sociedade.

É dever lembrar que a minha geração cresceu, sofreu e muitas vezes morreu, durante a exibição muscular de um Poder infecto de autoritarismo em um túnel de medo, intimidação e violência institucional. É bom lembrar que a livre convivência democrática se reconquistou não com a violência, mas com a força dos Princípios e dos Ideais. Porque não existe liberdade democrática que não funde os seus alicerces em valores mais fortes e duradouros do que os da simples revanche.

Talvez seja isto que possa responder: não quero uma revanche e não quero responder à ofensa do crime com os meios, os métodos e as palavras que ele mesmo usa. Então

eu não sou mais tão pequeno nem impotente frente à descrença. Eu me torno forte porque me amparo em Ideais e Princípios universais. Eu me torno uma rocha, um guardião, me torno aquele que pode fazer a diferença entre a barbárie da arbitrariedade e a Justiça, a Lei: falarei por, chamarei para mim a responsabilidade, farei minhas as necessidades e as instâncias de quem precisa de amparo perante a violência do mundo e muitas vezes perante o descaso do Estado: eis o verdadeiro significado dos termos latinos *Advocatus*, *Advocare*.

Ninguém teria a força de me obrigar a tomar as dores dos outros, porém Algo de Superior o impõe. Diz o antigo ditado hebraico: quem salva uma vida salva o mundo inteiro... Eu acrescento: quem opera na e pela Justiça demonstra e comprova que esta realmente existe.

Sim, é assim que poderei responder todas as vezes que escutar aquelas afirmações que ofendem a consciência de quem crê nos valores da Liberdade.

A Liberdade é o direito mais sagrado de um povo. E eu tenho nas mãos os instrumentos para zelar que esta Liberdade seja realmente vivida na sua plenitude, na sua consciência dos direitos e dos deveres da pessoa perante si mesma e perante os seus semelhantes. E disto eu tenho certeza. A garantia da Liberdade passa pelas mãos e pelas atitudes de quem, esta mesma liberdade, a constrói a cada dia zelando por ela, para que a Lei seja aplicada, a Justiça seja Justa, e o indivíduo, massificado amorfo e humilhado, se torne Cidadão.

## **Eu quero**

Eu quero ser a diferença

Eu quero fazer a diferença

Quero porque posso, quero porque tenho os meios profissionais e humanos para sê-la.

Quero trabalhar com; estar com; decidir com e ser artífice do meu destino.

Quero ter as rédeas e as regras do jogo nas mãos.

Quero usar a minha experiência para ficar com quem nunca foi contemplado, com quem teve desde o começo o direito a existência negado.

Quero ficar perto ao elo mais fraco da cadeia alimentar sobre o qual se baseia o nosso mundo: a criança... a criança transformada em sombra de si mesma obrigada a vagar sem rumo pela vida até a aniquilação das suas potencialidades de pessoa do esvaziamento da sua humanidade e da sua incolumidade física.

Quero fazer valer o meu direito de viver em um mundo sem miséria e sem a violência gerada por ela.

Quero escolher... por que frente à situação extrema é preciso escolher.

E é por isso que não me interessa escrever a história, mas ficar com quem desta história é a vítima.

Quero ter a resposta para todas as perguntas e quero questionar e indagar a cada resposta.

Quero trabalhar com

Ser

Estar

Ser homem e mulher dignos

Ser finalmente cidadão do meu País.

## Salmo da Paz

Eu não!

Não acredito na paz do mais forte imposta com bombas, aviões e soldados...

Não acredito na paz jurada aos quatro ventos pelos Grandes da Terra em troca de favores internacionais e de petróleo...

Eu não!

Não acredito na paz das nações de mercadores em busca de novos lucros...

Não acredito na paz social mantida com a força militar...

Eu não!

Não acredito na paz entre as pessoas, quando as mesmas se odeiam por causa de diferenças de pensamento, de religião, de time de futebol...

Não acredito na paz da nossa sociedade, quando encontro uma criança sem escola...

Eu não!

Não acredito nesta paz hipócrita, divulgada pela mídia, quando injeta na pessoa a convicção de que o maior e melhor direito é o de ser feliz...

Não acredito nesta paz simulada de um Poder ladrão e assassino que me diz: não roube, não mate...

Eu não!

Não acredito nesta paz fictícia que quer me convencer que a

realidade é verdadeira só quando é mostrada na televisão...  
Não acredito nesta paz ignóbil que faz da vida um espetáculo...

Eu não!

Não acredito nesta cínica paz onde a única liberdade do povo, do meu povo, é resmungar e se humilhar em programas de auditório...

Não acredito na paz da homologação porque abaixo dela existe a estupidez verdadeira...

Eu não!

Não acredito na paz do silêncio que quer me convencer que “não se pode dizer”, que “não se pode fazer”, que “não se pode ser”...

Não acredito na paz, quando o povo, o meu, o nosso povo não é sequer mencionado nos livros da História Universal, mas frequenta constantemente as páginas policiais...

Não acredito nesta paz que mata os nossos sonhos.

Mas eu sim

Acredito e quero a Paz.

A Paz que se constrói a cada dia entre todos, entre nós...

A Paz que vem de dentro, lá do fundo, feita dos pequenos gestos quotidianos.

Mas eu sim

Acredito e quero a Paz.

A Paz que quer mudança de hábitos e costumes  
A Paz que me faz enxergar o outro ao meu lado não mais  
como um adversário, mas como um companheiro de  
viagem.

Mas eu sim  
Acredito e quero a Paz

A Paz fundada na solidariedade entre as pessoas, entre mim  
e você.  
A Paz que não me faz dormir direito, até quando haverá  
crianças morando e morrendo nas ruas.

Mas eu sim  
Acredito e quero a Paz

A Paz de todos e para todos, onde as iguais oportunidades  
sejam realmente iguais e ninguém mais seja “mais igual”  
que outros.  
A Paz onde a “coisa pública” não seja mais “coisa”, mas  
seja Minha, Sua, Nossa.

Mas eu sim  
Acredito e quero a Paz

A Paz da Verdade  
A Paz da vida ultrajada à procura do resgate da sua  
dignidade



Mas eu sim  
Acredito e quero a Paz

A Paz da busca do divino em cada homem, do sagrado em  
cada gesto, do consolo em cada palavra

A Paz da procura de novos valores, novos deveres do  
homem para com ele mesmo e para com o mundo

Mas eu sim  
Acredito e quero a Paz

A Paz de todos nós.